

DÁLIA MARIA ANDRÉ JESUS

**Produção e Reconhecimento de Substantivos  
Abstractos Deadjectivais em Português L2**

**Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra  
2010**

DÁLIA MARIA ANDRÉ JESUS

**Produção e Reconhecimento de Substantivos  
Abstractos Deadjectivais em Português L2**

*Dissertação de Mestrado em Português Língua Estrangeira/ Língua Segunda, área de especialização em Linguística Aplicada, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação das Professoras Doutoradas Isabel Maria Almeida Santos e Graça Maria Oliveira Silva Rio-Torto*

**Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra  
2010**

## ÍNDICE GERAL

Índice de Quadros, Gráficos e Tabelas.....	iv
Resumo.....	v
Agradecimentos.....	vi
<b>0. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OS NOMES ABSTRACTOS DEADJECTIVAIS: CONCEITOS E QUESTÕES FUNDAMENTAIS.....</b>	<b>4</b>
Introdução .....	5
<b>1. Processos de criação lexical.....</b>	<b>5</b>
1.1.A formação de palavras .....	7
1.2.Formação de nomes abstractos deadjectivais .....	8
<b>2. Os nomes abstractos .....</b>	<b>10</b>
2.1.Os nomes de qualidade .....	12
2.2.Os nomes de estado .....	13
<b>3. Operadores sufixais .....</b>	<b>15</b>
3.1.Identificação dos sufixos .....	15
3.2.Relações intralexicaais .....	18
3.3.Relações interlexicaais .....	21
3.4.Competições sufixais.....	23
Conclusão.....	26
<b>CAPÍTULO 2 – MORFOLOGIA DERIVACIONAL E LÉXICO MENTAL ....</b>	<b>27</b>
Introdução .....	28
<b>1. O léxico mental.....</b>	<b>28</b>
<b>2. O léxico mental do bilingue.....</b>	<b>30</b>
2.1.Os Modelos Hierárquicos .....	31
2.2.O Modelo Bilingue de Activação Interactiva .....	34
2.3.O Modelo Distributivo de Traços Lexicais e Conceptuais.....	34

<b>3. Estudos neurolinguísticos: Modelo da memória declarativa/ procedimental.....</b>	<b>36</b>
<b>4. A morfologia e o léxico mental.....</b>	<b>38</b>
4.1. Modelo da “Decomposição Morfológica” .....	38
4.2. Modelo das “Entradas Independentes” .....	39
4.3. Modelos Mistos .....	40
4.3.1. O Modelo AAM (Augmented Addressed Morphology) .....	40
4.3.2. O “Meta-Model” .....	41
4.3.3. Outros contributos .....	43
<b>5. Factores intervenientes no processamento da morfologia derivacional .....</b>	<b>44</b>
5.1. A frequência .....	44
5.2. A produtividade .....	45
5.3. Transparência/ opacidade .....	46
5.3.1. Transparência semântica.....	46
5.3.2. Transparência lexical.....	47
<b>6. A aquisição da morfologia derivacional.....</b>	<b>48</b>
6.1. O conhecimento morfológico .....	49
6.2. A morfologia derivacional em L2 .....	50
Conclusão.....	53
<b>CAPÍTULO 3 – O TRABALHO EXPERIMENTAL.....</b>	<b>56</b>
Introdução.....	57
<b>1. Objectivos.....</b>	<b>57</b>
1.1. Objectivo geral .....	57
1.2. Objectivos específicos .....	58
<b>2. Os informantes .....</b>	<b>59</b>
<b>3. O inquérito.....</b>	<b>62</b>
3.1. Estrutura .....	62
3.2. Critérios de selecção dos itens lexicais.....	63
<b>4. Apresentação e tratamento analítico dos dados.....</b>	<b>65</b>
4.1. Exercício 1.....	66
4.1.1. Apresentação dos dados.....	66
4.1.2. Descrição e análise dos dados .....	69
4.2. Exercício 2.....	74

4.2.1. Apresentação dos dados.....	74
4.2.2. Descrição e análise dos dados .....	77
4.3.Exercício 3.....	80
4.3.1. Apresentação dos dados.....	80
4.3.2. Descrição e análise dos dados .....	82
4.4 Exercício 4.....	89
<b>5. Síntese .....</b>	<b>92</b>
<b>CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO FINAL .....</b>	<b>95</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO 1 – O inquérito.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO 2 – Frequência numérica dos itens lexicais .....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO 3 – Combinatórias obtidas no exercício 1 .....</b>	<b>123</b>

## ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

<b>Quadro 1</b> - Sufixos latinos e respectivos representantes portugueses.....	16
<b>Quadro 2</b> - Número de participantes em função do sexo e da idade.....	59
<b>Quadro 3</b> - Número de alunos por nacionalidade.....	60
<b>Tabela 1</b> - Lista das ocorrências obtidas no exercício por tipologia de produtos.....	68
<b>Tabela 2</b> - Lista das ocorrências obtidas no exercício 2 por tipologia de produtos.....	76
<b>Tabela 3</b> - Resultados do exercício 2 por número e percentagem de respostas certas e erradas.....	77
<b>Tabela 4</b> - Listas das ocorrências obtidas no exercício 3.....	82
<b>Tabela 5</b> - Lista das ocorrências por respostas certas, erradas e sem resposta.....	83
<b>Tabela 6</b> - Apresentação das decomposições dos pseudo-derivados.....	88
<b>Tabela 7</b> - Recolha dos dados do exercício 4, por ocorrências.....	89
<b>Gráfico 1</b> - Totais de registos de ocorrências por respostas certas, respostas erradas e as não respostas.....	69
<b>Gráfico 2</b> – Ocorrências, por sufixos, dos produtos não dicionarizados que seguem a RFP ESSIV.....	73
<b>Gráfico 3</b> - Taxa de sucesso registada no exercício 3.....	83
<b>Gráfico 4</b> - Exercício 4: respostas do item b. por tipologia.....	91
<b>Figura 1</b> - Os Modelos Hierárquicos.....	31
<b>Figura 2</b> - O Modelo Distributivo de Traços Conceptuais e Lexicais.....	35
<b>Figura 3</b> - Representação do Modelo Distributivo de Traços Conceptuais e Lexicais para diferentes tipos de nominais.....	36
<b>Figura 4</b> - Memórias declarativa e procedimental e linguagem (Representação esquemática).....	37

## Resumo

Esta dissertação tem como objectivo geral analisar o modo como se realiza a aprendizagem de nomes abstractos de adjectivais por alunos aprendentes de PLE.

O objectivo específico deste estudo é procurar, por um lado, identificar se factores como a frequência lexical e a transparência/ opacidade contribuem para a compreensão e produção deste tipo de produto e, por outro lado, reconhecer as estratégias usadas pelos informantes no reconhecimento e compreensão de palavras complexas.

Começámos por esclarecer questões relativas à natureza e à formação dos produtos em foco e, em seguida, tratámos questões relacionadas com o processamento cognitivo de palavras morfologicamente complexas. A opção por este enquadramento teórico justifica-se, por um lado, pela vertente morfológica e lexical que o nosso tema implica, na medida em que iremos analisar um determinado tipo de estrutura, e, por outro lado, pela vertente psicolinguística, visto estar em causa a actividade de processamento de informações de ordem morfológica, lexical e semântica em situação de aprendizagem do português língua não materna, neste caso, na sua variedade europeia.

Posteriormente, recolheram-se dados originais junto de alunos de PL2, de nível B1 e B2 do QECRL (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas) aos quais foi submetido um inquérito; o referido inquérito é constituído por quatro exercícios, distintos, que testam competências também elas diversificadas: produção, reconhecimento/ decomposição e aceitabilidade lexical/ morfológica. Da análise destes dados, concluímos que a frequência e a transparência dos itens lexicais, ou ,ainda, a disponibilidade dos sufixos são factores actuantes na aprendizagem dos nomes abstractos de adjectivais.

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer aqui a todos aqueles, que de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

Às Professoras Doutoradas Isabel Maria Almeida Santos e Graça Maria Oliveira Silva Rio-Torto, da Universidade de Coimbra, pela sua total disponibilidade, pela orientação e pelo apoio que me deram.

Aos professores de PLE da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Maria Carmen Castro Duarte Frias Gouveia e Antonino Conceição Almeida Silva, pelo tempo disponibilizado nas suas aulas.

Aos meus pais, irmã, familiares e amigos pelas palavras de incentivo, motivação e conforto nos momentos de maior desânimo.

Às minhas amigas, Alexandra e Lurdes, pelo interesse demonstrado pelo desenvolvimento desta dissertação.

Ao meu marido Ulisses e ao meu filho Tomás pela paciência e compreensão demonstradas.

A todos, um grande OBRIGADA.

## 0. Introdução

Quando um falante se depara com uma palavra desconhecida, uma das possibilidades que está ao seu alcance para descobrir o seu significado é decompor essa palavra em partes mais pequenas portadoras de sentido, i.e. em morfemas<sup>1</sup>. Ao decompor a palavra em morfemas, o falante está a recorrer à sua *competência derivacional*<sup>2</sup> usando-a como estratégia para inferir, a partir do sentido dos constituintes, o sentido global da palavra. Ao proceder deste modo, é necessário que o falante tenha adquirido, formal ou informalmente, habilidades linguísticas que lhe permitam realizar uma análise morfológica da palavra.

Vários autores sublinharam a importância do conhecimento morfológico no desenvolvimento do vocabulário e no desenvolvimento da competência de leitura em L1 (Carlisle, 1995; Bellomo, 2009), como também em L2<sup>3</sup> (Lowie, 1998; Morin, 2003). A análise morfológica é vista como uma estratégia de aprendizagem eficaz no reconhecimento, interpretação e memorização de um vasto número de palavras morfológicamente complexas que um falante encontra nos seus diversos actos comunicativos. Tal como afirma Bellomo (2009: 45), «recognizing frequent roots and affixes that transfer among the disciplines can support students as they make sense and attempt to retain the meanings of this deluge of new words». Na medida em que os alunos, quer de PLM, quer de PL2, irão encontrar e aprender, ao longo do seu percurso escolar, várias palavras complexas, achámos relevante desenvolver um estudo nesta área.

Neste estudo, interessámo-nos pela área da morfologia derivacional, i.e. a área da morfologia que se encontra ao serviço da formação de palavras novas a partir de

---

<sup>1</sup> «Para os linguistas da escola norte-americana, “morfema” identifica a menor unidade portadora de significação (...); para os linguistas da escola europeia (particularmente francesa) “morfema” identifica apenas as unidades mínimas que representam relações gramaticais.» (Mateus e Villalva, 2006: 56).

<sup>2</sup> Entende-se por competência derivacional «o conhecimento das operações semânticas e categoriais que estão por detrás dos processos de que esta língua dispõe para construir novas palavras, bem como a identificação dos recursos afixais nestas presentes.» (Rio-Torto, 1992: 427).

<sup>3</sup> Isabel Leiria (2004: 1 - nota 1) distingue **L2**, que considera «termo genérico para referir qualquer situação de aprendizagem, de ensino ou de uso de língua não materna», de **LS** (língua segunda) expressão usada «para referir as situações em que ela é língua oficial» e de **LE** (língua estrangeira) «para referir a situação de aprendizagem, de ensino ou de uso em ambiente exclusivamente formal, ou seja, em que não se verifica a variável imersão». Na medida em que o perfil linguístico dos participantes não é homogéneo e os informadores, alunos da disciplina de Língua Portuguesa, se encontram, também, em contexto de imersão, optaremos por usar a sigla **L2** para nos referirmos à aprendizagem do português neste trabalho.

palavras já existentes e pela junção de um afixo. Dentro do vasto domínio da formação de palavras, a escolha do tema desta dissertação recaiu sobre a aprendizagem de nomes abstractos de adjectivais pelas características sintácticas e semânticas que estes nominais apresentam e que serão abordadas oportunamente.

O nosso objectivo principal, é perceber, através de uma investigação empírica, de que forma os alunos aprendentes de L2 aprendem, compreendem e produzem nomes abstractos de adjectivais. Mais concretamente, tentaremos responder às questões seguintes: (1) que consciência tem o aluno da estrutura compósita destes produtos? (2) que consciência tem o aprendente do facto de uma base poder seleccionar vários sufixos? (3) que tipo de estratégia(s)/ mecanismos utiliza o aluno? (4) que factores podem estar envolvidos no processamento das palavras complexas?

Em primeiro lugar, iniciaremos esta dissertação pelo esclarecimento de conceitos teóricos inerentes aos produtos em foco e indispensáveis à descrição e análise dos dados.

Assim, no capítulo 1, serão esclarecidos conceitos e questões fundamentais relacionados com o nome abstracto de adjectival: formação e natureza destes produtos, relações e restrições semânticas e sintácticas.

O capítulo 2 ocupar-se-á de questões ligadas à morfologia e ao chamado “léxico mental”. Apresentaremos alguns dos modelos bilingues mais divulgados e o modo como estes concebem a organização do léxico. Seguidamente, veremos alguns modelos de análise do processamento e do acesso às palavras derivadas bem como referiremos os factores aí envolvidos. Por fim, serão abordadas questões relativas ao conhecimento morfológico e à aquisição da morfologia derivacional, quer em L1, quer em L2.

Definido o enquadramento teórico deste trabalho, procederemos à apresentação da investigação empírica propriamente dita.

O capítulo 3 debruçar-se-á, portanto, sobre os resultados da análise de dados recolhidos por meio de um inquérito submetido a alunos de português L2. Começaremos por explanar os objectivos que motivaram o nosso estudo; em seguida, descreveremos o inquérito bem como os critérios subjacentes à selecção dos itens lexicais e por último, procederemos à descrição e interpretação dos dados recolhidos.

Por fim, no capítulo 4, proceder-se-á à síntese das questões teóricas discutidas na dissertação e serão apresentadas algumas reflexões e conclusões decorrentes.

Conhecer melhor o modo como os aprendentes de português língua não materna aprendem e tratam a estrutura derivacional e os nomes abstractos deadjectivais em concreto tem, quanto a nós, vários pontos de interesse; por exemplo, sabe-se que a população imigrante em Portugal tem crescido e que, paralelamente, as nossas escolas de todos os graus de ensino têm recebido um número crescente de alunos estrangeiros.

Porque poucos estudos foram ainda realizados nesta área, quer incidindo em L1 quer incidindo em L2, este estudo pretende ser uma contribuição para o conhecimento sobre a forma como se processa a aprendizagem dos nomes abstractos deadjectivais por parte de alunos estrangeiros aprendentes de PL2.

**CAPÍTULO 1 – OS NOMES ABSTRACTOS DEADJECTIVAIS:  
CONCEITOS E QUESTÕES FUNDAMENTAIS**

## **Introdução**

Neste primeiro capítulo, iremos clarificar os conceitos fundamentais para o estudo dos nomes abstractos de adjectivais.

Num primeiro momento, serão descritos de forma sucinta os processos de criação lexical que a língua tem ao seu dispor para a renovação vocabular; seguidamente daremos conta das operações em que assentam as regras de formação de palavras, descrevendo mais pormenorizadamente as operações de adição, bem como as regras de formação de palavras ao serviço da construção de nomes abstractos de adjectivais.

Num segundo momento, procuraremos delimitar o conceito de "nome abstracto de adjectival", mais especificamente o de "nomes de qualidade" e "nomes de estado", abordando as questões inerentes a este tipo de produto: referir-nos-emos às suas diferenças, restrições e combinações, sintácticas e semânticas.

Por fim, veremos quais são os operadores sufixais passíveis de construir nomes abstractos de adjectivais. Serão também abordadas as relações inter e intralexicaís dos produtos em foco, bem como algumas das "competições" sufixais existentes.

### **1. Processos de criação lexical**

O léxico de todas as línguas vivas está em constante renovação. Enquanto algumas palavras entram em desuso e acabam por se tornar arcaísmos, uma grande quantidade de unidades lexicais é criada pelos falantes. O léxico, como sistema aberto e em constante expansão, vai sendo enriquecido com formações novas que resultam fundamentalmente da necessidade humana de nomear realidades que surgem ao longo do tempo e acompanhar, deste modo, a evolução tecnológica, cultural, etc.

A estes vocábulos novos é geralmente dado o nome de "neologismos", sendo estes os elementos resultantes do processo de criação lexical, e a "neologia", por sua vez, «a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas» (Correia, 1998a: 61). Os neologismos caracterizam-se por terem

entrado há pouco tempo ou por se encontrarem ainda em fase de integração no léxico. Assim, «os neologismos são, então, num primeiro momento unidades do discurso, passando para o sistema da língua apenas aquelas formações que assumem um carácter permanente e estável, isto é, aquelas que resultam de uma necessidade do sistema, sobretudo as de carácter denominativo. A entrada no sistema linguístico, oficializada pelo registo em dicionário de língua, é, ao mesmo tempo, o momento em que a formação deixa de ser um neologismo» (Correia, 1998a: 62).

Margarita Correia (1998a: 61) verifica que os neologismos podem ser de natureza diversa:

- de natureza semântica, quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, isto é, quando uma palavra já existente adquire uma nova acepção : *rato* (animal mamífero) e *rato* (acessório informático);
- de natureza pragmática, quando a neologia resulta da passagem de uma palavra previamente usada num dado registo para outro registo de língua: *bófia*<sup>4</sup> ;
- de natureza formal, quando o neologismo apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registo de uma língua como é o caso de derivados e compostos novos ou de estrangeirismos : *surf*, *download*, *fast-food*.

Assim, vários são os processos de que a língua dispõe para renovar o seu léxico. Os produtos tratados no presente estudo inserem-se no vasto domínio da neologia formal, comumente designado por “formação de palavras”, a qual, ao descrever processos e paradigmas de construção de palavras dicionarizadas, dá conta de diversos processos de renovação lexical, que passamos sucintamente a descrever.

---

<sup>4</sup> De acordo com a autora, este vocábulo, que pertencia inicialmente à gíria marginal dos bairros lisboetas, passou «para registos menos marcados socialmente, como a linguagem dos jovens e até o registo familiar.» (Correia, 1998a : 61).

## 1.1. A formação de palavras

Muitas vezes definidos, de forma simplificada, como «o conjunto de processos morfo-sintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais» (Cunha e Cintra, 1984: 85), os processos de formação de palavras «apresenta(m)-se como um domínio de acentuada complexidade, decorrente não apenas das variáveis com que opera mas também da capacidade gerativa por que se define, e que a designação de “sector/componente genolexical” sublinha.» (Rio-Torto, 1998: 83).

Veremos que a complexidade inerente à formação de palavras decorre da sua interacção com diferentes áreas da língua tais como a morfologia, a semântica, a sintaxe, o léxico ou ainda a fonologia, sendo, deste modo, indissociável destas.

As regras de formação de palavras assentam em três grandes tipos de operações: operações de adição, operações de subtracção ou de redução e operações de modificação (Rio-Torto, 1998: 86), sendo que cada um destes processos apresenta ainda diversas modalidades.

Os produtos em foco no presente estudo - os nomes abstractos de adjectivais - resultam de processos aditivos, mais concretamente de um processo de afixação que «consiste na adjunção de um afixo a uma base» e que pode ser de três tipos - prefixação, sufixação e circunfixação - (Rio-Torto, 1998: 86).

As operações de prefixação consistem, em português, na anteposição de um prefixo a uma base e caracterizam-se por não envolverem alteração categorial:

$$[fazer]_v \rightarrow [des[fazer]]_v$$

As operações de sufixação consistem no acréscimo de um sufixo e podem ser de dois tipos: isocategorial ou heterocategorial.

A sufixação isocategorial não envolve alteração categorial, sendo que a base e o produto têm a mesma categoria gramatical:

$$[cas]_N \rightarrow [[cas]_N inh]_N$$

A sufixação heterocategorial provoca alteração categorial, sendo que o produto e a base apresentam categorias gramaticais diferentes:

[alegr]<sub>A</sub> → [[alegr]<sub>A</sub>ia]<sub>N</sub>

O processo de circunfixação, por sua vez, opera na formação de verbos denominais ou deadjectivais e caracteriza-se pela aposição de um afixo descontínuo:

[braç]<sub>N</sub> → [es [brac]<sub>N</sub>ej]<sub>V</sub>

Os nomes abstractos deadjectivais são produtos de um processo de sufixação heterocategorial gerados por uma regra de formação de palavras (RFP) que apresentaremos em seguida.

## 1.2. Formação de nomes abstractos deadjectivais

As bases<sup>5</sup> e os afixos não se ligam entre si de modo aleatório. De facto, em cada língua existem regras de formação de palavras que especificam as suas condições ou restrições semânticas e/ou categoriais. Assim, as regras, assentando nas regularidades observadas e funcionando como directrizes na constituição de novos produtos, determinam o tipo de base à qual se pode juntar determinado afixo.

Estas regras de combinação de bases e afixos evitam, por um lado, a formação de unidades lexicais impossíveis ou não aceitáveis e que não poderiam ser interpretadas do ponto de vista semântico. Por outro lado, estas regras permitem criar palavras novas ainda não atestadas mas, no entanto, estruturalmente possíveis.

As regras de formação de palavras «afectam a cada produto que geram (i) uma dada categoria léxico-sintáctica, (ii) a informação semântica e sintáctica básica e geral que é comum aos demais produtos da mesma regra, e ainda (iii) informações acerca das restrições de selecção e das propriedades de subcategorização a que o produto eventualmente está sujeito.» (Rio-Torto, 1998: 65).

---

<sup>5</sup> Neste estudo, entendemos por *base* uma unidade à qual se junta um afixo e será o conceito usado preferencialmente. Não devemos, portanto, confundir este conceito com o de *raiz* e de *radical*; entende-se por *raiz* um «elemento irreduzível recorrente em formas lexicais aparentadas pelo sentido (...). Este elemento é sempre um morfema, na medida em que constitui o suporte de uma unidade mínima de significação. Obtém-se por eliminação de todas as marcas gramaticais e de todos os elementos de formação da palavra.» (Gallisson e Coste, 1983: 603). O *radical*, que na sua forma simples coincide com o conceito de *raiz*, otém-se pela eliminação de todas as unidades gramaticais; pode, portanto, integrar elementos afixais de natureza derivacional (Villalva, 2003: 920).

Os nomes abstractos deadjectivais, denominados por nomes de qualidade, nomes de propriedade ou nomes essivos deadjectivais e parafraseáveis por “o facto de ser X”, “propriedade/qualidade de ser X”, são produtos de uma RFP ESSIV (Rio-Torto,1998: 122). Segundo esta autora, os nomes essivos, por serem produtos essencialmente deprecativos, e cujas bases podem ser adjetivos ou nomes, são subsumíveis numa operação derivacional do tipo PRED (A/N) →N ESSIV.

A autora acrescenta ainda que alguns produtos desta regra, por efeito de processos metonímicos, significam “atitude, acção de quem é X (PRED)” (*amabilidade*) e, por uma transição escalar do abstracto para o concreto, “aquilo/aquele que é A” (*imundície, beldade*), “conjunto de que é A”( *gestualidade*) (Rio-Torto, 1998: 122).

Esta hipótese de uma RFP que desse conta de produtos deprecativos já tinha sido equacionada por Graça Rio-Torto num artigo datado de 1992 e no qual a autora começa por preconizar a existência três RFP distintas – RFP QUAL, que produz nomes de qualidade deadjectivais (*inteligência*), RFP ATIT, que constrói nomes de atitude denominais (*burrice*) e RFP STAD, que dá origem a nomes denominais de “estatuto humano” (*vassalagem*) - para posteriormente as considerar como manifestações de uma única regra, a RFP PRED, cujos produtos são parafraseáveis por “o facto de ser X”. A regra que inicialmente permite a construção de nomes de qualidade deadjectivais e cujos produtos são marcados pelo traço [+abstracto] é a RFP QUAL que constrói nomes abstractos deadjectivais e cuja operação derivacional pode ser representada da seguinte forma, em que X representa a base:  $[X]_A \rightarrow \{[X]_A \text{ sufixo}\}_N$

Os operadores sufixais que estão ao serviço da construção dos nomes de qualidade são: *-aria, -eira, -ez, -eza, -dade, -ia, -ice, ície, -(i)dão, -ismo, -ura*. A autora refere ainda que, para além destes, existem ainda os sufixos *-ância, -ência e -tude*, não disponíveis no português contemporâneo (Rio-Torto, 1992: 434).

Conceição Anastácio (1997 e 1999) desenvolve esta hipótese de uma regra de formação de nomes deprecativos (RFP DEPRED) que daria conta de produtos que «por influência dos co(n)textos, podem inscrever-se em duas RFP’s parafraseadas por “o facto de V” (deverbais) e “a qualidade de (ser) A” (deadjectivais).» (Anastácio, 1999: 73). A autora admite que produtos como *cedência* (deverbal) e *inteligência* (deadjectival) são produtos de um mesmo processo gerador de nomes deprecativos, regra esta que, por um lado, salvaguarda o princípio de unidade semântica e, por outro,

o da unicidade categorial<sup>6</sup>. Os produtos desta regra, a RFP DEPRED, são produtos de «uma só classe morfológica de predicativos: são os que têm como base um vocábulo cuja categoria morfológica é um predicado», podendo o derivado pertencer a três classes: nomes de qualidade, nomes de acção e nomes de estado (Anastácio, 1997:78-79). Esta solução permite «configurar e compactar num só mecanismo predicativo os dois processos deadjectival e deverbal» com a vantagem de ser mais abrangente e económico (Rio-Torto e Anastácio, 2004: 189). Os operadores sufixais que partilham uma base predicativa são: *-ado, -aria, -ato, -eira, -dade, -dão, -eza, -ia, -ice, -ismo, -tude, -ume, -ura* (Rio-Torto, 1998: 122), acrescentam-se ainda *-(a)gem, -ez e -ncia* (Rio-Torto e Anastácio, 2004: 194).

De acordo com o que foi exposto, tanto a RFP ESSIV como a RFP DEPRED dão conta da formação dos mesmos tipos de produtos, entre os quais os nomes abstractos deadjectivais; neste trabalho, optaremos pela denominação RFP ESSIV por a considerarmos mais abrangente.

## 2. Os nomes abstractos

Sendo o nosso objecto de estudo os nomes abstractos deadjectivais, também denominados de nomes essivos (*nomina essendi*) ou nomes de qualidade, interessar-nos-á agora, nesta alínea, procurar delimitar o conceito de “nome abstracto”.

A distinção abstracto/concreto no domínio da análise linguística é uma questão que tem preocupado os especialistas. À primeira vista, a diferença assenta no facto de os nomes concretos denotarem realidades materiais e, por conseguinte, acessíveis aos nossos sentidos, enquanto os nomes abstractos exprimem «noções existentes apenas na

---

<sup>6</sup> Estes princípios ancoram-se no modelo de morfologia construcional de Danielle Corbin (1987), modelo no qual se impunham dois princípios fundamentais: a “obrigatoriedade de unidade categorial” e a “obrigatoriedade de unidade semântica”. Deste modo, os derivados de uma mesma RFP teriam de obrigatoriamente pertencer à mesma categoria bem como ter a mesma leitura semântica. Este modelo inicial considerado demasiado rígido, que foi divulgado em Portugal por Graça Rio-Torto, foi alvo de várias revisões, o que leva esta última (Rio-Torto, 1998: 76) a postular que cada regra de formação de palavras (RFP) se define «por uma relação semântico-categorial unitária, mas não necessariamente unicategorial.».

nossa imaginação: uma qualidade, um estado, uma acção» (Piel, 1940: 2). Podemos então concluir perante esta afirmação que nomes como *mesa*, *livro*, *sapato* são concretos e que os nomes *alegria*, *inteligência*, *liberdade* entram, por sua vez, na subclasse dos abstractos<sup>7</sup>.

Vários autores têm considerado esta definição incorrecta ou demasiado rígida, rejeitando esta visão dicotómica e preferindo falar de gradação escalar, do abstracto ao concreto. Inês Duarte e Fátima Oliveira (2003: 211) introduzem já esta noção de escala concreto-abstracto, na qual os nominais assumem diferentes graus de abstracção ou de concretude. Para as autoras, os nomes que denotariam realidades mais abstractas seriam nomes de tipo “superior”, como *verdade*, «designando um objecto não observável directamente, não animado, não localizável espacio-temporalmente», ao passo que *urso*, ao designar «um objecto físico, animado, localizado (ou pelo menos localizável) espacio-temporalmente» é um nome concreto. Com base no conteúdo lexical de derivados a partir de um termo-base (por exemplo *gulodice* < *guloso*), observa-se que o derivado *gulodice* apresenta um maior grau de abstracção em relação ao seu termo-base, *guloso*, na medida em que demonstra «a propriedade comum aos objectos acerca dos quais é possível afirmar que *são gulosos*». Neste sentido, surge «a necessidade de conceber a oposição tradicional abstracto/ concreto como uma grandeza escalar, assumindo os vários tipos de nomes diferentes valores (posições) na escala concreto-abstracto» (Duarte e Oliveira, 2003: 211). Isto significa portanto que são, por um lado, critérios espaço-temporais e materiais que permitem determinar o grau de abstracção de um nominal, e por outro, critérios morfológicos e semânticos, relativos não só ao tipo de nominal mas também ao sufixo que este selecciona. Por outras palavras, se considerarmos o termo *gulodice* e o termo *guloseima*, ambos construídos sobre a mesma base *guloso*, notamos que o sufixo seleccionado confere ao primeiro uma leitura mais abstracta ao passo que confere ao segundo uma leitura concreta. Estas leituras são ditadas, neste caso, por critérios morfológicos; porém, quando inseridos num contexto espacio-temporal, ambos os derivados podem denominar a mesma realidade material, como o demonstram os exemplos seguintes:

---

<sup>7</sup> Cunha e Cintra (1984: 177), no capítulo dedicado à classe do substantivo, recorrem à oposição concreto/abstracto e definem os nomes abstractos como “substantivos que designam noções, acções, estados e qualidades, considerados como seres”, por oposição aos substantivos, concretos que designam “os seres propriamente ditos”, sendo estes entendidos portanto como realidades palpáveis, observáveis.

- (i) A *gulodice* é um grande defeito.  
Esta *guloseima* é deliciosa.
- (ii) Ontem, comi uma *gulodice/ guloseima* deliciosa na pastelaria.

Esta tentativa de gradação dos nomes abstractos numa escala de abstracção tem sido explorada por vários autores (ver por exemplo Van de Velde, 1996; Galmiche e Kleiber, 1996 *apud* Correia, 2004<sup>8</sup>). No âmbito deste estudo, tais questões não serão equacionadas mais aprofundadamente por não constituírem o cerne do nosso trabalho; o termo “nome abstracto” será utilizado com o valor que lhe é tradicionalmente atribuído (Cunha e Cintra, 1984: 177). Alguns aspectos relativos aos nomes de qualidade serão, porém, abordados nas secções 2.1. e 2.2..

Os nomes abstractos de adjectivais apresentam-se tipicamente divididos em duas subclasses – nomes de qualidade e nomes de estado – ambos produtos de uma mesma RFP ESSIV (ver secção 1.2.). Procuramos, em seguida, definir cada um destes conceitos.

## 2.1. Os nomes de qualidade

Entende-se por nomes de qualidade (*nomina qualitatis*), tipicamente de adjectivais, nomes passíveis de denominar qualidades e parafraseáveis por “o facto de ser X”, “propriedade/qualidade de ser X” (Rio-Torto, 1998: 122), sendo X um adjectivo qualificativo/ predicativo.

De acordo com Margarita Correia (2004: 82), o critério mais importante para caracterizar os nomes de qualidade prende-se com o facto de estes manifestarem dependência ontológica em relação a outras ocorrências, o que a leva a classificá-los de substantivos “sincategoremáticos”. Com efeito, a ocorrência de uma qualidade tal como *inteligência* tem de estar ancorada obrigatoriamente a uma qualquer entidade que seja

---

<sup>8</sup> VAN DE VELDE (1996) – *La détermination des Noms Abstracts*. In: Nelly Flaux, Michel Glatigny e Didier Samain (eds), *Les noms abstraits. Histoire et théories*, pp.275-287.  
GALMICHE e KLEIBER (1996) – *Sur les Noms Abstracts*. In : Nelly Flaux, Michel Glatigny e Didier Samain (eds), *Les noms abstraits. Histoire et theories*, pp.22-40.

*inteligente*. Para a autora, esta dependência ontológica das qualidades/propriedades apresenta-se de várias formas, que passamos a enumerar:

- os substantivos ou sintagmas nominais nos quais se manifesta a ocorrência de uma qualidade têm de ser acompanhados de uma «expansão especificadora que estabelece a ancoragem da qualidade numa instância particular da realidade» (Correia, 2004: 86). Esta “ancoragem” estabelece-se através da determinação do substantivo: *admiro a tua coragem/ admiro esta coragem*.

- os nomes de qualidade derivados de adjectivos ocorrem em construções correspondendo à frase predicativa clássica SN<sub>0</sub> – ser/estar – Adj, corroborando a ideia já referida neste trabalho que o nome de qualidade é usado predicativamente e equivale portanto a um predicado: *O João é belo/ A beleza é uma característica do João*.

- os nomes de qualidade não podem surgir isolados após o verbo *haver*, sem estar ancorado a alguém: (*\*havia a coragem vs havia muitas casas; Havia a coragem dos marinheiros*).

Assim, a dependência ontológica aparece como característica determinante dos nomes de qualidade, na medida em que uma qualidade não pode existir por si só, mas tem de, obrigatoriamente, residir em algo ou alguém, não tendo, portanto, autonomia referencial.

## 2.2. Os nomes de estado

Embora apresentem características comuns e não se verifique «nenhuma diferença estrutural relevante entre nomes de qualidade e nomes de estado em português, nem ao nível das bases, nem ao nível dos sufixos seleccionados» (Correia 2004: 92), os nomes de estado apresentam, no entanto, algumas características distintas dos nomes de qualidade.

Uma primeira característica dos nomes de estado é o facto de estes produtos poderem ser quer de adjectivais (*felicidade*), quer de verbais (*embriaguez*) e assumirem assim um carácter misto podendo, por um lado, e tal como os nomes de qualidade, admitir a intensidade (*O João tem muita beleza/ O João tem muita tristeza*) e, por outro

lado, admitir a duração tal como os nomes de acção deverbais (*O João viveu uma felicidade de dez anos*), ainda que a determinação temporal necessite de estar explícita (Anastácio, 1997: 84) (ver, mais à frente, a secção 3.4.).

Os nomes de qualidade e os nomes de estado de adjectivais, sendo estes, como já foi dito, produtos de uma mesma RFP, assentam ainda noutra distinção; com efeito, «diz o senso comum, que a diferença fundamental entre estados e qualidades reside no facto de estas (qualidades) serem encaradas como características permanentes, ao passo que aqueles (estados) são vistos como características temporárias.» (Correia, 2004: 91). Assim, e de acordo com o que acaba de ser dito, o tempo/a duração surge como factor essencial na distinção entre nomes de qualidade e nomes de estado. Os nomes de qualidade, por remeterem para uma duração indeterminada e/ou permanente (*a beleza, a inteligência*) distinguem-se dos nomes de estado na medida em que estes se encontram ancorados na dimensão “tempo” e apresentam um carácter temporário (*O David viveu uma felicidade de dez anos*).

De um ponto de vista sintáctico, «o facto de o português, ao contrário de outras línguas como o francês, o italiano e o inglês, por exemplo, possuir o par de verbos *ser/estar* tem implicações para a formação de nomes de qualidade» (Correia, 2004: 91) e, por conseguinte, também de nomes de estado. De facto, se, como foi dito, a dimensão “tempo” surge como critério determinante na distinção entre estes dois produtos, de um ponto de vista sintáctico esta distinção assenta no verbo-cópula usado (Correia, 2004: 92). Assim, os adjectivos denotadores de qualidades, em posição predicativa, seleccionariam o verbo *ser* (*A Maria é inteligente/ \*A Maria está inteligente*) e, por sua vez, os adjectivos denotadores de estados seriam acompanhados pelo verbo *estar* (*A Maria está cansada/ \*A Maria é cansada*).

No entanto, se este pormenor distingue adjectivos que exprimem uma qualidade e adjectivos que exprimem um estado, esta distinção nem sempre se apresenta tão linear, como se pode verificar nos exemplos seguintes:

*A Maria é (uma pessoa) feliz.*

*A Maria está feliz.*

*A Maria é linda.*

*A Maria está linda.*

Assim, e retomando as palavras de Margarita Correia (2004: 92), «dado que os nomes de qualidade são nomes predicativos e dado que, em português, a distinção entre predicados permanentes (qualidades) e predicados temporários (estados) é fundamentalmente marcada em termos sintácticos (através do verbo-cópula usado), verifica-se que os substantivos derivados de adjetivos são muitas vezes, simultaneamente, nomes de qualidade e nomes de estado, em particular quando o adjectivo-base se presta já a esta dupla denominação.».

Em síntese, e de acordo com o que foi exposto em 2.1. e 2.2., podemos concluir que (i) não se verifica, em termos de estrutura, nenhuma diferença relevante entre nomes de estado e nomes de qualidade de adjectivais, (ii) nomes de qualidade e nomes de estado são produtos de uma mesma RFP ESSIV (ver 1.2.), tendo ao seu serviço o mesmo conjunto de sufixos, como será demonstrado em seguida, (iii) ambos manifestam a mesma dependência ontológica, na medida em que quer um estado, quer uma qualidade têm de ter obrigatoriamente um referente, i.e. ser sempre relativo a algo ou a alguém.

Deste modo, no presente estudo, não faremos a distinção entre estas subclasses do nome abstracto de adjectival - nomes de qualidade e nomes de estado - que denominaremos de “nomes de propriedade”, como termo genérico. O termo “nome de propriedade”, em virtude de poder denominar uma “característica”, quer temporária quer permanente, poderá remeter para um estado ou uma qualidade.

### **3. Operadores sufixais**

#### **3.1. Identificação dos sufixos**

Como já foi referido neste trabalho, os nomes de propriedade de adjectivais são, por um lado, nominais parafraseáveis por “o facto de ser A”, “a qualidade ou estado de A” e, por outro, produtos da RFP ESSIV, geradora de nominais de adjectivais.

Joseph Piel (1940: 9-18) identifica os sufixos e/ou terminações intervenientes na construção de substantivos abstractos de adjectivais. Partindo de construções latinas, o

autor apresenta os sufixos latinos e seus representantes portugueses, representados no quadro seguinte<sup>9</sup>:

Sufixos latinos	Sufixos portugueses
-ia (átono)	—
-ia (tónico)	<i>-ia</i>
-or, -ore	<i>-or</i>
-tate	<i>-(i)dade</i>
-itia	<i>-eza, -iça, -ícia</i>
-ities, -itiem	<i>-ez, -ice, -ície</i>
-aria (-arius)	<i>-eira</i>
- tudo, -tudine	<i>-idão, -tude</i>
-ura	<i>-ura</i>

**Quadro 1** – Sufixos latinos e respectivos representantes portugueses

Cunha e Cintra (1984: 97) recenseiam os seguintes sufixos nominais que operam na formação de nomes de propriedade, sendo estes «geralmente nomes abstractos, [que] indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser»: *-dade -(i)dão, -ez, -eza, -ia, -ice, ície, -or, -(i)tude, -ura*. O sufixo *-ismo* é tratado separadamente por formar não só nomes de adjectivais como também denominais.

José Joaquim Nunes (1989), por sua vez, apresenta os sufixos de proveniência latina. De entre estes, são os sufixos passíveis de construir nomes de propriedade os seguintes: *-dade, -dão, -tude, -ez, -eza, -ice, -or, -ura* e os seus respectivos correspondentes latinos; o autor recenseia ainda dois sufixos de origem grega: *-ia* e *-ismo*.

Graça Rio-Torto (1992: 434) recenseia igualmente os seguintes sufixos passíveis de intervir na construção dos nomes de qualidade, sendo estes: *-aria, -eira, -ez, -eza, -dade, -ia, -ice, -ície, -(i)dão, -ismo, -ura*, e ainda *-ência, -ância, -tude, -or* e *-ume*, não disponíveis no português contemporâneo.

<sup>9</sup> Este esquema resulta da adaptação de um quadro idêntico, apresentado em Margarita Correia (2004: 112).

O levantamento dos operadores sufixais que constroem nomes de propriedade nestes diferentes autores leva-nos à mesma constatação feita por Margarita Correia (2004: 123). A lista de sufixos levantada não é idêntica nos trabalhos supramencionados, sendo que são consensualmente considerados os seguintes sufixos: *-(i)dade, -(i)dão, -eza, -ez, -ia, -ice, -tude, -or e -ura*.

Perante este levantamento, devemos referir que nem todos os sufixos apresentam hoje em dia o mesmo estatuto no que respeita à sua produtividade. Tal como afirma J.J. Nunes (1989: 362), «uns viviam já no latim clássico, outros criou-os a língua popular; muitos com o andar dos tempos morreram, mas o seu lugar foi logo ocupado por outros; alguns há dotados de uma tamanha tenacidade que têm sabido resistir aos embates de outros, sem por isso sofrerem a mínima perda da sua vitalidade». Do mesmo modo, existem sufixos que apresentam sufixos cognatos noutras línguas românicas, outros que existem apenas em algumas línguas românicas.

Assim, Margarita Correia (2004) propôs uma classificação destes sufixos em três grupos, de acordo com o critério “produtividade”, por um lado, e o critério “cognático”<sup>10</sup>, por outro:

- os sufixos de difusão “internacional”, que são de origem latina ou grega e apresentam formas cognatas em diversas línguas; estes sufixos apresentam, ainda, comportamentos semelhantes nos idiomas onde ocorrem e encontram-se em nomes (constituídos em latim, em português ou noutra língua) que são frequentemente internacionalismos: *-idade, -ismo e -ia*;

- os sufixos “autóctones”, que permitem a construção de nomes de qualidade em português<sup>11</sup>: *-idão, -ez, -eza, -ice, -eira e -ura*.

- os sufixos “fósseis”, que, embora ocorram em estruturas morfológicas analisáveis no português contemporâneo, não permitem hoje em dia a construção de palavras: *-ície, ícia, -or e -tude*.

---

<sup>10</sup> Entende-se por *sufixo cognático* um sufixo que ocorre em nomes derivados de outras línguas (geralmente de origem latina ou do inglês) e cuja estrutura é idêntica em português: *liberdade/ libertad/ liberté/ liberty*.

<sup>11</sup> Sendo de origem latina, alguns destes sufixos apresentam igualmente formas cognáticas noutras línguas românicas, como por exemplo *-ez* e *-eza* que apresentam formas iguais em espanhol ou ainda *-ura* que apresenta formas cognáticas em espanhol (*-ura*) e em francês (*-ure*). De acordo com Correia (2004: 155), estes distinguem-se dos internacionais por não apresentarem uma forma cognática em inglês, por não ocorrerem em todas as línguas românicas (*-ez*, por exemplo) ou ainda por alguns deles apenas ocorrerem em português (*-idão* e *-ice*).

Uma vez que já foram identificados todos os sufixos susceptíveis de construir nomes de propriedade em português, não iremos fazer uma abordagem mais aprofundada de todos e excluimos à partida aqueles que não se encontram disponíveis no português contemporâneo, os chamados “fósseis”; excluimos também o sufixo *-eira* por apresentar um número reduzido de nomes de propriedade construídos (Correia, 2004: 314). A partir de agora, cingiremos, então, as nossas observações aos seguintes sufixos: *-idade*, *-ia*, *-ismo*, *-ice*, *-ez*, *-eza*, *-ura* e *-(i)dão* por serem estes os sufixos sobre os quais incidirá o trabalho experimental e cuja selecção será oportunamente justificada.

### 3.2. Relações intralexicais

Os nomes de propriedade de adjectivais, por terem uma estrutura derivacional, caracterizam-se por receberem uma interpretação «parcialmente determinada pelas propriedades semânticas e categoriais da base e dos sufixos» (Rio-Torto e Anastácio, 2004: 187-188). Deste modo, o valor semântico das bases e dos sufixos apresenta uma relação de dependência mútua, estabelecendo assim uma relação intralexical que condiciona a interpretação dos produtos em questão. Os sufixos «têm, necessariamente, influência na leitura do produto. Os sufixos recebem, por sua vez, influência das propriedades da base a três níveis: 1) na categorização que produz, 2) na selecção que efectua; 3) na sua própria intervenção na interpretação do produto.» (Anastácio, 1997: 51). Vejamos, então, algumas dessas relações intralexicais estabelecidas entre as bases adjectivais e os sufixos que nos propusemos analisar:

*-ismo*: este sufixo, proveniente do sufixo grego *-ismós*, apresenta-se ainda muito disponível no português actual bem como em todas as outras línguas românicas, no inglês e no grego moderno. De um modo geral, este sufixo, que não só opera em bases adjectivais mas também em bases verbais e nominais, parece gerar produtos que não são propriamente nomes de qualidade ou de propriedade. De acordo com Cunha e Cintra (1984: 98) *-ismo* opera em produtos que denominam doutrinas ou sistemas filosóficos (*realismo*, *positivismo*, *fascismo*, *budismo*) e modo de proceder ou pensar (*heroísmo*, *servilismo*), ou que constituem termos linguísticos (*neologismo*) ou termos científicos (*reumatismo*). Este sufixo pode ainda formar produtos que designam uma profissão, um

ofício, uma ocupação (*jornalismo, automobilismo*) (Caetano, 1988: 7). De acordo com M. Correia (2004: 294), *-ismo* constrói nomes de qualidade parafraseáveis por “o facto de ser objectivamente X”, na medida em que este sufixo é «capaz de seleccionar das suas bases as propriedades passíveis de serem focalizadas de forma objectiva», dando-lhe o estatuto de operador sufixal na construção de nomes de qualidade, a partir das propriedades objectivas do adjectivo base (*optimismo*).

**-ia:** este sufixo, de origem grega, tornou-se bastante produtivo no português, operando quer em bases nominais que referem um indivíduo de acordo com o seu estatuto (*capitania, procuradoria*), quer em bases adjectivais de natureza vária: adjectivos derivados por prefixação por meio do prefixo privativo *a-* (*acéfalo>acefalia*) ou por meio de prefixos de hierarquização ou numerais (*hipógino>hipoginia, monocromo>monocromia*); adjectivos compostos por meio de arqueoconstituintes de origem grega (*pedagogia, necrofagia*); adjectivos simples de origem grega (*míope>miopia*); adjectivos denominais derivados por meio do sufixo *-óide* (*esquizóide>esquizodia*); por fim, adjectivos vernáculos simples (*azedo>azedia*). Os derivados por meio do sufixo *-ia* permitem assim denominar doenças (*ninfomania*), ciências ou disciplinas científicas (*agronomia*), actividades (*cartomania*), técnicas diversas (*alcoholometria*), formas de comportamento, de agir (*cinéfilia*) (Correia, 2004: 252). De acordo com J. Piel (1940: 11), os nomes assim constituídos designam ainda qualidades ou defeitos morais (*cobardia, teimosia, valentia*).

**-idade:** este sufixo formava no baixo latim abstractos de adjectivos simples e derivados, seleccionando por base hoje em dia adjectivos estruturalmente variados: adjectivos simples (*ágil>agilidade*), adjectivos complexos nos quais o segundo elemento é de origem latina (*pacificidade*), adjectivos derivados por meio dos prefixos *des-* e *in-* (*desigualdade, infelicidade*), adjectivos complexos não construídos provenientes do latim (*pluviosidade*), adjectivos derivados por sufixação (*aromaticidade*) (Correia, 2004: 257). De um ponto de vista semântico, os derivados em *-idade* «denotam a propriedade abstractamente considerada do que a base representa.» (Rio-Torto, 2005b: 222).

**-ice:** proveniente da forma latina *-itie*, este sufixo junta-se preferencialmente «a adjectivos que exprimem defeitos morais ou mentais» (*doidice, palermice*) (Piel 1940:14), pelo que «ocorre em denominações de atitudes marcadas negativamente, em

virtude também da própria carga negativa que caracteriza a base» (Rio-Torto, 2005b: 222). Os derivados em *-ice*, de um modo geral, denotam qualidades/defeitos atribuídos a humanos (*doidice*, *palermice*). De um ponto de vista estrutural, este sufixo selecciona bases que são na maioria vernáculas: adjectivos de estrutura simples (*meigo*>*meiguice*), adjectivos derivados por conversão denominal (*burro*>*burrice*), adjectivos denominais (*guloso*>*gulodice*) e, em alguns casos, podem ser adjectivos deadjectivais apresentando sufixos avaliativos (*burrice*>*burriquite*) (Correia, 2004:302-303).

**-ez**: este sufixo provem do sufixo latino *-itie* e conservou-se unicamente em espanhol e em português (*mudez*, *surdez*). Liga-se preferencialmente a latinismos, seleccionando adjectivos de estrutura simples (*nudez*) ou derivada (*sisudez*). De um modo geral, as bases e respectivos derivados pertencem a registos de língua mais elaborados. Este sufixo foi muito produtivo no passado; porém, hoje em dia, a sua produtividade é praticamente nula (Correia, 2004: 321) .

**-eza**: de acordo com J. Piel (1940: 13), este sufixo é o legítimo representante do sufixo latino *-itia*, do qual existe a forma divergente *-iça* (*justeza/justiça*). De um ponto de vista estrutural, este sufixo junta-se a bases simples em português e selecciona adjectivos tais como *belo*, *bonito*, *rude*, que pertencem aos registos corrente e familiar (Correia, 2004: 321). Tal como o seu parente etimológico *-ez*, apresenta uma produtividade quase nula, sendo arcaísmos alguns vocábulos onde surge: *crueza*, *maleza*, *blandez* (Caetano, 2008: 27).

**-ura**: segundo J. Piel (1940: 11), este sufixo não o é originalmente, mas provém da terminação dos abstractos deverbais em *-tura*, *-sura*. O número de derivados formados por meio de *-ura* é relativamente pequeno, sendo a sua produtividade nos nossos dias também bastante reduzida. Este sufixo junta-se a bases de estrutura simples e vernáculas e em alguns casos, unidades resultantes da desflexionação de formas irregulares do particípio passado (*abertura*, *fatura*, *fixura*, *etc.*). As bases seleccionadas indicam fundamentalmente qualidades físicas (*baixura*, *lindura*, *largura*) (Correia, 2004: 328).

**(-i)dão**: proveniente do sufixo latino *-tudine* (J.J. Nunes, 1989: 374), este sufixo surge num número reduzido de substantivos derivados, tendo sido alguns deles já construídos no latim. Selecciona por bases quer adjectivos de estrutura simples (*branquidão*, *escuridão*), quer derivados por meio do prefixo *in-* (*inaptidão*), outros ainda que denominam fundamentalmente qualidades/propriedades de ordem física apreensíveis

pelos sentidos (*podridão, vermelhidão*). O sufixo *-idão* é ainda aquele que preferencialmente constrói nome abstractos a partir de adjectivos que denominam cores (*negro>negridão, amarelo>amarelidão*) (Correia, 2004: 323).

### 3.3. Relações interlexicais

Aos nomes de propriedade, tipicamente de adjectivais e tradicionalmente marcados pelo traço [+ abstracto], podem corresponder leituras mais ou menos abstractas, ou mesmo concretas. Com efeito, o contexto em que estes produtos ocorrem condiciona a sua interpretação quer a nível frásico, quer a nível do discurso. Assim, e independentemente do sufixo activado e da natureza morfológica e semântica das bases, os nomes de propriedade podem ter leituras mais ou menos abstractas (Rio-Torto e Anastácio, 2004; Rio-Torto, 2005a; Rio-Torto, 2002).

A passagem de uma leitura abstracta para uma leitura concreta realiza-se através de uma transição escalar, de tal modo que um nome de propriedade, além de designar a propriedade em abstracto, pode «denominar também, em função de coordenadas co(n)textuais relativamente precisas, a manifestação daquilo que o adjectivo de base denota, atitude(s) ou ocorrências de (quem é) caracterizado pela propriedade que a base denota, (...), objecto associado àquilo que a base denota.» (Rio-Torto, 2005a: 186). De acordo com Rio-Torto e Anastácio (2004: 189), no percurso do abstracto para o concreto, o nome de adjectival pode denotar:

- a propriedade em abstracto: *honradez, seriedade*;
- o estado caracterizado pela propriedade denotada pela base: *demência, surdez*;
- ocorrências, manifestações dessa propriedade ou estado, traduzidas por atitudes ou actos: *amabilidades, infantilidades*;
- objectos/seres concretos, por efeito de recursos metonímicos: *uma antiguidade, uma raridade*.

Por um processo de extensão semântica, os nomes de qualidade podem ainda caracterizar uma pessoa: *ela é uma inteligência*.

De acordo com as mesmas autoras, Rio-torto e Anastácio (2004: 193), admitem leituras marcadas por maior grau de concretude nomes sufixados em *-idade*, *-ice*, *-ismo*, *-eza*, *-eira*, *-idão* e em *-ura*.

Existem várias compatibilidades interlexicais que promovem uma leitura mais ou menos abstracta, e mesmo concreta, dos nomes abstractos de adjectivais. Por via de regra, os nomes abstractos de adjectivais rejeitam qualquer pluralização (*\*as honradezas*), quantificação cardinal (*\*duas felicidades*) e, em alguns casos, intensificação (*\*muita imortalidade*) (Rio-Torto, 2005: 188), na medida em que «designam algo não quantificável nem fragmentável, algo em que não são distinguíveis partes singulares nem partes plurais.» (Rio-Torto, 2002: 460). Todavia, os nomes de propriedade de adjectivais ou essivos admitem pluralização quando usados como concretos (*as amigas do João*), sofrendo neste caso uma alteração semântica.

O uso do artigo indefinido *um*, como marca do concreto (*uma cadeira*, *um livro*), pode conferir uma leitura mais ou menos concreta a nomes tipicamente abstractos tais como *alegria*, *felicidade*. De facto, «quando submetido a uma escala de intensidade e/ou acompanhado de um modificador valorativo, um nome abstracto pode ser compatível com o artigo indefinido: *ele vive numa tristeza assustadora*» (Rio-Torto e Anastácio, 2004: 201), recebendo assim uma interpretação qualitativa e/ou intensiva, ou ainda quantitativa temporal, no caso dos nomes de estado em particular (*uma felicidade de quinze anos*).

Do ponto de vista semântico, factores como a dependência ontológica e inalienabilidade em relação ao sujeito pressupõem uma leitura abstracta destes produtos. De facto, os nomes mais abstractos caracterizam-se pela não autonomia do que é denotado pelo nome em relação ao sujeito (*a alegria do João*), pelo envolvimento holístico do sujeito (*O João cura a sua tristeza*), pela inalienabilidade em relação ao sujeito (*João teve uma infância feliz*) (Rio-Torto, 2005a: 188).

Assim, a pluralização e a quantificação surgem como dois critérios essenciais para atribuir uma leitura mais ou menos abstracta aos nomes de qualidade de adjectivais; numa escala gradativa do abstracto para o concreto, têm uma leitura mais abstracta os que são refractários à pluralização e à quantificação. Como já foi dito, as outras propriedades que favorecem uma leitura abstracta prendem-se com o grau de dependência em relação ao sujeito.

### 3.4. “Competições sufixais”

Admitindo que existem sufixos isofuncionais, isto é, «sufixos que, não sendo variantes, seleccionam o mesmo tipo de bases e lhes conferem o mesmo semanticismo» (Caetano, 2008: 23), verificamos que existem nomes de propriedade construídos sobre as mesmas bases, que apresentam duas ou mais formas distintas tal como *claro*>*clareza/claridade* em que há concorrência entre os sufixos *-idade* e *-eza*. Esta concorrência verifica-se em vários pares de sufixos que passamos a analisar. Interessar-nos-á saber se esta permuta de sufixos se estabelece de forma aleatória ou se, pelo contrário, acarreta alterações de ordem semântica.

#### *-EZ e -EZA*

Os sufixos *-ez* e *-eza*, muito próximos em português contemporâneo e também etimologicamente aparentados (ver 3.1.), surgem em vários pares de nomes de propriedade construídos sobre a mesma base, como o atestam alguns exemplos recenseados por Correia (2004:319): *absurdez/absurdeza*, *durez/dureza*, *escassez/escasseza*, *madurez/madureza*, *rigidez/rigideza*, *simplez/simpleza*, etc. Para J.J. Nunes (1989: 367), este dois sufixos, *-ez* e *-eza*, bem como *-idade*, são perfeitamente sinónimos, não havendo para o autor «diferença sensível na significação». Por sua vez, Correia (2004: 319), assumindo «que os sufixos não podem ser, por natureza, estritamente sinónimos ou equivalentes», verifica que os derivados em *-ez* têm um cunho mais erudito e são muito menos frequentes que os derivados em *-eza*; estes últimos são muito mais frequentes e pertencem aos registos familiar e corrente. Nos casos em que estes dois sufixos são concorrentes, a mesma autora coloca a hipótese de ter ocorrido um fenómeno de “regularização analógica” em que «o morfema *-a* funciona, de facto, como um verdadeiro integrador paradigmático, dado que, sem acrescentar qualquer informação semântica, ele vai permitir inserir as unidades que o ostentam num paradigma muito mais vasto, isto é, o dos substantivos femininos terminados em *-a* em português.» (Correia, 2004: 322).

Registam-se ainda alguns nomes de propriedade concorrentes construídos sobre as mesmas bases e com os sufixos *-idade* e *-ez/-eza*: *fecundez/fecundidade*,

*profundez/profundidade, leveza/levidade, subtileza/subtilidade*, entre outros. Este fenómeno deve-se ao facto de *-idade* poder seleccionar por bases não só adjectivos derivados, mas também de estrutura simples. No entanto, «dado que *-idade* é o sufixo mais apto a seleccionar por bases adjectivos derivados por sufixação, é possível que *-idade* se tenha especializado neste tipo de bases, libertando o âmbito dos adjectivos simples para *-ez* e *-eza*.» (Correia, 2004:257)

O sufixo *-eza*, além de concorrer com *-ez*, opera ainda em bases seleccionadas pelos sufixos nominais *-ura* e *-idão*, de origem latina, como em: *brandeza/brandura, braveza/bravura, escureza/escuridão, frouxeza/frouxidão* (Caetano, 2008: 26). Porém, grande parte destes nomes em *-eza* acabou por cair em desuso ou mesmo desaparecer devido à concorrência de outras formas de significado idêntico.

#### *-URA e -EZA:*

Como foi dito em 3.2., estes sufixos, *-ura* e *-eza*, seleccionam por bases adjectivos de estrutura simples ou resultantes de formas de particípio passado irregular. Este dado contribui para o facto de existirem, no português, pares de nomes de propriedade construídos sobre a mesma base e cujo sufixo pode ser *-eza* ou *-ura* (*baixura/baixeza, largura/largueza, finura/fineza*). De acordo com Margarita Correia (2004: 328), «verifica-se que os nomes em *-ura* seleccionam predominantemente as qualidades físicas, ao passo que os nomes em *-eza* operam sobre acepções predominantemente abstractas dos adjectivos que lhes servem de bases», tal como o demonstram os exemplos seguintes: “*A largueza/ \*largura de espírito; A largura/ \*largueza da porta.*

#### *-IDADE e -IDÃO*

Em português contemporâneo, regista-se um número significativo de derivados em *-idão* que coexistem com derivados em *-idade*, operando sobre as mesmas bases, como por exemplo: *brutidão/brutidade, complexidão/complexidade, imensidão/imensidade*. Estes pares de nominais não são, no entanto, perfeitos sinónimos dado «o espaço referencial que se prende com a denominação mais objectiva da qualidade se encontrar “ocupado” pelo(s) derivado(s) em *-idade*, sufixo que, no seio do paradigma dos afixos

que permitem construir nomes de qualidade de adjectivais, exprime a objectividade por excelência» (Correia, 2004: 324). Nesta perspectiva, os derivados em *-idão* apresentam um carácter menos objectivo do que os derivados em *-idade*.

### *-ISMO e -IDADE*

Existem casos de nomes abstractos de adjectivais que, tendo por base o mesmo adjectivo, apresentam duas formas construídas com os sufixos *-ismo* e *-idade*, como por exemplo os pares seguintes: *fatalismo/fatalidade*, *humanismo/humanidade*, *modernismo/modernidade*, *simplismo/simplicidade*. De acordo com Correia (2004: 298), «quando um substantivo em *-ismo* coexiste com um nome de qualidade construído com outro sufixo que dê a ver a qualidade em causa de forma objectiva, o substantivo em *-ismo* sofre uma especialização semântica evidente, passando a denominar de modo exclusivo o sistema de ideias ou o comportamento associado ao adjectivo-base e o outro substantivo assume o estatuto de verdadeiro nome de qualidade». Assim, o nominal *fatalismo* denomina o sistema de ideias ao passo que *fatalidade* denomina “a propriedade de (ser) *fatal*”, “o facto de ser *fatal*”.

Como acabámos de ver, o facto de diferentes sufixos seleccionarem a mesma base na construção de nomes de adjectivais não significa que os nominais derivados sejam obrigatoriamente sinónimos. Com efeito, os sufixos ditos “concorrentes” possuem propriedades semânticas próprias, que, ao juntar-se à mesma base, irão formar nominais concorrentes do ponto de vista estrutural, mas com significados diferentes.

Por fim, e citando Caetano (2008: 30), «as consequências da competição sufixal podem manifestar-se quer ao nível da produtividade, quer ter implicações no que diz respeito à polissemia, na medida em que um sufixo só pode suplantar outro se forem polissémicos, exercendo ambos a mesma função»; por outras palavras, um sufixo apenas pode substituir outro, se seleccionar as mesmas bases e conferir ao produto derivado o mesmo sentido. Para a autora, a pouca produtividade de um sufixo «deve-se ao dualismo exercido pelo sistema em que uns elementos dominam (...) e outros sucumbem, por pertencerem a um grupo mais restrito».

## Conclusão

Neste primeiro capítulo foram abordados os aspectos fundamentais relacionados com os nomes abstractos de adjectivais.

Vimos que aos nomes abstractos de adjectivais pertencem duas subclasses – nomes de qualidade e nomes de estado – e concluímos que estes dois produtos são estruturalmente idênticos como também semântica e sintacticamente próximos; assim, optámos por adoptar a designação de “nome de propriedade” como conceito genérico para nos referirmos quer aos nomes de estado, quer aos nomes de qualidade de adjectivais.

Os nomes de propriedade, tal como os entendemos neste trabalho, são produtos gerados pela RFP ESSIV (Rio-Torto, 1998), a qual tem ao seu serviço um conjunto de sufixos que descrevemos (ver 3.1., 3.2. e 3.4.), no que diz respeito à sua origem e propriedades semânticas.

Abordámos ainda questões relativas às relações interlexicais (3.3.), definindo algumas das combinações e/ou restrições que estes tipos de produtos sugerem, e que lhes conferem uma leitura mais ou menos abstracta ou mais ou menos concreta.

Além do interesse que os dados até aqui apresentados assumem no enquadramento deste trabalho (dá-se, assim, a conhecer o objecto de análise), prevê-se que estas informações contribuam para a interpretação dos dados apresentados no capítulo 3.

No capítulo seguinte, iremos procurar saber o modo como os morfemas são representado no léxico mental de um aprendente de L2 e quais os mecanismos activados na produção e compreensão destes produtos.

## **CAPÍTULO 2 – MORFOLOGIA DERIVACIONAL E LÉXICO MENTAL**

## Introdução

Este segundo capítulo destina-se a equacionar as questões relacionadas com a representação e o processamento das palavras morfologicamente complexas no léxico mental.

Começaremos por fazer uma descrição breve dos modelos mais relevantes no que respeita à organização do léxico mental de um falante bilingue (cf. secção 2. e 3.). A secção 4., destinar-se-á à apresentação de alguns modelos de processamento e de acesso às palavras derivadas. No ponto 5., veremos quais os factores envolvidos no acesso e processamento das palavras complexas.

Seguidamente, na secção 6., exploraremos questões relativas ao conhecimento morfológico e à aquisição da morfologia derivacional, quer em L1, quer em L2. Por fim, algumas questões serão levantadas por nós no que respeita mais concretamente à aprendizagem das palavras complexas em L2.

Este enquadramento teórico, realizado no âmbito da psicolinguística, permitir-nos-á compreender alguns dos mecanismos de processamento das palavras morfologicamente complexas, abrindo, assim, perspectivas para a análise de dados no capítulo 3.

### 1. O léxico mental

A linguagem, bem como outras faculdades cognitivas, recorre à memória. Todos os conhecimentos que adquirimos sobre as palavras e os conceitos que estas representam encontram-se armazenados na memória, mais concretamente no que se designa por “léxico mental”.

Tal como escreve Segui (1992: 71), «l’organisation du lexique mental est multidimensionnelle. En effet, nous pouvons, en tant que locuteurs [du français], accéder à notre lexique et le consulter à partir de différentes sortes d’informations linguistiques. Ceci nous permet, par exemple, de répondre aux demandes suivantes: donner des mots qui riment avec *château* (informations phonologiques); donner des

mots qui commencent par la lettre B (informations orthographiques); donner des mots de même catégorie que *venir* (informations syntaxiques); donner des mots qui appartiennent à la même catégorie conceptuelle que *cheval*, *chien* (informations sémantiques), etc.».

Pelas palavras de Segui, entendemos, portanto, que o léxico mental não pode ser visto apenas como uma simples listagem de vocabulário, mas antes como um conjunto complexo de itens lexicais cujas entradas contêm informação de ordem gráfica, fonológica, gramatical, semântica, morfológica, etc., formando assim uma rede organizada e dinâmica.

Ainda que, como referem French e Jacquet (2004: 89), o acesso ao léxico mental «simply refers to the process by which we are able to activate the right word in a given context», a organização daquele e os mecanismos de acesso às representações lexicais têm levantado muitas questões. Um bom número de estudos tem sido levados a cabo e, retomando as palavras de Caramazza (1997: 177), «theories of speech production are in agreement on two fundamental points: (1) semantic, syntactic, and lexical form information constitute independent levels of representation, and (2) these levels of representation are probably accessed sequentially in the course of language production». O autor acrescenta ainda que «the dominant view is that lexical access involves at least two distinct stages of processing»; um primeiro nível corresponde à selecção sintáctica e semântica de uma determinada representação lexical (o lema); um segundo nível envolve a selecção do seu correspondente fonológico e ortográfico (lexema).

Ainda que, como foi dito, a maioria das investigações concorde com um modelo deste tipo (*Two-Stage Model of Lexical Access*), outros debates continuam de modo a esclarecer se estes dois níveis são interactivos ou independentes.

Uma vez que o nosso estudo se aplica ao ensino do PL2, interessar-nos-á agora reflectir sobre algumas questões relativas à organização do léxico mental de um bilingue.

## 2. O léxico mental do bilingue

Como vimos anteriormente, o léxico mental é uma estrutura central na língua e na linguagem; é uma estrutura complexa organizada em rede através da qual circulam informações diversas. Interessar-nos-á agora perceber o que acontece num indivíduo que aprende ou aprendeu uma segunda língua e de que forma este bilingue<sup>12</sup> gere as duas (ou mais) línguas.

A questão central que tem movido inúmeras investigações na área da psicolinguística é precisamente definir se o bilingue possui um ou dois léxicos mentais. De um modo geral, duas hipóteses opostas têm sido avançadas: «Proponents of the one-lexicon view (also referred to as independent storage) state that linguistic information is stored in a single semantic system. Words from both languages are organized in one large lexicon, but each word is “tagged” to indicate the language it belongs to. Other researchers have claimed that bilinguals have two lexicons (the independent storage view), and that the information acquired in one language is available in the other only through a translation process.» (Grosjean, 1994: 5).

Entende-se, portanto, que nem todos os investigadores nesta área concebem a estruturação do léxico mental de um bilingue do mesmo modo; se uns postulam a existência de apenas um léxico comum para a L1 e a L2, outros propõem uma organização em dois léxicos, diferenciados para cada uma das línguas.

Em seguida iremos descrever sucintamente alguns dos principais modelos bilingues, atendendo ao modo como estes concebem a organização do léxico e o processamento das palavras.

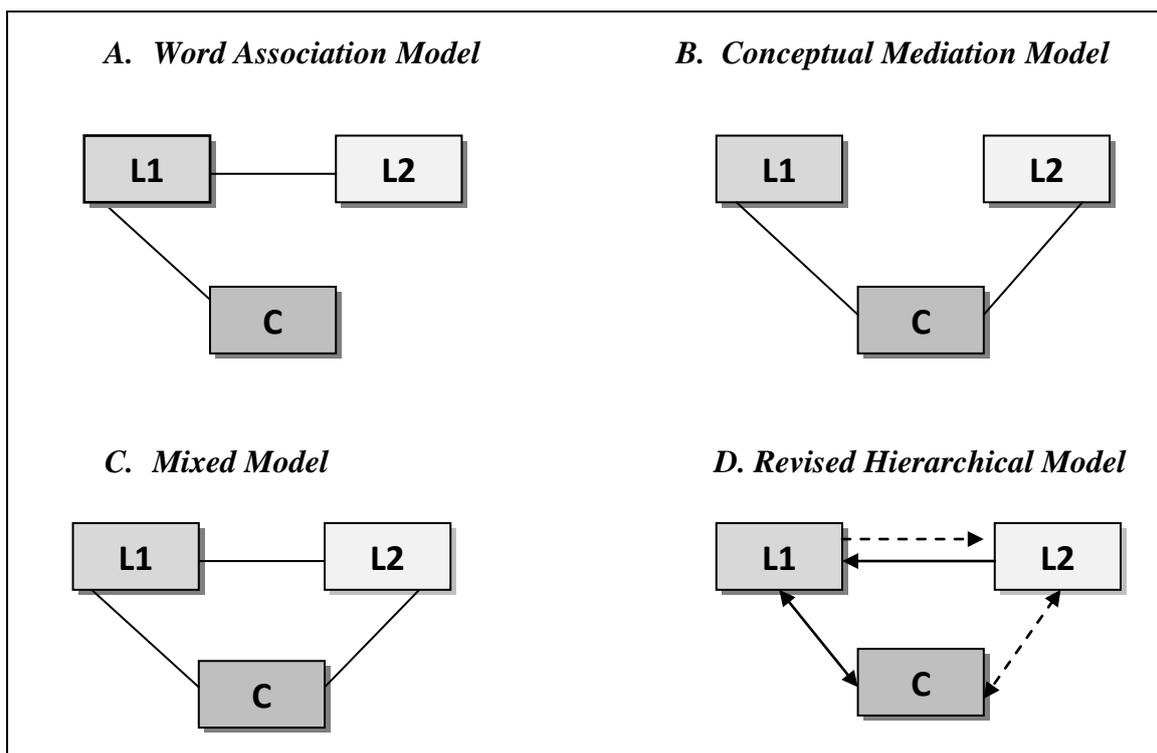
---

<sup>12</sup> É hoje em dia consensual que ser bilingue não é apenas dominar duas línguas de igual modo, tal como Bloomfield (*Language*, 1933) o definiu (*apud* Hamers e Blanc, 1989: 6). Tal como afirmam Hamers e Blanc (1989: 8), o bilinguismo é um fenómeno multidimensional no qual vários factores devem ser considerados: «*relative competence, cognitive organization, age of acquisition, exogeneity, social cultural status and culture identity*». Neste trabalho, não iremos discutir as várias tipologias de bilingue que têm sido propostas. Dado os participantes apresentarem um perfil linguístico diversificado, o conceito de bilingue será entendido num sentido amplo, de acordo com a definição de Grosjean (1994: 1): «Our definition includes people ranging from the migrant worker who speaks with some difficulty the host country's language (and who can not read or write it) all the way to the professional interpreter who is totally fluent in two languages. In between we find the foreign spouse who interacts with friends in his first language, the scientist who reads and writes articles in second language (but who rarely speaks it), the member of a linguistic minority who uses the minority language at home only and the majority language in all other domains of life, the deaf person who uses sign language with her friends but a signed form of the spoken language with a hearing person, etc.».

## 2.1. Os Modelos Hierárquicos

Os Modelos Hierárquicos caracterizam-se por partilhar uma arquitectura comum, constituída por dois “armazéns” separados a nível lexical e um único “armazém” a nível conceptual; a diferença entre estes modelos assenta, portanto, nas ligações efectuadas entre, por um lado, os dois léxicos (L1 e L2) e, por outro, entre o nível conceptual e os dois léxicos (French e Jacquet, 2004: 88).

Distinguem-se quatro Modelos Hierárquicos – Modelo de Associação de Palavras, Modelo de Mediação Conceptual, Modelo Misto e Modelo Hierárquico Revisto – que apresentamos em seguida. (De Groot, 1993; French e Jacquet, 2004; Heredia e Brown, 2004; Kroll e Tokowicz, 2005).



**Figura 1** – Os Modelos Hierárquicos (adaptado de Heredia e Brown, 2004: 234-236; Kroll e Tokowicz: 2005: 544-545; French e Jacquet, 2004: 88). (L1: língua 1; L2: língua 2; C: conceitos).

Uma primeira proposta de Modelo Hierárquico foi apresentada por Potter, So, Von Eckhardt e Felman<sup>13</sup> (Heredia e Brown, 2004 ). Estes autores desenvolveram o Modelo de Associação de Palavras (fig. 1/ A) – “Word Association Model” – que surgiu com o propósito de explicar fenómenos de bilinguismo subordinado<sup>14</sup>, i.e., casos de bilingues em que o domínio da L2 é inferior ao de L1: «According to the Word Association Model, an L1 word is directly associated to its L2 equivalent. To gain access to concepts, L2 words must first activate their L1 equivalents.» (Kroll e Tokowicz, 2005: 543). Tal como se verifica no esquema A, o acesso aos conceitos é feito directamente pela L1, sendo que a L2 tem um acesso aos conceitos mediado pela L1; deste modo, os dois acessos (conceitos e léxico) efectuam-se através de um processo de tradução.

O Modelo de Mediação Conceptual (fig.1/ B) – “Conceptual Mediation Model” - também desenvolvido por Potter *et al.* (1984, *apud* Heredia e Brown, 2004 ) explica fenómenos de bilinguismo composto. Este modelo difere do anterior por propor um acesso directo aos conceitos em ambas as línguas. Porém, como se verifica no esquema B, não existe ligação directa entre L1 e L2, pelo que «a bilingual can activate the meaning of a particular concept, regardless of the language or whether the word is translated.» (Heredia e Brown, 2004: 235).

Estes dois modelos caracterizam-se pelo facto de o léxico mental da L1 ser mais extenso do que o da L2: «this difference on lexicon size, it is argued, reflects the notion that bilinguals know more words in their L1 than in their L2.» (Kroll e Stewart, 1994 *apud* Heredia e Brown, 2004: 235).

O Modelo Misto (fig. 1/ C) – “Mixed Model” –, desenvolvido por De Groot (1993), surge com o objectivo de suprir falhas encontradas nos modelos anteriores. De facto, verificou-se que aqueles modelos não explicavam o processamento de certas palavras (concretas/ abstractas, cognatas/ não cognatas, etc.) relativamente às quais o sujeito

---

<sup>13</sup> POTTER, SO, VON ECKHARDT e FELMAN (1984) – *Lexical and Conceptual Representation in Beggining and Proficient Bilinguals*. In : *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*, 23, pp. 23-38.

<sup>14</sup> Em grande medida na sequência dos contributos de Weinreich (*Languages in Contact. Findings and Problems*, 1953), é possível distinguir três tipos de bilinguismo: «the coordinate system assumes a cognitive configuration that is independent at both the signifier and signified (...) levels. (...) In the compound system, bilinguals possess a single or a fused signified and two signifiers (...). The subordinate system, on the other hand, views the bilingual as containing one meaning-based representational system in which the second-language (L2) word is simply a translation equivalent of the first-language (L1) word» (Heredia e Brown, 2004: 225-227 ).

bilingue demonstrava um comportamento diferenciado: «Concrete and abstract words are represented differently in the lexical memory of (some types of) bilinguals and the storage format for cognates also differs from that of noncognates.» (De Groot, 1993: 45). Como se pode verificar no esquema C, todos os níveis se encontram interligados. A característica central deste modelo reside na diferença de ênfase que é atribuída às ligações entre os níveis lexicais e o nível conceptual, que varia de acordo com a natureza de determinadas palavras. Com efeito, assume-se que quanto maior for a activação de uma determinada conexão, maior será a força dessa conexão e, por conseguinte, mais rápido será o processamento. Assim, com base em tarefas de tradução, De Groot verificou que para as palavras concretas e frequentes, bem como para as cognatas, é necessário um tempo de processamento menor, na medida em que se estabelecem conexões mais fortes.

Kroll e Stewart (1994 *apud* Kroll e Tokowicz, 2005<sup>15</sup>) desenvolveram o Modelo Hierárquico Revisto (fig.1/ D) – “Revised Hierarchical Model” – que se baseia em conexões lexicais e conceptuais cuja força das mesmas varia de acordo com a proficiência dos sujeitos em L1 e L2. Como se pode verificar no esquema, existem ligações mais fortes de L2 para L1 do que o inverso, explicando-se, assim, fenómenos de transferência lexical durante a aquisição de L2. Do mesmo modo, este modelo assume ainda laços conceptuais mais fortes para a L1 do que para a L2. Esta assimetria nas conexões explica-se pelo facto de «a strong lexical connection from L2 to L1 will be established during learning. Over time, there may be feedback that establishes L1 to L2 connections at this level, but they will be weaker than those for L2 to L1 because the learner does not need to use L2 in the same way» (Kroll e Tokowicz, 2005: 546). Assume-se, portanto, que a tradução de L1 para L2 seja mais rápida do que o inverso: «therefore, forward translation will take longer to perform than backward translation and will be more likely to engage semantics» (Kroll e Tokowicz, 2005: 546).

---

<sup>15</sup> KROLL e STEWART (1994) – *Category Interference in Translation and Picture Naming : Evidence for Asymmetric Connections between Bilingual Memory Representations*. In : *Journal of Memory and Language*, 33, pp.149-174.

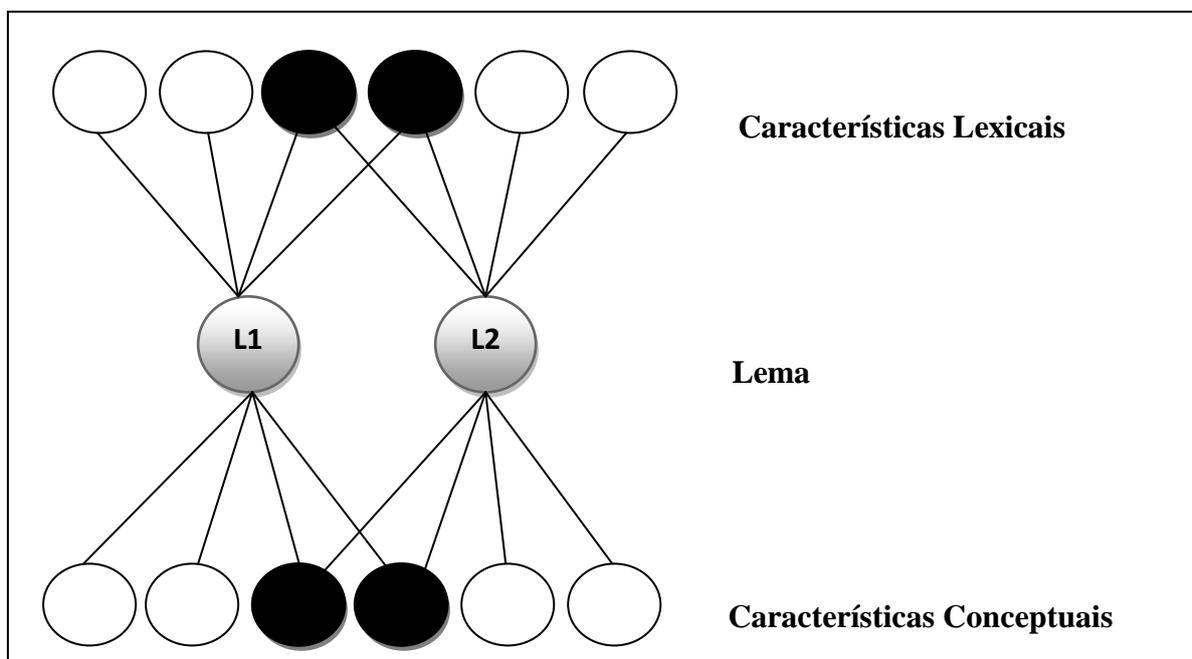
## **2.2. O Modelo Bilingue de Activação Interactiva**

O Modelo Bilingue de Activação Interactiva (*BIA Model*), que foi desenvolvido por Dijkstra, Van Heuven e Grainger (1998) para dar conta do reconhecimento bilingue das palavras, propõe a existência de um léxico integrado para a L1 e a L2 e é constituído por quatro níveis de representação, organizados de forma hierárquica e que comunicam activamente entre si: «letter features, letters, words (their orthographic form), and language nodes» (Sánchez-Casas e García-Albea, 2005: 243). Uma primeira característica deste modelo é um acesso em paralelo a cada um dos níveis, pelo que «for languages with orthographies that are similar, there will be parallel activation that results in competition at the lexical and sublexical levels» (Kroll e Tokowicz, 2005: 535). O funcionamento deste modelo inicia-se com a apresentação de um conjunto de letras capaz de activar em paralelo os possíveis candidatos em ambas as línguas. A activação dos itens lexicais, quer de L1 quer de L2, ocorre por um processo de inibição lateral: «Letter units can activate or inhibit word units, depending on whether they match or mismatch the input. If there is a match, words send activation to the corresponding language node and back to the letter level. A language node collects activation of all the words that belong to the corresponding language and sends inhibition to all the words belonging to the other language» (Sánchez-Casas e García-Albea, 2005: 243).

## **2.3. O Modelo Distributivo de Traços Conceptuais e Lexicais**

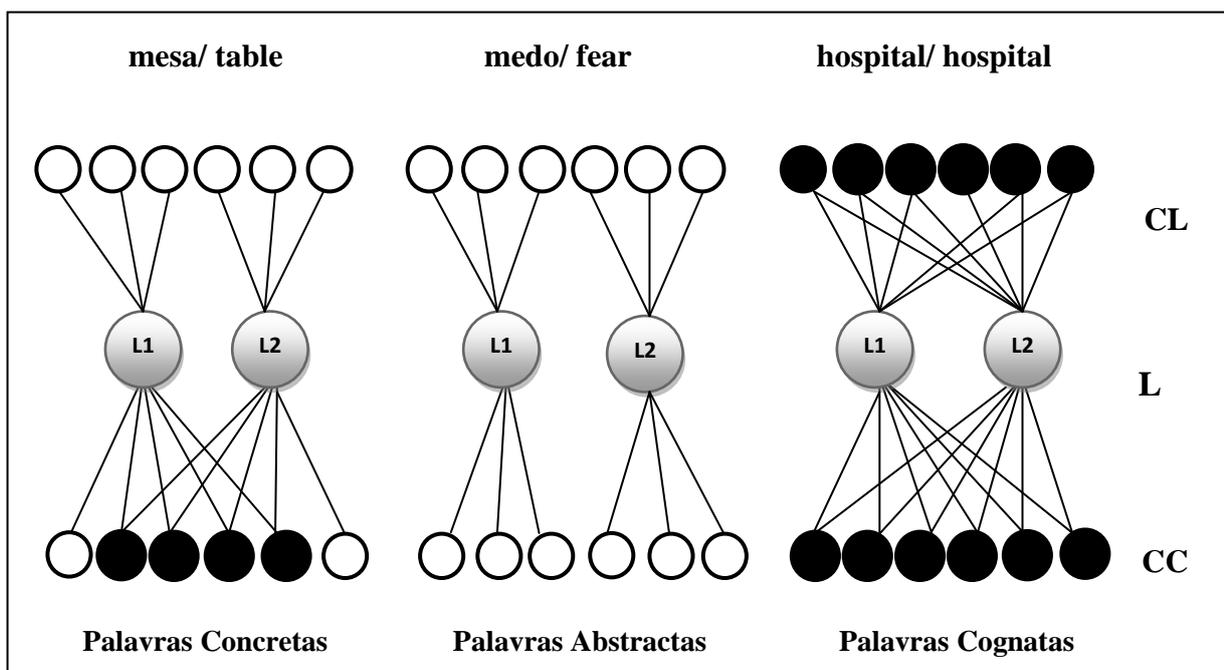
À semelhança dos modelos hierárquicos, o Modelo Distributivo, desenvolvido por Kroll e de Groot (1997), assenta na concepção de dois níveis principais de representação, partilhados pelas duas línguas: o nível lexical (que contém informação sobre a forma das palavras) e o nível conceptual. Um terceiro nível, o nível do lema, que medeia a relação entre aqueles e inclui informação sintáctica e semântica, é específico para cada língua (fig.2). Este nível permite, assim, não só o funcionamento autónomo das duas línguas, mas também fenómenos de interferência entre elas (Sánchez-Casas e García-Albea, 2005: 239). O Modelo Distributivo de Traços

Conceptuais e Lexicais surgiu pela necessidade de explicar o processamento diferenciado de determinadas palavras, tais como as homónimas e as cognatas e baseia-se, portanto, na natureza das representações conceptuais e lexicais.



**Figura 2** – O modelo Distributivo de Traços Conceptuais e Lexicais (*apud* Sánchez-Casas e García-Albea, 2005: 240).( L1: língua 1; L2: Língua 2).

Partindo do pressuposto de que as palavras que denominam realidades concretas são mais fáceis de processar do que as abstractas, na medida em que «concrete words provide more imagery, are used more frequently and acquired earlier than abstract words, are easier to retrieve, and are more accessible» (Heredia e Brown, 2004: 240), este modelo sugere que as palavras concretas partilhariam mais traços conceptuais entre L1 e L2 do que as palavras abstractas, ou seja, partilhariam mais características semânticas (fig.3). As palavras cognatas, por sua vez, além do alto grau de semelhança semântica/ conceptual, partilham também características lexicais (ortográficas e/ou fonológicas). Neste tipo de estrutura, o número de elementos conceptuais é que determina a activação ou tradução de uma palavra sendo que quanto mais semelhantes forem dois conceitos, mais nós conceptuais terão em comum; por outras palavras, este modelo assume que os níveis altos de sobreposição de características semânticas e lexicais estão associadas a tempos de reacção menores.



**Figura 3** - Representação do Modelo Distributivo de Traços Conceptuais e Lexicais para diferentes tipos de nominais (adaptado de Sánchez-Casas e García-Albea, 2005: 240-241). (L1: língua 1; L2: língua 2; CL: características lexicais; L: lema; CC: características conceptuais).

### 3. Estudos Neurolinguísticos: Modelo da memória declarativa/procedimental

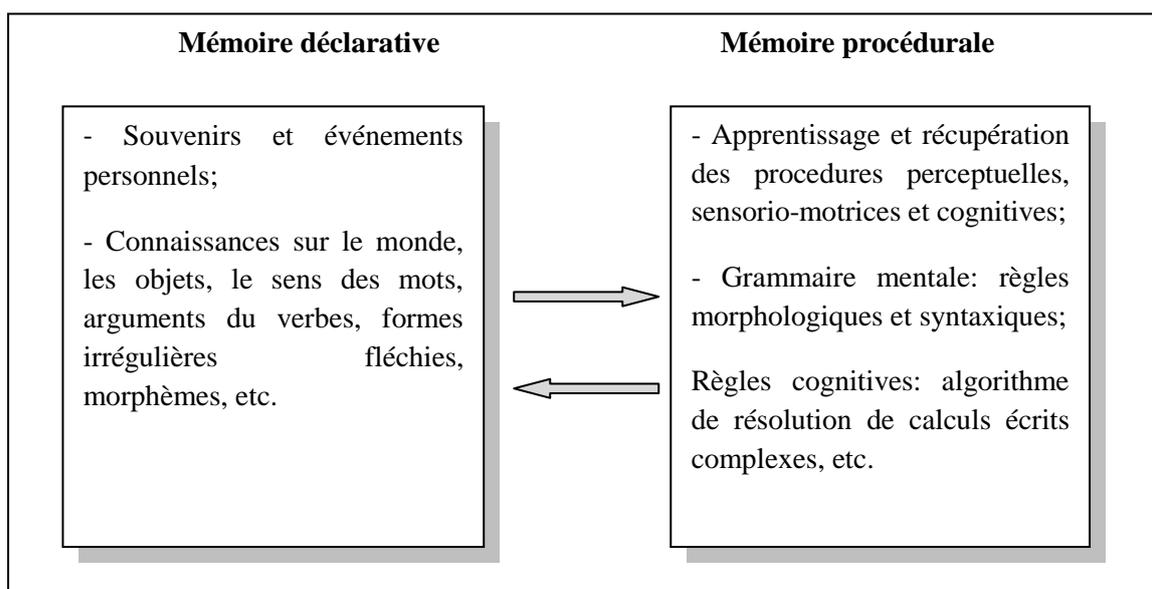
De acordo com estudos disponíveis, a aquisição de uma língua parece ser mediada por dois mecanismos de memória distintos, um de conhecimento implícito e outro de conhecimento explícito, ambos relacionados com a idade em que ocorre essa aquisição. Assim, existem dois sistemas: «one that implicitly internalizes the competence that allows speakers to automatically and unreflectively engage in systematic behavior, and another that allows them to learn and apply a rule, with considerable interindividual and intra-individual variability in performance» (Paradis, 2004: 11). De acordo com esta distinção entre conhecimento implícito e conhecimento explícito, existiriam duas vias para o uso da linguagem: recorrendo unicamente à competência linguística implícita (no caso dos analfabetos, por exemplo) ou usando o conhecimento metalinguístico (no caso de aprendentes principiantes de uma L2).

O conhecimento implícito está associado à memória “procedimental”, responsável pelas performances motoras e cognitivas adquiridas muito cedo. Esta memória caracteriza-se por ser inflexível e está orientada para tarefas muito específicas. Por sua vez, o conhecimento explícito está associado à memória “declarativa” na qual estão

representadas a memória episódica (lembranças e eventos) e a memória semântica (o conhecimento do mundo) (Paradis, 2004: 9).

De acordo ainda com Paradis, bilíngues e unilíngues têm comportamentos linguísticos e comunicativos não coincidentes e processam a informação de forma diferente. Assim, o estudo de alguns aspectos neurolinguísticos do bilinguismo não pode ignorar as dimensões procedimentais e declarativas do fenómeno, na medida em que estas são um elemento crucial na apropriação, no uso e na perda da linguagem.

A partir de estudos realizados em pacientes afásicos, bem como em pacientes atingidos por outras patologias de âmbito neurológico, concluiu-se que ambas as memórias, explícita e implícita, estão duplamente dissociadas, i.e., anatómica e funcionalmente. Assim, de acordo com a localização da lesão, têm-se verificado diferentes tipos de dificuldade no uso da linguagem, quer em L1, quer em L2: «brain damage in neocortical temporal and temporo-parietal regions will be associated with increased difficulty in later-learned and less used in L2 than in L1 or in an earlier-learned or well-practiced L2. Alternatively, lesions in the left-hemisphere frontal or basal ganglia would result in greater impairment to grammatical L1 structures or to an earlier-learned and well-practiced L2 than to a less used or later-learned L2» (Ijalba, Obler e Chengappa, 2004: 80). Estes estudos permitiram concluir que cada um dos sistemas, procedimental e declarativo, suportam, no que respeita à linguagem, representações diferentes inter-relacionadas que apresentamos no esquema seguinte:



**Figura 4** - Memórias declarativa e procedimental e linguagem (representação esquemática), adaptado de Macoir e Fossoir, 2008: 5).

Esta dissociação neurológica e de representações entre o processamento declarativo e procedimental pressupõe que uma L2 adquirida tardiamente tem uma componente declarativa superior a uma L2 adquirida em simultâneo com a L1 (Paradis, 2004).

#### **4. A morfologia e o léxico mental**

No que respeita às questões de acesso às palavras complexas e à sua organização no léxico mental do indivíduo, duas teorias principais opostas são tradicionalmente avançadas: trata-se, por um lado, do Modelo das “Decomposição Morfológica” e, por outro, do Modelo da “Entradas Independentes”.

##### **4.1. Modelo da “Decomposição Morfológica”**

O primeiro modelo explícito de reconhecimento e processamento das palavras complexas derivadas no léxico mental foi formulado por Taft e Forster em 1975. De acordo com estes autores, as palavras complexas estão representadas no léxico mental sob forma decomposta e são reconhecidas através dos seus constituintes, i.e., raízes e afixos. Esta hipótese postula que apenas a raiz da palavra complexa possui uma entrada lexical própria, sendo que a combinação da raiz e do afixo não se encontra representada de forma conjunta, mas, decomposta. Deste modo, esta hipótese supõe que cada raiz possui todas as informações relativas aos afixos com os quais a combinação é permitida e, portanto, com os quais é possível formar palavras morfológicamente complexas. A descodificação de palavras derivadas passaria então por um processo de “decomposição morfológica” que permitiria isolar os constituintes antes do seu acesso propriamente dito; um teste de compatibilidade seria então iniciado a partir da raiz isolada, de modo a testar a validade e pertinência da combinação dos constituintes. Por exemplo, para a palavra *incapaz*, o prefixo *in-* seria posto de lado e a procura iniciar-se-ia a partir da raiz *capaz*; uma vez a entrada localizada, a verificação de compatibilidade entre *in-* e *capaz* seria efectuada de modo a validar a combinação *incapaz*.

Ainda que este modelo permita uma economia de espaço no léxico mental, uma das suas limitações teria lugar na análise de palavras “pseudo-afixadas”<sup>16</sup>. Palavras como *rejuvenate*, compostas por um pseudo-afixo (*re-*) e uma pseudo-raiz (*juvenate*), conduziriam a um impasse no processo de análise e, deste modo, levariam a um processamento mais complexo e mais demorado em relação às palavras derivadas, visto terem de ser submetidas a uma segunda análise.

#### 4.2. Modelo das “Entradas Independentes”

De acordo com o Modelo das “Entradas Independentes”, cada palavra de uma língua tem o seu próprio código de acesso, independentemente da sua estrutura interna. Isto significa, portanto, que cada palavra complexa, tal como a palavra simples, possui a sua entrada lexical própria e que todas as palavras que partilham a mesma raiz morfológica têm uma entrada específica. Deste modo, palavras simples e complexas são processadas do mesmo modo e o reconhecimento realiza-se quando se verifica uma correspondência perfeita entre o input e o item lexical armazenado no léxico mental (Manelis e Tharp, 1977). Esta hipótese prevê uma listagem exaustiva de entradas lexicais e uma grande redundância de informação no léxico mental.

Dentro da mesma linha, Bybee (1985; 1995) propõe um modelo – *Lexical Network Model* – no qual cada palavra é vista como uma associação de propriedades semânticas e fonológicas e a força da relação entre as palavras armazenadas no léxico mental vai depender da força dos “laços” entre características comuns. De acordo com a mesma autora, a rapidez de reconhecimento de uma palavra está ligada à sua frequência e força lexical (*lexical strength*): «lexical strength is increased each time a phonological and semantic match have been made between a stored word and a word in processing» (Bybee, 1985: 134). Neste modelo, as palavras morfológicamente complexas, regulares e irregulares, estabelecem relações entre si e com itens lexicais que partilham as mesmas características semânticas e características fonológicas idênticas, i.e., «a word with a suffix, such as *played* is mapped both onto *play* and the Past Tense suffix»

---

<sup>16</sup> Entende-se por “pseudo-afixadas” as palavras que, do ponto vista formal, apresentam um pseudo-afixo e/ ou uma pseudo-base (na medida em que coincidem fonologicamente com bases/afixos existentes), mas que, no entanto, não são morfológicamente complexas.

(Bybee, 1985: 134). Este modelo prevê entradas lexicais independentes para todas as palavras complexas, regulares e irregulares, entre as quais se estabelecem conexões lexicais que «vary in closeness according to the number and the nature of the feature(s) constituting the connection». As noções de força lexical - *lexical strength* - e de conexão lexical - *lexical connection* - surgem como centrais neste modelo em que «morphological processing is mediated by the multiple connections between complex words in a lexical network» (Schreuder e Baayen, 1995: 152).

### **4.3. Modelos Mistos**

Os dois modelos apresentados anteriormente, a hipótese da “Decomposição Morfológica” e a hipótese das “Entradas Independentes”, aparecem como duas formas extremadas de análise que vieram a matizar-se. Outros estudos mais recentes apresentam versões mais flexíveis, procurando corrigir eventuais falhas nos modelos anteriores. De um modo geral, estes modelos avançam com a hipótese de que nem todas as palavras complexas são representadas da mesma maneira, sendo umas palavras complexas decompostas e outras, não.

#### **4.3.1. O Modelo AAM (Augmented Addressed Morphology)**

Caramazza, Laudanna e Romani (1988) propõem um modelo de reconhecimento das palavras morfologicamente complexas que se realiza em dois níveis: por decomposição lexical e por acesso directo.

Para as palavras morfologicamente regulares e transparentes do ponto de vista ortográfico, estes autores colocam a hipótese da existência de dois procedimentos distintos, mas que funcionam em paralelo, sendo o acesso escolhido pela frequência do item lexical. Para as palavras conhecidas e frequentes, o acesso às palavras morfologicamente complexas realiza-se pelo acesso directo, i.e., a partir da sua forma global.

No caso das palavras pouco conhecidas ou de palavras novas, o acesso é feito através da decomposição lexical, sendo que o seu reconhecimento se realiza a partir dos seus constituintes.

Neste modelo, a transparência, bem como a frequência, aparecem como determinantes na (des)codificação de uma palavra complexa.

#### 4.3.2. O “Meta-Model”

Shcreuder e Baayen (1995) propõem um modelo assaz complexo, que denominam de *Meta-Model*, por aspirar a descrever as «characteristics that language-specific models of morphological processing should possess» (Shcreuder e Baayen, 1995: 132). Ao contrário de propostas centradas no princípio de que à morfologia cabe simplesmente facultar o acesso aos constituintes morfológicos, a arquitectura deste assenta na convicção de que a função essencial do processamento morfológico consiste essencialmente na computação da significação das palavras (IDEM, ibidem).

De acordo com este modelo, o processamento morfológico realiza-se em três estádios ou níveis interrelacionados: o da segmentação, o do ‘licenciamento’ e o da combinação.

Ao nível da **segmentação**, estabelece-se o acesso à representação adequada do sinal linguístico recebido (‘access representations’), isto é, procede-se ao «mapping of the speech input onto form-based access representations of full as well as bound forms (affixes, stems)»; numa fase intermediária de pré-selecção, “prosodic information, resyllabification, stress shifts, tone sandhi and other phonological mutations” são analisadas (Schreuder e Baayen, 1995: 133). O acesso às representações activa, por sua vez, um ou mais nós conceptuais que, neste modelo, se encontram ligados, por um lado, às representações sintácticas, que «specify their combinatorial properties (subcategorization, word class, argument structure, etc.)», e, por outro lado, às representações semânticas, cabendo a estas especificar variados aspectos de sentido (Schreuder e Baayen, 1995: 136).

No segundo nível, o do “**licenciamento**”, processa-se a verificação das compatibilidades entre as propriedades de subcategorização das representações entretanto co-activadas. A representação lexical de uma palavra morfológicamente complexa é, pois, realizada com base nas representações lexicais, semânticas e sintáticas dos seus constituintes e depois de a integração destes ter sido devidamente “licenciada”; esta operação de computação denomina-se **combinação** (Schreuder e Baayen, 1995: 133).

Trata-se, portanto, de um modelo que, com muitas afinidades com outros, considerados parcelares, pretende integrar os diferentes aspectos do processamento morfológico num único quadro de análise; o foco de atenção vai para o modo como as três fases do processo (segmentação em constituintes morfológicos, “licenciamento” baseado na adequação das combinações morfemáticas e combinação baseada nas propriedades lexicais (sintáticas e semânticas) dos constituintes se definem (Schreuder e Baayen, 1995: 149).

De acordo com Schreuder e Baayen (1995: 142), este modelo possibilita duas vias de processamento das palavras complexas: uma palavra rara seria decomposta, ao passo que palavras semântica e estruturalmente transparentes e/ou muito frequentes teriam a sua própria representação lexical. Escrevem estes autores: «For a semantically transparent formation (...) it is the concept node of the complex whole that receives the most activation feedback from the semantic and syntactic representations» (Schreuder e Baayen, 1995: 142); assim, é também a sua representação de acesso (em detrimento das representações de acesso dos seus constituintes) que recebe mais informação de feedback<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Tanto os nós conceptuais como o acesso à representação podem ser activados pelas representações sintáctica e semântica, muitas vezes espoletadas por outras palavras com propriedades sintáticas e semânticas idênticas. O ‘feedback’ dos nós conceptuais sobre as suas representações de acesso faz com que, muitas vezes, palavras complexas sejam reconhecidas com base na sua forma final e não com base nos seus constituintes.

### 4.3.3. Outros contributos

Outros estudos ainda verificaram uma assimetria no processamento das palavras prefixadas e sufixadas. Com efeito, Pavard (1983), com base em tarefas de detecção de erros, por transposição de letras, na primeira ou última sílaba de palavras afixadas e pseudo-afixadas, demonstra que o erro é mais rapidamente detectado em palavras sufixadas do que em pseudo-sufixadas, enquanto que este facto não se verifica para palavras prefixadas e pseudo-prefixadas. O autor conclui que o acesso ao léxico das palavras prefixadas seria feito a partir da análise de todos os morfemas, ao passo que para as palavras sufixadas, o acesso seria feito a partir da raiz (só esta pode activar o processo de decomposição lexical); o autor propõe um modelo de processamento das palavras afixadas no qual as palavras seriam analisadas da esquerda para a direita.

O estudo realizado por Colé *et al.* (1986 : 363) corrobora esta assimetria de processamento entre palavras prefixadas e sufixadas: «L'identification des mots suffixés dépendrait aussi bien de leur fréquence de base (fréquence cumulée de l'ensemble des mots qui partagent la racine y compris celle de la racine elle-même) que de leur fréquence de surface (fréquence d'occurrence du mot morphologiquement complexe) ; seule cette dernière serait pertinente pour l'identification des mots préfixés. En effet, tandis que l'accès aux mots suffixés s'effectuerait via leur racine, celui des mots préfixés s'effectuerait à partir de leur forme de surface».

Acabámos de confrontar diferentes formas de perspectivar os mecanismos de acesso às palavras complexas e o seu modo de representação na memória. Como o tratamento exaustivo desta questão não é o objectivo fulcral do nosso trabalho, não se tornou necessário optar por um modelo específico; pretendemos, antes, equacionar as grandes questões que neste âmbito se colocam e extrair as dimensões que se revelam mais operatórias no tratamento de dados posterior.

## 5. Factores intervenientes no processamento da morfologia derivacional

Como acabamos de ver nos estudos acima descritos, vários factores intervêm no tratamento da morfologia derivacional. Assim, factores como a frequência das bases, a produtividade dos afixos ou ainda o grau de transparência ou opacidade dos derivados influenciam a representação e o acesso às palavras complexas no léxico mental. Analisemos alguns desses factores.

### 5.1. A frequência

Taft (1989) bem como outros estudos posteriores (Meunier e Segui, 1999; Taft, 2004, entre outros), avaliaram a relevância da frequência – *the frequency effect* - no tratamento das palavras morfologicamente complexas. É frequente fazer-se a distinção entre *frequência lexical* ou de *superfície* e *frequência de base* ou *cumulada*, que passamos a definir:

- a frequência de superfície corresponde à frequência de ocorrência da forma global de uma palavra de uma língua, seja ela simples ou derivada;
- a frequência cumulada corresponde à soma de frequência de superfície da palavra e das palavras derivadas ou formas flexionadas que partilham a mesma raiz (*fazer, fazemos, refazer, desfazer...*).

Estes dois tipos de frequência, a frequência de superfície e a frequência cumulada, têm sido usados em alguns estudos com a finalidade de perceber o modo como se processam as palavras complexas no léxico mental. De acordo com estes estudos, os tempos de reacção baseados na frequência cumulada seriam reveladores de uma decomposição lexical (Taft, 1989), ao passo que o efeito da frequência de superfície apontaria para um tratamento da forma global da palavra morfologicamente complexa (Burani *et al.*, 1984). Assim, Taft (1989) observou para o inglês, que as palavras prefixadas com uma frequência cumulada elevada (como *reproach*) eram identificadas mais rapidamente do que palavras com uma frequência cumulada baixa (como *dissuade*), embora se verifique que a frequência de superfície é idêntica para ambas;

este facto veio confirmar a importância da base na identificação das palavras afixadas, bem como a hipótese de uma decomposição lexical, já avançada por Taft e Forster (1975). Num estudo semelhante realizado por Burani *et al.* (1984), os resultados são interpretados à luz do modelo AAM, constatando-se que um derivado com uma frequência elevada é reconhecido pela forma global.

## 5.2. A produtividade

A par com a frequência, alguns estudos têm testado a produtividade dos afixos de modo a verificar se esta seria um factor relevante no tratamento de palavras complexas.

Bauer e Nation (1993) centram-se na ideia de que o desenvolvimento do conhecimento morfológico implica o domínio do conceito de “família de palavras” e consideram que o reconhecimento de uma relação desse tipo entre vocábulos envolve aspectos como a frequência, a regularidade (formal e/ou funcional), a produtividade e a previsibilidade (semântica) dos seus elementos constituintes. Da consideração destes factores resulta a definição dos critérios a partir dos quais Bauer e Nation distinguem os níveis em que um determinado afixo é colocado. Assim, se, num 1º nível (em que *Each form is a different Word*), não há reconhecimento de unidades afixais e, portanto, cada forma identificada corresponde a uma palavra, nos restantes níveis ocorre a integração de afixos nos moldes que os autores descrevem:

- Nível 2: *Inflectional suffixes*. Neste nível, registam-se os sufixos que operam na marcação das categorias de plural, de terceira pessoa do singular, de *present tense*, *past tense*, *past participle*, *-ing*, comparativo, superlativo e possessivo.

- Nível 3: *The most frequent and regular derivational affixes*. Deste nível constam afixos tais como *-able*, *-er*, *-ish*, *-less*, *-th*, *-y*, *non-*, *un-*.

- Nível 4: *Frequent, orthographically regular affixes*. Os autores incluíram neste nível afixos tais como *-al*, *-ation*, *-ess*, *-ful*, *-ism*, *-ist*, *-ity*, *-ize*, *-ment*, *-ous*, *in-*.

- Nível 5: *Regular but infrequent affixes*: *-age*, *-al*, *-ance*, *-ary*, *-ery*, *-hood*, *-ways*, *ant-*, *anti-*, *bi-*.

- Nível 6: *Frequent but irregular affixes*. Neste nível localizam-se os afixos que oferecem mais problemas de segmentação / identificação, quer por provocarem alomorfia nas bases, quer por estarem envolvidos em situações de homografia: *-able, -ee, -ic, -ify, -ion, -ist, -ition, -ive, -th, -y, pre-, re-*.

- Nível 7: *Classical roots and affixes*: *ab-, ad-, com-, de-, dis-, ex-, sub-*.

Não conhecemos, para o português, listagens de produtividade afixal, pelo que não é possível avaliar a relevância deste factor no tratamento das palavras derivadas, quer em PL1, quer em PL2. Existem, no entanto, alguns dados que nos permitem traçar uma ideia da representatividade de alguns afixos. No caso dos sufixos susceptíveis de construir nomes de qualidade em português, Margarita Correia (2004: 330) traça o seguinte perfil: «De todos os sufixos estudados, *-ia, -idade, -ismo* e *-ice* (*-eira* apenas em casos muito marcados) são os únicos que manifestam disponibilidade para a construção de novos nomes de qualidade em português. A esta situação não é certamente alheio o facto de serem estes os únicos sufixos capazes de operarem sobre bases construídas. Deste modo, poderá postular-se que *-ez* e *-eza, -idão* e *-ura*, dado operarem apenas sobre bases de estrutura simples ou sobre adjectivos desflexionados a partir de formas irregulares de participípios passados verbais, terem o espectro de bases potenciais sobre as quais podem operar praticamente saturado e, por isso, não encontrarem bases disponíveis para sobre elas operarem». De acordo com a autora, os sufixos mais produtivos são os sufixos “internacionais”, já os “autóctones”, hoje em dia, têm uma produtividade bastante reduzida.

### **5.3. Transparência/ opacidade**

#### **5.3.1. Transparência semântica**

As noções de transparência e opacidade semânticas, aplicadas às palavras derivadas, referem-se à ligação semântica que a base e o sufixo estabelecem entre si. Estes dois conceitos têm sido recorrentes em alguns estudos e tem-se verificado que o grau de transparência ou de opacidade registada entre base e afixo tem um papel

relevante no tratamento e na compreensão das palavras complexas. Assim, tal como afirmam Colé *et al.* (2004: 704), «la transparence sémantique qui lie une base et un mot dérivé influence également les performances aux tâches morphologiques. On peut en effet considérer que les mots morphologiquement reliés se distribuent selon un continuum dont les deux extrêmes se caractérisent, d'une part, par une relation sémantique transparente (exemple: *coiffer/ coiffeur*) et, d'autre part, par une relation sémantique opaca (exemple: *toile/ toilette*)». Entende-se, portanto, que quanto mais opaca é a relação semântica, mais difícil será estabelecer uma relação morfológica entre base e derivado.

### 5.3.2. Transparência lexical

Este conceito, quando se refere a uma área mais ampla do léxico e não especificamente às palavras morfológicamente complexas, também se refere à existência de palavras cognatas em L1 e L2 que conseguem ser imediatamente identificadas pelo aprendente. Tal como escreve Sherkina-Lieber (2004:108): «Cross-language cognates are words which have similar meaning and similar phonological (and sometimes orthographical) form in two languages. They may have common origin (historically- for related languages), or be borrowed either from one of the two languages or from the same third language». Assim uma palavra transparente ou cognata seria uma palavra para a qual existiria outra, simples ou complexa, idêntica do ponto de vista formal (ortográfico e/ ou fonológico) e semântico (caso de *rápido/ rapide*, por exemplo).

Vários estudos realizados em sujeitos bilingues têm confirmado um tratamento diferenciado das palavras cognatas em relação a outras (De Groot, 1993; Sherkina-Lieber, 2004) . De um modo geral, tem sido demonstrado que os bilingues reconhecem e produzem mais rápida e facilmente as palavras cognatas do que as falsas cognatas (mesma forma, mas sentido diferente, i.e., os chamados *falsos amigos*), ou não cognatas (formas diferentes e mesmo sentido). A explicação mais plausível para esta observação seria o facto de as palavras cognatas partilharem mais traços conceptuais e lexicais entre

L1 e L2 (ver modelo distributivo de traços conceptuais e lexicais em 2.3. deste capítulo), e serem, portanto, mais facilmente traduzidas<sup>18</sup>.

## 6. A aquisição da morfologia derivacional

A criança, logo nos primeiros meses de vida, começa a aprender um determinado número de palavras complexas que vai armazenando na sua memória. O conhecimento morfológico na criança surge a partir da sua exposição repetida a palavras complexas (Clark, 2001); assim, ao estar frequentemente exposta a palavras terminadas pelo sufixo agentivo *-eiro*, por exemplo (*padeiro*, *carteiro*), a criança irá progressivamente interiorizando os constituintes destas palavras derivadas e conseguirá atribuir-lhes uma categoria sintáctica e semântica, ainda que de forma implícita, de modo a formar palavras novas: «This is a two-stage process. The first stage involves detecting patterns of co-activation of developing semantic representations. If a pattern is detected (e.g., *-er* in *teacher*, *runner*, etc.), a concept node is created for this pattern, and a corresponding representation at the access level begins to develop» (Carlisle e Fleming, 2003: 242). De acordo com Clark (2001), é por volta dos dois anos e meio que a criança começa a utilizar afixos derivacionais, essencialmente sufixos, mas só a partir dos três anos é que ela o faz de forma sistemática.

Vários estudos têm demonstrado que as crianças em processo de escolarização se mostram sensíveis a uma série de factores, nomeadamente a frequência da palavra e da família morfológica, a produtividade do afixo, ao carácter prefixado ou sufixado da forma, ou ainda ao seu grau de transparência ou opacidade formal e/ ou semântica (Carlisle e Fleming, 2003). As pesquisas demonstraram, pelos resultados obtidos em tarefas diversas (correção de erros, extração da base, decisão lexical, relacionamento de palavras, etc.) que, por exemplo, «le recours à une analyse morphologique serait plus systématique et plus précoce pour les items préfixés que pour les items suffixés. Or, cela pourrait s'expliquer par le fait que les préfixes sont, pour différentes raisons, plus facilement isolables à l'intérieur des mots que les suffixes» (Marec-Breton *et al.*, 2005:

---

<sup>18</sup> Para uma síntese sobre esta questão, ver Sánchez-Casas e García-Albea (2005).

27). Assim, por não modificarem nem a estrutura silábica nem a estrutura fonética da base à qual se juntam, os prefixos, contrariamente aos sufixos, seriam mais facilmente isolados e identificados. Já os sufixos, além de quase sempre alterarem a categoria da base, muitas vezes afectam a ortografia das palavras e a sua estrutura fonológica, complexificando deste modo a identificação da relação morfológica entre base e derivado.

De um modo geral, as pesquisas realizadas nesta área sugerem que, por um lado, o desenvolvimento da morfologia derivacional é posterior ao desenvolvimento da morfologia flexional (Clark, 2001) e que, por outro, existe uma assimetria entre competências de produção e de compreensão, tal como explica Lowie (1998: 81): «Children often show comprehension of phenomena they do not yet accurately produce. Three-year-olds are able to appropriately interpret the *-er* affix as agentives, but in their production these same children form agent nouns by producing compounds with *-man*».

Alguns autores concordam com o facto de que, antes do segundo ano de escolaridade, os conhecimentos em morfologia derivacional se encontram ainda muito pouco desenvolvidos (Marec-Breton *et al.*, 2005). Outros, no entanto, sugerem que, na realidade, esses conhecimentos morfológicos existem, mas são de natureza implícita e que, portanto, a criança aplica esses conhecimentos de forma inconsciente e automática (Colé *et al.*, 2004).

## **6.1. O conhecimento morfológico**

Um dos estudos-chave na aquisição da morfologia derivacional em L1 foi realizado por Tyler e Nagy (1989) junto de crianças cuja língua materna era o inglês. Estes autores identificaram três aspectos distintos da competência morfológica de um falante - o conhecimento “relacional” (*relational knowledge*), o conhecimento “sintáctico” (*syntactic knowledge*) e o conhecimento “distribucional” (*distributional knowledge*) - que descrevem do seguinte modo:

- o conhecimento “relacional” consiste na capacidade de reconhecer que as palavras derivadas têm uma estrutura interna complexa e que, deste modo, várias palavras podem partilhar “a common base morpheme”. Por outras palavras, trata-se da capacidade de

identificar as relações morfológicas que existem entre duas palavras que partilham uma mesma base. Mais concretamente, é saber que palavras como *casa* e *casinha* estão ligadas morfológicamente, enquanto que *mar* e *martírio* não têm qualquer ligação desse tipo;

- o conhecimento “sintáctico”, tal como é entendido por esses autores, corresponde ao (re)conhecimento das marcas sintácticas veiculadas pela classe dos sufixos derivacionais. Trata-se portanto de reconhecer que um determinado sufixo derivacional define a categoria sintáctica da palavra à qual se juntou; por exemplo, identificar que *calmamente* é um advérbio devido ao sufixo adverbializador *-mente*, que *habilidade* é um nome abstracto por causa do sufixo nominalizador *-idade* e que *penalizar* é um verbo devido ao sufixo verbalizador *-iz*;

- o conhecimento *distribucional* baseia-se nas regras que orientam as combinações base-sufixo; na medida em que um determinado sufixo não se pode juntar a uma base de forma aleatória, este conhecimento refere-se, então, ao facto de, por exemplo, o sufixo *-idade* se juntar a bases adjectivais de modo a formar substantivos abstractos femininos, não se podendo juntar a outra classe de bases.

Tyler e Nagy (1989: 650) concluíram ainda que estes três tipos de conhecimento morfológico não se adquirem de forma simultânea: «Syntactic and distributional knowledge presuppose relational knowledge and should therefore be acquired later. We hypothesized that children acquire distributional knowledge after both relational and syntactic knowledge is acquired, because distributional constraints are in part determined by whether or not the morpheme is bound and by syntactic factors».

## **6.2. A morfologia derivacional em L2**

Se, como vimos, vários estudos se têm debruçado sobre a aquisição e processamento da morfologia derivacional em L1, segundo o que pudemos observar, são poucos os estudos desenvolvidos em L2.

No que respeita à L1, alguns trabalhos têm demonstrado que o conhecimento morfológico explícito contribui para a descodificação e aprendizagem de palavras novas, nomeadamente em tarefas de leitura (Carlisle, 1995; Carlisle e Fleming, 2003;

Nation, 2006). Assim, «the analysis of words into parts, particularly giving attention to prefixes and suffixes, can greatly help the learning of these words. Remembering the meaning of a regularly affixed word such as *unpredictable* or *miscommunication* is helped by having an understanding of the parts that make it up» (Nation, 2006: 449).

Quanto à L2, um estudo de grande dimensão foi levado a cabo por W. Lowie (1998) que, na sua tese de doutoramento, desenvolveu aquilo que ele denominou de “the translation equivalence” e que define da seguinte maneira: «Morphological translation equivalence is determined by the overlap of semantic and syntactic characteristics of an L1 type and an L2 type. Translation equivalence is not a binary construct, but a continuum: the more syntactic and semantic characteristics are shared by an L1 type and an L2 type, the higher the degree of translation equivalence will be» (Lowie, 1998: 167).

Ao levar a cabo este estudo junto de alunos alemães (L1), aprendentes de inglês (L2), este autor chegou a algumas conclusões, que passamos a descrever:

- quanto mais os afixos forem similares, sintáctica e semanticamente, em L1 e em L2, mais fácil será a compreensão e a produção de palavras complexas. Deste modo, sufixos que apresentam similitudes, quer na forma, quer de um ponto de vista semântico, entre duas línguas serão mais facilmente adquiridos (por exemplo o par de sufixos *-ity/ -iteit* no caso do inglês e do alemão, respectivamente, que opera na formação de nomes abstractos). Em segundo lugar, o aprendente irá adquirir sufixos cuja forma difere em L1 e em L2, mas que apresentam semelhanças semânticas, como, por exemplo, o par inglês/ alemão *-able/ -baar*, que opera na formação de adjectivos deverbais. Pares com forma semelhante, mas sem relação semântica (ex: *-ster/ -(st)er*, o primeiro forma em inglês nomes de estado dejectivais - *youngster* -, o segundo está ao serviço da expressão da agentividade em alemão - *minister*) serão mais dificilmente adquiridos. Assim, «clearly, (psycho)transparency is an important condition for the establishment of lexical entries for affix types in the bilingual mental lexicon» (Lowie, 1998: 156);

- a produtividade dos afixos em L1 é um factor importante na produção de palavras morfologicamente complexas em L2, para a qual o aprendente recorre à “translation equivalence” de L1 para L2. Porém, a produtividade dos afixos em L2 não parece facilitar a produção de derivados nessa mesma língua;

-de acordo com os resultados, o autor conclui que «frequent morphologically complex items will have their own lexical representation, and no affix types are involved for the production of these words» (Lowie, 1998: 196);

- os resultados obtidos demonstraram, de um modo geral, uma assimetria entre as competências de compreensão e de produção, sendo esta mais visível em aprendentes com proficiência menos elevada. Os resultados sugerem que a compreensão em L2 precede a produção de palavras complexas.

Assim, este estudo levado a cabo por Lowie (1998) sugere, à semelhança do que acontece com a L1, que a compreensão precede a produção e que factores tais como a transparência (formal e semântica), a frequência e a produtividade também têm um papel fundamental na aprendizagem de uma L2, ainda que não de forma totalmente idêntica, na medida em que ao aprender uma L2, um aprendente já possui representações conceptuais da L1 (Lowie, 1998: 113). Como afirma Jiang (2000: 50), a diferença na aquisição/ aprendizagem reside no facto de «L1 words are learned as both semantic and formal entities, but L2 words are learned mainly as formal entities because, here, the meaning is provided, either through association with L1 translation or by means of definition».

Outro estudo foi realizado por R. Morin (2003) junto de aprendentes de espanhol língua estrangeira (ELE) e cuja língua materna era o inglês. Partindo do pressuposto de que «morphological analysis can be a useful tool, not only for building vocabulary for and through reading, but also facilitating the oral and written communication that is a large part of what occurs in the foreign language classroom» (Morin, 2003: 202), a autora testou o conhecimento morfológico, tal como é descrito por Tyler e Nagy (1989; ver 6.1. deste capítulo), junto de alunos que frequentavam o primeiro e segundo semestre de aulas de ELE por meio de *vocabulary knowledge test*, *receptive knowledge test* e *productive knowledge test*. Os resultados obtidos nos testes sugerem que:

- à semelhança do que acontece em L1, o conhecimento *distribucional*, relativo às regras de combinação base-sufixo, é o último a ser adquirido;

- o uso da análise morfológica como estratégia na formação de vocabulário é mais evidente nos aprendentes de nível mais avançado (2º semestre);

- os alunos que frequentavam o segundo semestre de ELE apresentam de forma significativa competências de produção mais desenvolvidas do que alunos do 1º semestre.

Perante estes dados, a autora concluiu que « this study suggests that by second-semester, L2 learners may have the minimum proficiency necessary to use knowledge of Spanish word parts and word families as a strategy for building vocabulary knowledge, though perhaps not as effectively as learners at higher proficiency levels.» (Morin, 2003: 214).

## Conclusão

Neste capítulo, observámos que o léxico mental é idêntico a uma base de dados muito complexa, constituída pelos itens lexicais que conhecemos, bem como por todas as informações inerentes a esses itens. Cada um destes é guardado em memória com todas as suas propriedades, o que nos permite aceder-lhe e usá-lo sempre que necessário. Os aspectos morfológicos, os fonológicos, os semânticos, os sintácticos, etc., fazem parte das informações codificadas na entrada lexical.

No que respeita mais concretamente ao léxico mental de um sujeito bilingue, apresentámos em 2. alguns dos modelos mais relevantes, nomeadamente os Modelos Hierárquicos, o Modelo Bilingue de Activação Interactiva e o Modelo Distributivo de Traços Conceptuais e Lexicais. O Revised Hierarchical Model, desenvolvido por Kroll e Stewart (fig.1/ D), é o que se nos afigura mais completo e mais apto a descrever alguns dos comportamentos dos falantes bilingues. Com efeito, ao integrar factores tais como o nível de proficiência, representações lexicais independentes mas interligadas, e variação de força entre laços conceptuais e lexicais, este modelo dá conta de fenómenos tipicamente bilingues tais como a “transferência” e a “alternância de códigos”<sup>19</sup> ou, ainda, a capacidade de tradução. Do mesmo modo, porque não há sempre uma

---

<sup>19</sup> Entende-se por “transferência” «a adopção de elementos próprios a uma língua no uso de uma outra» (Martins, 1997: 84) e por “alternância de códigos” (*code-switching*) «le passage momentané mais complet d’une langue à l’autre pour la durée d’un mot, d’un syntagme, d’une ou de plusieurs propositions» (Grosjean, 1984:29). Estes dois conceitos, a par com outros, descrevem as manifestações verbais tipicamente bilingues, características das situações de duas ou mais línguas em contacto (para uma síntese da questão, ver Martins, 1997).

correspondência exacta entre uma palavra de L1 e uma palavra de L2, a força dos laços conceptuais e lexicais irá variar de acordo com a proximidade dessas duas línguas. Línguas tipologicamente mais próximas, como o português e o espanhol por exemplo, terão um grau de sobreposição muito superior a línguas tipologicamente afastadas e, portanto, possivelmente laços lexicais e conceptuais mais fortes (como o caso das palavras transparentes) (ver 5.3. deste capítulo). Em conclusão, achámos que um modelo em que todos os níveis se encontram interligados mas que apresentam uma assimetria nas conexões seria o mais adequado para a análise de fenómenos linguísticos próprios dos bilingues e/ou aprendentes de uma L2.

No que concerne à morfologia derivacional propriamente dita, as fontes que consultámos apresentaram propostas diversificadas para a descrição do processo de (des)codificação das palavras complexas em L1: descrevemos os modelos de “Entradas Independentes”, os modelos de “Decomposição Morfológica” e os modelos “Mistos” que conjugam as duas modalidades anteriores. Apesar de não haver consenso, estes modelos concordam, no entanto, com o facto de existir um conjunto de factores intervenientes no processamento das palavras complexas. Assim, a frequência e a produtividade das bases e dos afixos, bem como a transparência lexical e semântica parecem ser determinantes no reconhecimento dos itens lexicais.

Os poucos estudos realizados no âmbito da morfologia derivacional em L2 a que tivemos acesso, reconheceram comportamentos idênticos na aprendizagem e no processamento entre L1 e L2. Lowie (1998) concluiu que o aprendente de L2 aplica o que denominou de *translation equivalence* como estratégia na compreensão e produção de palavras derivadas (ver 6.2. deste capítulo), sendo esta última influenciada pelos mesmos factores que intervêm em L1, i.e. pela frequência, produtividade e transparência. Por sua vez, Morin (2003) concluiu no seu estudo que, por um lado, a estratégia da análise morfológica é tanto mais usada quanto maior for a proficiência em L2 e, por outro lado, que o conhecimento “distribucional” e a competência de produção são de aquisição mais tardia.

No próximo capítulo iremos descrever o trabalho experimental realizado junto de aprendentes de PL2, aos quais foi submetido um inquérito, também ele descrito mais à frente.

À luz do enquadramento teórico descrito nos dois primeiros capítulos deste estudo, o nosso trabalho empírico irá procurar elucidar algumas questões sobre o modo como os alunos de PL2 aprendem, compreendem e produzem nomes abstractos de adjectivais. Com base nos estudos atrás apresentados (De Groot, 1993; Lowie, 1998; Morin, 2003; Taft, 1989), podemos desde já ponderar algumas hipóteses:

- (i) as palavras lexical e semanticamente transparentes serão mais facilmente reconhecidas e produzidas pelos alunos;
- (ii) os derivados que apresentam uma base transparente serão mais simples de decompor;
- (iii) os alunos terão menos dificuldades em produzir e/ ou decompor itens lexicais (adjectivos e derivados) que apresentam uma frequência de ocorrência mais elevada;
- (iv) as palavras construídas com um sufixo internacional serão mais facilmente produzidas e/ ou decompostas do que palavras construídas com um sufixo autóctone;
- (v) por serem mais produtivos e transparentes, os sufixos internacionais encontram-se mais disponíveis no léxico mental do aprendente.

Além da avaliação das hipóteses acima colocadas, procuraremos ainda verificar quais as estratégias usadas pelos aprendentes na realização das diferentes tarefas a que foram submetidos.

A escassa quantidade de trabalhos desenvolvidos na área da morfologia derivacional em L2, quer no estrangeiro, quer no nosso país, demonstra-nos claramente que estamos perante uma área ainda pouco explorada. Dado o aumento constante da população escolar para a qual o português não é a língua materna, parece-nos fundamental que se realizem investigações centradas na aquisição lexical e morfológica dos aprendentes.

Assim, o nosso estudo empírico, cujo objectivo principal é procurar entender a forma como se processa a aprendizagem dos nomes abstractos de adjectivais por parte de alunos estrangeiros aprendentes de PL2, assume-se como um contributo nessa área.

## **CAPÍTULO 3 - O TRABALHO EXPERIMENTAL**

## **Introdução**

Tendo em conta a exposição teórica realizada previamente, iremos, neste capítulo, proceder à apresentação e descrição do nosso estudo empírico e à análise dos resultados obtidos.

Iniciaremos este capítulo com a exposição dos objectivos que motivaram a nossa investigação; prosseguiremos com o retrato linguístico dos participantes; seguidamente, apresentaremos os instrumentos e métodos usados na avaliação dos conhecimentos de morfologia derivacional; faremos igualmente uma breve descrição das condições nas quais se realizou a colheita dos dados/ submissão do inquérito. Por fim, procederemos à compilação, descrição e análise dos dados obtidos.

### **1. Objectivos**

#### **1.1. Objectivo geral**

De um modo geral, procurámos saber por meio de resolução de exercícios quais as estratégias usadas por um aprendente de PL2 no tratamento de palavras derivadas complexas, que tipo de erros são mais recorrentes e que tipo de factores intervêm no processamento, compreensão e produção deste tipo de produto.

Concretamente e como já foi referido anteriormente, o presente estudo articula-se à volta da seguinte questão:

Quais são os conhecimentos demonstrados pelos informantes de PL2 em morfologia derivacional no domínio dos substantivos abstractos deadjectivais?

Optámos por nos centrar apenas num determinado tipo de processo dentro da vasta área da morfologia derivacional, de modo a delimitar a nossa pesquisa, na medida em que a dimensão deste trabalho não nos permite levar a cabo um estudo exaustivo da área em questão, i.e., a aprendizagem da morfologia derivacional por aprendentes de PL2.

## 1.2. Objectivos específicos

Uma vez definido o objectivo geral e trabalhadas algumas questões de âmbito teórico nos dois primeiros capítulos deste trabalho, o conjunto dos exercícios foi elaborado de modo a fornecer dados para a resolução de algumas questões mais concretas que passamos a enumerar:

- (i) Que operadores sufixais se encontram mais disponíveis no repertório lexical do aprendente?
- (ii) Que tipo de estratégia(s) utiliza o aluno quer nas tarefas de produção quer nas tarefas de segmentação de derivados?
- (iii) Que factores podem estar envolvidos no processamento das palavras complexas?
- (iv) Que consciência tem o aluno da estrutura compósita dos produtos em foco?
- (v) Que consciência tem o aprendente do facto de uma base poder seleccionar vários sufixos?

Tal como ficou definido, vários estudos realizados essencialmente em língua materna (inglês e francês sobretudo) demonstraram que factores tais como a frequência, a produtividade e a transparência/ opacidade das bases e dos sufixos têm influência no que respeita à produção e compreensão das palavras complexas; foi demonstrado igualmente que, no caso da aprendizagem de L2, se recorre a algumas estratégias tais como *the translation equivalence* (W. Lowie: 1998).

Até à data, não temos conhecimento de qualquer estudo realizado no âmbito do PL2 na área da aprendizagem da morfologia derivacional, no qual as questões acima mencionadas tenham sido equacionadas. Deste modo, baseando-nos nos estudos realizados sobre outras línguas, procuraremos verificar se alguns dos factores ou estratégias identificadas se aplicam na aprendizagem/ processamento da formação de nomes abstractos de adjectivais em PL2 ou, se, ao contrário, se observa outro tipo de factores e estratégias.

## 2. Os informantes

Os alunos que participaram no presente estudo eram todos estudantes que frequentavam, à data da submissão do inquérito, aulas de PL2 de nível intermédio, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sendo, no total, 62 participantes.

A média de idade para este grupo de informantes é de 25,2 anos<sup>20</sup>; apresentamos no quadro abaixo a sua organização por sexo e faixa etária.

	Sexo		
Idade	Feminino	Masculino	Total
20-30	39	11	50
31-40	3	2	5
41-50	1	0	1
<51	2	1	3
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>14</b>	<b>59</b>

Quadro 2 – Número de participantes em função do sexo e da idade

No conjunto de 62 participantes, notamos, por um lado, uma representação muito maior de sujeitos de sexo feminino, com 45 informantes e, por outro lado, um grande número de alunos cuja idade se enquadra na faixa dos 20-30 anos, contabilizando-se um total de 50 indivíduos nesta faixa etária, o que corresponde a mais de 80% do grupo. Este facto explica-se por se tratar maioritariamente de alunos estrangeiros provenientes de outras universidades que se encontram em Portugal durante um semestre através do programa de intercâmbio ERASMUS.

O perfil linguístico dos participantes apresenta-se bastante diversificado, salientando-se, no entanto, um maior número de estudantes provenientes de países da Europa Ocidental (Inglaterra, Espanha, Itália, França e Alemanha), como podemos verificar no quadro que se segue.

---

<sup>20</sup> No conjunto de 62 participantes, 3 não referiram a idade; a média etária foi, portanto, calculada com base em 59 participantes.

<b>Nacionalidades<sup>21</sup></b>	<b>Número</b>
Alemã	6
Austríaca	1
Belga	3
Bielorrussa	1
Búlgara	1
Cipriota	1
Checa	2
Chinesa	2
Croata	1
Espanhola	11
Francesa	6
Neerlandesa	3
Indiana	1
Inglesa	12
Italiana	7
Japonesa	2
Polaca	2
Total	62

**Quadro 3** – Número de alunos por nacionalidade

Como adiantámos, este trabalho foi levado a cabo junto de 62 alunos que frequentavam aulas de Português língua estrangeira no ano lectivo 2009/2010 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Grande parte dos nossos informantes (53 alunos) frequentava, ao abrigo do programa ERASMUS, aulas da disciplina de Língua Portuguesa III, que tem a duração de um semestre, com 4h semanais. Os nove restantes eram alunos que frequentavam o curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros e encontravam-se no primeiro semestre do nível intermédio; ambas as turmas se encontravam a concluir o semestre. De acordo com os planos de estudos destes dois cursos<sup>22</sup>, estes alunos enquadrar-se-iam nos níveis B1/B2 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL). Para estes níveis e no que se

<sup>21</sup> Dos 11 alunos de nacionalidade espanhola, um referiu falar a língua basca e outro o catalão. Dos 6 participantes de nacionalidade francesa, 4 são luso-descendentes.

<sup>22</sup> Os respectivos programas podem ser consultados no sítio da FLUC: <http://www.uc.pt/fluc/ensino/cpe>.

refere à competência lexical que «consiste no conhecimento e na capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreende elementos lexicais e gramaticais» (Alves, 2002: 159), o QECRL apresenta os seguintes descritores:

(i) No âmbito da amplitude do vocabulário, o aprendente:

B1: «tem vocabulário suficiente para se exprimir com a ajuda de circunloquções sobre a maioria dos assuntos pertinentes para o seu quotidiano, tais como a família, os passatempos, os interesses, o trabalho, as viagens e a actualidade»;

B2: «possui uma gama de vocabulário sobre assuntos relacionados com a sua área e sobre a maioria dos assuntos. É capaz de variar a formulação para evitar repetições frequentes, mas as lacunas lexicais podem, ainda, causar hesitações e o uso de circunloquções».

(ii) No âmbito do domínio do vocabulário, o aprendente:

B1: «mostra bom domínio do vocabulário elementar, mas ainda ocorrem erros graves quando exprime um pensamento mais complexo ou quando lida com assuntos ou situações que não lhe são familiares»;

B2: «a correcção gramatical é geralmente elevada apesar de poder existir alguma confusão e escolha incorrecta de palavras, mas sem que isso perturbe a comunicação».

No que respeita à competência gramatical propriamente dita, entendida «como o conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade de os utilizar» (Alves, 2002: 161), e na qual a morfologia se encontra incluída, o QECRL propõe os seguintes descritores:

B1: [o aprendente] «comunica, com razoável correcção, em contextos familiares; tem geralmente um bom controlo, apesar das influências óbvias da língua materna. Podem ocorrer erros, mas aquilo que ele está a tentar exprimir é claro»;

B2: [o aprendente revela] «bom controlo gramatical; podem ainda ocorrer ‘lapsos’ ocasionais ou erros não sistemáticos e pequenos erros na estrutura da frase, mas são raros e podem muitas vezes ser corrigidos retrospectivamente»

Mediante os descritores apresentados pelo QECRL, os nossos participantes serão alunos que evidenciam uma proficiência em L2 que lhes permite interagir com nativos

em conversas do quotidiano, sem dificuldades maiores de compreensão. Ao nível da produção, e no que se refere à competência gramatical em particular, alunos deste nível demonstrarão ainda algumas fragilidades, evidenciando, no entanto, competências metalinguísticas.

### **3. O inquérito**

Ao realizar este estudo, apercebemo-nos de que existem poucos instrumentos concebidos para avaliar os conhecimentos em morfologia derivacional em português língua estrangeira. Dado este facto, grande parte das tarefas elaboradas inspiraram-se nos modelos de actividades propostos quer em manuais escolares de português língua materna, quer em manuais escolares de português língua estrangeira e adaptadas de acordo com o nosso objecto de estudo.

#### **3.1. Estrutura**

A prova<sup>23</sup> submetida aos 62 alunos é constituída por quatro exercícios correspondendo cada um deles a uma tarefa diferente, que passamos a descrever. O tempo previsto para a resolução dos exercícios era de trinta minutos.

Tarefa 1: esta primeira tarefa tinha como objectivo avaliar os conhecimentos lexicais e morfológicos que designamos de produção, na medida em que o informante tinha de construir um substantivo a partir do adjectivo que lhe era dado. Deste modo, o exercício organizado em duas colunas, consiste em encontrar, para cada adjectivo da coluna A, um ou mais substantivos correspondentes. Para a realização desta primeira tarefa, não foi dada qualquer informação sobre o sufixo, nem sobre a classe gramatical das bases.

Tarefa 2: este exercício, tal como o anterior, tinha como objectivo avaliar os conhecimentos morfológicos de produção. Procurámos testar a capacidade de criação de unidades lexicais pela concatenação de bases e de sufixos pré-definidos, de acordo com o conjunto de sufixos que seleccionámos inicialmente. Esta segunda tarefa é uma tarefa

---

<sup>23</sup> Pode ser consultado no Anexo 1 o inquérito submetido aos participantes.

de produção lexical controlada, na medida em que obriga o aluno a limitar-se às bases e aos sufixos que lhe são apresentados. Isto permite-nos avaliar se o sujeito reconhece que determinadas bases se juntam preferencialmente a determinados sufixos na formação de nomes abstractos.

Tarefa 3: neste exercício, o aluno tinha a tarefa inversa relativamente às anteriores, na medida em que se lhe solicitava a decomposição de palavras derivadas. Este exercício procura avaliar os conhecimentos em morfologia derivacional que remetem para o reconhecimento dos constituintes de uma palavra complexa; mais concretamente, procurámos verificar a capacidade dos alunos no reconhecimento dos adjectivos que se encontram na base das palavras complexas propostas, bem como no reconhecimento do sufixo.

Tarefa 4: neste exercício o aluno devia ligar as palavras da coluna A às palavras da coluna B. A coluna A apresenta adjectivos e a coluna B apresenta os substantivos derivados. Para cada adjectivo, poderá existir mais do que uma correspondência. Foram também introduzidas “formas-estímulo” que correspondem a palavras possíveis, na medida em que se enquadram na RFP ESSIV, mas que não se encontram atestadas nem dicionarizadas<sup>24</sup>; pretende-se, assim, testar a capacidade do aluno na identificação destas formas.

### 3.2. Critérios de selecção dos itens lexicais

No primeiro capítulo deste trabalho, descrevemos e delimitámos os operadores sufixais que se encontram ao serviço da formação de nomes abstractos de adjectivais, acabando por nos restringir ao seguinte conjunto de sufixos: *-idade*, *-ia*, *-ismo*, *-ice*, *-ez*, *-eza*, *-ura* e *-(i)dão*.

Com base no conjunto acima transcrito, e de modo a não tornar o teste a apresentar aos informantes demasiado extenso e complexo, a nossa escolha recaiu em cinco sufixos, a saber: *-idade*, *-ismo*, *-ez*, *-eza*, e *-(i)dão*. Esta nossa escolha assentou,

---

<sup>24</sup> Para verificação dos produtos dicionarizados, recorremos ao *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora, disponível em linha ([www.infopedia.pt/lingua-portuguesa](http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa)) e ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa.

por um lado, em critérios de transparência/opacidade formal e semântica e, por outro lado, em critérios de disponibilidade e representatividade, na medida em que estes são dois critérios tidos em conta na nossa investigação empírica.

Assim, a nossa escolha recaiu, por um lado, em duas formas sufixais internacionais (*-ismo* e *-idade*), que se caracterizam não só por poderem ser semanticamente equivalentes e por apresentarem uma forma idêntica ou muito semelhante noutros idiomas, como também por apresentarem ainda disponibilidade/representatividade na formação de substantivos abstractos de adjectivais; por outro lado, escolhemos operadores sufixais autóctones (*-ez*, *-eza* e *-idão*), que apresentam formas tipicamente portuguesas e que são praticamente nulos em termos de produtividade (Correia, 2004).

Tal como foi referido atrás neste trabalho, os informantes têm línguas maternas muito diversificadas; dado que uma grande maioria demonstrou possuir também conhecimentos de inglês bem como de francês, será com base nestas duas línguas que iremos verificar se a transparência formal e/ou semântica é um factor facilitador na compreensão e na produção dos produtos em foco.

Por sua vez, os principais critérios que presidiram à escolha dos adjectivos que serviram de base nas diferentes tarefas prenderam-se mais uma vez com os objectivos discriminados em 1.2. Assim:

- (i) optámos por formas adjectivais que pertencem a patamares de frequência de ocorrências diversificados;
- (ii) seleccionámos adjectivos que apresentam uma forma cognata a nível formal e semântico como por exemplo *fatal* e *rápido* (exercício 1);
- (iii) escolhemos adjectivos não cognatos, i.e. estruturalmente distantes como por exemplo *amarelo* e *delgado* (exercício 2).

No que respeita aos exercícios 3 e 4, escolhemos tanto nomes abstractos estruturalmente transparentes (*humanidade*) como nomes estruturalmente opacos (*franqueza*); todos se incluem também em patamares de frequência diversos.

No que concerne à frequência de ocorrência, recorreremos a um léxico de frequências de vocábulos do português europeu - o CORLEX<sup>25</sup>, extraído do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. Este corpus, constituído por 16.210.438 palavras, está organizado, em termos quantitativos, em doze patamares de frequência. De modo a simplificar a leitura, elaborámos para cada exercício, e com base nos itens lexicais que seleccionámos para o nosso inquérito, duas tabelas<sup>26</sup> nas quais são apresentados os itens (adjectivos e derivados) de acordo com a frequência numérica para a análise de dados posterior<sup>27</sup>.

Uma vez definidos os critérios de selecção das unidades lexicais e descritos os objectivos do estudo e o perfil dos informantes, iremos agora proceder ao tratamento analítico dos dados.

#### **4. Apresentação e tratamento analítico dos dados**

Com base no enquadramento teórico exposto nos capítulos anteriores, iremos agora proceder à apresentação, descrição e análise dos dados obtidos na realização do inquérito pelos 62 participantes aprendentes de PL2.

Optámos, como metodologia preferencial, por fazer uma descrição e análise dos dados por exercício, na medida em que cada um deles supõe tarefas diferenciadas e, por conseguinte, a activação de competências também elas diferenciadas. A análise dos dados será feita à luz dos objectivos equacionados em 2.1. deste capítulo.

Como será explicitado posteriormente, os dados tidos em consideração para análise foram alvo de uma triagem da nossa parte; seleccionámos apenas dados considerados pertinentes para a nossa investigação.

---

<sup>25</sup> O CORLEX pode ser consultado no sítio [www.clul.pt](http://www.clul.pt).

<sup>26</sup> Podem ser consultadas as tabelas de frequência numérica no anexo 2.

<sup>27</sup> No âmbito do projecto PAL-PORT (*Psycholinguistic Assessment of Language*, bateria de testes psicolinguísticos criados para a língua inglesa e adaptada à língua portuguesa), foram definidos critérios de frequência baseados no léxico de frequência numérica da CORLEX. Assim, consideram-se palavras « pouco frequentes » ou de frequência baixa, palavras cuja frequência numérica é igual ou inferior a 27 ocorrências e palavras « muito frequentes » ou de frequência alta, palavras que apresentam uma frequência numérica superior ou igual a 162 ocorrências (Festas, Martins e Leitão, 2007 : 10); deste modo, as palavras incluídas entre estes dois limites (28-161) serão consideradas palavras de frequência média. Usaremos, igualmente, a par com a frequência numérica do CORLEX, esta classificação dos itens lexicais.

## 4.1. Exercício 1

### 4.1.1. Apresentação dos dados

Este primeiro exercício tinha como objectivo avaliar a capacidade derivacional dos aprendentes na formação de um substantivo a partir de uma base adjectival.

Assim, neste primeiro exercício foi fornecido um conjunto de adjectivos (coluna A) a partir dos quais o aluno devia encontrar o substantivo derivado correspondente; note-se que lhe foi chamada a atenção para o facto de poder existir, para uma mesma base, mais do que uma resposta possível. Para a realização deste exercício, não foi ao aluno dada qualquer informação sobre os sufixos. No conjunto de adjectivos seleccionados, incluímos maioritariamente palavras com uma frequência numérica elevada, compreendida entre as 325 e as 2197 ocorrências<sup>28</sup>.

Dentro deste conjunto, foram ainda incluídas duas palavras - *azul e vazio* - para as quais não existe substantivo abstracto derivado atestado em português; a inclusão de ambas teve como objectivo, por um lado, perceber se o aluno tem conhecimento desta não possibilidade e, por outro lado, verificar qual o operador sufixal que o informando considera como válido/ disponível, nos casos em que o reconhecimento desta impossibilidade não se verifique.

Registámos na tabela 1 as ocorrências obtidas neste primeiro exercício, divididas em quatro colunas de acordo com a tipologia dos produtos obtidos.

Assim, na coluna A foram registados os nomes abstractos dicionarizados que seguem a RFP ESSIV (ver 1.2., no capítulo 1 deste trabalho) como, por exemplo, o nome abstracto *alegria*.

Por sua vez, a coluna B apresenta produtos possíveis que seguem a RFP ESSIV mas que no entanto não se encontram dicionarizados, i.e. produtos formados a partir de outro sufixo que não o atestado: *alegrismo*.

Na coluna C, foram incluídas palavras atestadas, mas pertencentes a outra classe que não a do nome abstracto deadjectival, tais como advérbios - *alegremente* - ou verbos - *acertar*.

---

<sup>28</sup> Pode ser consultada a tabela de frequência numérica no Anexo 2.

Por fim, na coluna D, registámos produtos não dicionarizados agramaticais e que não seguem a RFP ESSIV tais como: *firmento, levesidade, etc.* Incluímos aí tipos de construção que derogam, de algum modo, o paradigma de formação de nomes abstractos deadjectivais, tais como:

- pseudo-derivados cuja base não pode servir de base derivacional em português: *firme* > \**firman* + *dade*;

- pseudo-derivados cujo sufixo não apresenta a forma convencional em português: *escuro* > *escuro* + \**idez*.

A tabela seguinte apresenta os dados obtidos no primeiro exercício:

<b>Adjectivo base</b>	<b>A Nomes abstractos dicionarizados que seguem a RFP ESSIV</b>	<b>B Nomes abstractos não dicionarizados que seguem a RFP ESSIV</b>	<b>C Palavras pertencentes a outra classe gramatical e/ou derivacional</b>	<b>D Produtos não dicionarizados/agramaticais</b>
Alegre NR: 2	Alegria (50)	Alegrismo (3) Alegrez (2) Alegreza (13) Alegridade (11)	Alegra (1) Alegro (1) Alegremente (1) Alegre (1)	
Azul NR: 14	/	Azulidão (5) Azulez (5) Azuleza (9) Azulidade (3) Azuldade (3) Azulismo (1)	Azul (11) Azulado (3) Azulejo (6) Azulão (1) Azuleja (2)	Azulideza (1) Azuidade (1) Azuismo (1)
Certo NR: 0	Certeza (60)	Certidade (13) Certura (1)	Certíssimo (1) Certidão (5) Certamente (3) Acertar (1)	Certidumbre (3) Seguridade (1) Certecidade (1) Certeça (1)
Escuro NR: 2	Escuridade (35) Ecuridão (16) Escureza (14)	Escurez (1) Ecurdade (1)	Ecuríssimo (1) Escuro (1)	Ecuridez (2)
Fatal NR: 0	Fatalidade (54) Fatalismo (18)	Fataleza (10)		Fatalidez (1)
Firme NR: 3	Firmeza (47)	Firmedade (4) Firmidade (10) Firmez (1) Firmismo (1) Firmidão (1)	Afirmar (1) Firma (2) Firmado (1) Afirmação (1)	Firmento (1) Firmandade (1) Fermeza (1) Firmação (1) Firmamente (1)

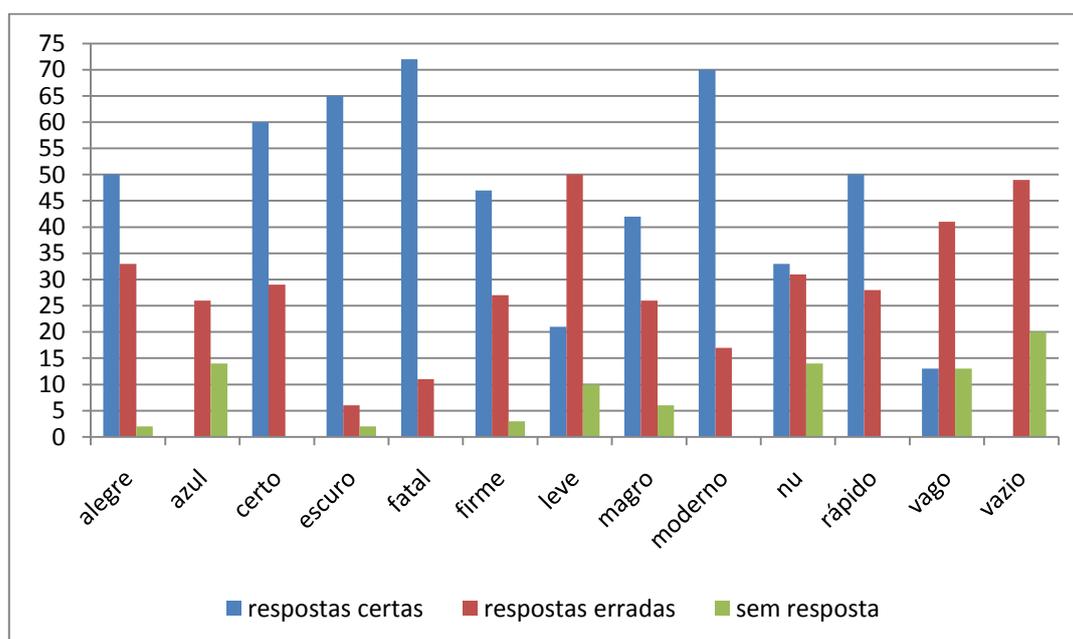
Leve  NR: 10	Leveza (21)	Levedade (12) Levidade (21) Levez (1) Levismo (1) Levidão (1)	Leve (2) Levado (2) Leviandade (1) Levedura (2) Levado (2) Levar (2) Levezinha (1)	Liviano (1) Levesidade (1)
Magro  NR: 6	Magreza (42)	Magrismo (4) Magridade (13) Magritude (2) Magrez (2) Magredade (1) Magridão (1)	Magríssima (1) Magra (1) Emagrecer (2)	Magridez (1)
Moderno  NR: 0	Modernidade (53) Modernismo (17)	Modernez (1) Moderneza (8)	Moda (1) Moderna (3) Modernização (2) Moderno (2)	
Nu  NR: 14	Nudeza (14) Nudez (9) Nudismo (10)	Nuidade (4) Nueza (4) Nuidade (5) Nuismo (2) Nuez (5) Nudade (3)		Nudo (1) Nueveza (1) Nusismo (1) Nudisto (1) Nuidez (2) Nudidez (1) Nuedade (1)
Rápido  NR: 0	Rapidez (50)	Rapidez (9) Rapidismo (1) Rapididade (4)	Rapidíssimo (2) Rapidamente (3)	Rapidade (9)
Vago  NR: 13	Vagueza (13)	Vagidão (1) Vagidade (7) Vageza (11) Vaguidade (1) Vaguez (1) Vagodade (1) Vagedade (1) Vaguedade (1) Vagismo (2) Vaguismo (1)	Vaga (3) Vago (1) Vagamente (1) Vagia (2) Vasto (1)	Vagância (1) Vagosidade (1) Vaguerza (1) Vaguidez (1) Vagueidade (1)
Vazio  NR: 20		Vazidão (3) Vazidade (15) Vazieza (3) Vaziedade (2) Vaziodade (1) Vazismo (1) Vaziez (1)	Vazio (4) Vazia (5) Vaza (1) Vão (1) Vaziamente (1) Esvaziar (1)	Vacidade (1) Vaquidão (1) Vaduidade (1) Vadeza (1) Vazildade (1) Vazância (1) Vaziomente (1) Vazioza (1) Vazuidade (1)

**Tabela 1** – Lista das ocorrências obtidas no exercício por tipologia de produtos. (NR: Não respostas, entre parênteses: número de respostas obtidas)

O facto de a formulação do exercício alertar o informante para a possibilidade de mais do que uma solução, levou a maioria a registar mais do que um substantivo para cada base proposta. Assim, para cada uma das bases, verificou-se um número significativo de combinatórias<sup>29</sup>, i.e. respostas para as quais dois (ou mais) substantivos foram formados a partir do mesmo adjectivo-base pelo recurso a sufixos diferentes. Assim, e a título exemplificativo, a partir do adjectivo-base *alegre* obtivemos um total de 50 ocorrências para o nome abstracto *alegria*, mas registaram-se também 7 ocorrências da combinatória *alegria-alegriedade*, 6 ocorrências da combinatória *alegria-alegreza* e ainda 3 ocorrências da combinatória *alegria-alegrismo*.

#### 4.1.2. Descrição e análise dos dados

O gráfico 1<sup>30</sup> que se apresenta abaixo quantifica as ocorrências por respostas certas (coluna A), respostas erradas (colunas B, C e D) e as “não respostas”:



**Gráfico 1** – Totais de registos de ocorrências por respostas certas, respostas erradas e das não respostas, para cada adjectivo-base.

<sup>29</sup> Pode-se consultar no Anexo 3 a tabela na qual se registaram as combinatórias por número de ocorrências.

<sup>30</sup> Para os casos em que as bases admitem mais do que um sufixo possível, foram somadas todas as repostas certas; assim, para o adjectivo *fatal*, foram somadas as 54 ocorrências obtidas do nome *fatalidade* e as 18 ocorrências obtidas do nome *fatalismo*, dando um total de 72 respostas certas. Casos semelhantes se verificam para as bases *escuro*, *moderno* e *nu*.

Mediante uma primeira leitura do gráfico acima apresentado, podemos constatar que obtivemos, para a maioria das bases, um número de ocorrências certas superior ao número de ocorrências de respostas erradas, à exceção dos adjectivos-base *leve* e *vago*, para os quais contabilizámos um número superior de respostas incorrectas.

Por sua vez, verifica-se que as bases *fatal*, *moderno*, *escuro* e *certo* obtiveram um número significativo de respostas certas com 72, 70, 65 e 60 ocorrências respectivamente; caso semelhante se observa para os adjectivos-base *alegre*, *firme* e *rápido*, para os quais se contabiliza também um número de ocorrência elevado (50, 47 e 50, respectivamente).

Podemos observar, portanto, que *leve* e *vago* foram as bases que suscitaram mais dificuldades junto dos aprendentes, apresentando um número claramente superior de respostas erradas. Por outro lado, surgem mais ocorrências (erradas) ou não respostas para as bases *azul* e *vazio*. Este dois adjectivos serão alvo de um tratamento diferenciado mais à frente.

Em seguida, iremos proceder a uma descrição e análise mais pormenorizada de acordo com as questões e expectativas referidas atrás neste capítulo.

Embora grande parte das respostas seja desviante, na medida em que não correspondem a palavras atestadas no léxico português, serão considerados para análise todos os produtos, atestados ou não (colunas A e B), que se enquadram na RFP ESSIV que forma nomes abstractos deadjectivais, representados pela operação derivacional seguinte:  $[X]_A \rightarrow [[X]_A \text{ sufixo}]_N$

(i) *FREQUÊNCIA*

Prestando atenção às bases apresentadas no exercício 1, verificamos que, de acordo com os dados oferecidos pelo CORLEX, a frequência de ocorrência dos adjectivos-base se apresenta diversificada, com uma frequência numérica compreendida entre as 325 e as 2197 ocorrências, sendo considerados itens de frequência muito alta, de acordo com os patamares estabelecidos no âmbito do programa PAL-PORT (ver 2.2. deste capítulo). Assim, apresentam uma frequência numérica superior a 1000 ocorrências os adjectivos seguintes: *certo* (2197), *escuro* (1121), *leve* (1133), *moderno*

(1354) e *rápido* (1805), sendo estes, portanto, os que apresentam uma frequência de ocorrência mais elevada; por sua vez, apresentam uma frequência numérica inferior a 1000 ocorrências os adjetivos seguintes: *alegre* (325), *azul* (432), *fatal* (350), *firme* (534), *magro* (488), *nu* (471), *vago* (713) e *vazio* (547).

Se atentarmos agora nos resultados representados no gráfico 1, observamos que:

- a) do conjunto de adjetivos com uma frequência numérica muito alta, superior a 1000 ocorrências, quase todos apresentaram um número de respostas certas superior a 50, verificando-se apenas uma exceção para a palavra *leve*, a qual obteve um número mais elevado de respostas erradas.
- b) dos adjetivos cuja frequência numérica é inferior a 1000, contabilizámos para os adjetivos *firme*, *magro*, *nu* e *vago*, um total de respostas compreendido entre as 47 e 13 ocorrências certas, registando-se as mais elevadas para a base *firme*, com 47, e as mais baixas para *vago*, com 13.

No que respeita agora à frequência numérica dos derivados previstos<sup>31</sup>, os substantivos *alegria* e *certeza* apresentam respectivamente 1142 e 1924 ocorrências, sendo estas as mais elevadas; todos os restantes têm uma frequência numérica inferior a 260 ocorrências: *escuridão*, *firmeza*, *modernidade*, *rapidez*, *fatalidade*, *fatalismo*, *leveza*, *magreza*, *modernismo* e *nudez*; por fim, o nome *escuridade* apresenta uma frequência numérica muito baixa, com 9 ocorrências.

Estes primeiros dados indiciam que a frequência elevada do derivado não parece ser o único factor actuante nos resultados obtidos.

## (ii) TRANSPARÊNCIA

Do conjunto de adjetivos apresentados neste exercício, considerámos transparentes lexical e semanticamente as palavras *fatal*, *moderno* e *rápido*. Com efeito, verifica-se que para cada um destes adjetivos existe um cognato na língua inglesa e na

---

<sup>31</sup> Pelo termo *derivado previsto*, entende-se os nomes abstractos de adjetivos dicionarizados, formados a partir dos adjetivos-base apresentados no exercício e gerados pela RFP ESSIV, os quais se encontram listados na coluna A da tabela 1.

língua francesa. A mesma observação é válida para os derivados formados a partir das bases *fatal* e *moderno*; o derivado *rapidez*, por sua vez, apresenta uma forma com um grau de transparência parcial visto esta ser transmitida pela base e não pelo sufixo, como se verifica abaixo:

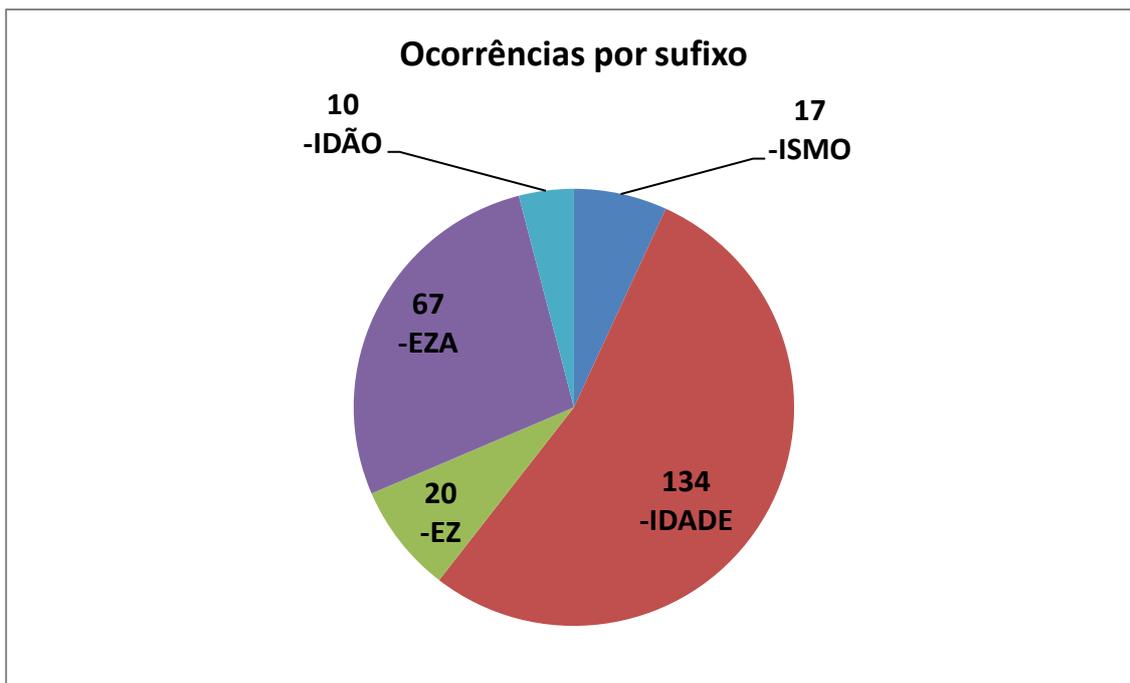
<b>Português</b>	<b>Inglês</b>	<b>Francês</b>
<i>fatal</i> > <i>fatalidade/fatalismo</i>	<i>fatal</i> > <i>fatality/fatalism</i>	<i>fatal</i> > <i>fatalité/fatalisme</i>
<i>moderno</i> > <i>modernidade/</i> <i>modernismo</i>	<i>modern</i> > <i>modernity/</i> <i>modernism</i>	<i>moderne</i> > <i>modernité/</i> <i>modernisme</i>
<i>rápido</i> > <i>rapidez</i>	<i>rapid</i> > <i>rapidity</i>	<i>rapide</i> > <i>rapidité</i>

Comparando estas observações com os resultados apresentados no gráfico 1, notamos que para o adjetivo-base *fatal*, a partir do qual foram formados correctamente os derivados *fatalidade* e *fatalismo*, contabilizam-se, no conjunto, 78 ocorrências certas, sendo este o número mais elevado. Para os derivados formados sobre as bases *moderno* e *rápido* contabilizámos 70 e 50 ocorrências respectivamente.

Quanto a nós, estes resultados elevados de respostas correctas para os derivados formados a partir das bases acima transcritas poderão indiciar que a transparência lexical e semântica terá influência positiva nos resultados e por conseguinte, poderá actuar como auxílio e/ ou estratégia na produção de nomes de propriedade pelos aprendentes de L2.

### (iii) REPRESENTATIVIDADE SUFIXAL

De modo a ter uma visão mais fiável dos sufixos que se encontram mais disponíveis no repertório lexical dos aprendentes, contabilizámos o total de produtos não dicionarizados que seguem a RFP (coluna B, tabela 1); o gráfico 2, que apresentamos abaixo, representa o total desses produtos, classificados por sufixo.



**Gráfico 2** - Ocorrências por sufixos dos produtos não dicionarizados que seguem a RFP ESSIV

Como podemos notar a partir da leitura do gráfico 2, os alunos de PL2 formaram um número significativo de produtos não dicionarizados a partir do sufixo *-idade*, que surge em 134 ocorrências, num total de 248 ocorrências não dicionarizadas que seguem a RFP ESSIV. Em segundo lugar, o sufixo *-eza* aparece com 67 ocorrências; os sufixos *-ez*, *-ismo* e *-idão* foram os menos recorrentes.

Se, agora, prestarmos atenção aos adjetivos-base *azul* e *vazio*, que foram incluídos nesta tarefa precisamente para testar qual o sufixo que o informante acharia mais apto para formar um nome abstracto derivado, notamos que a partir de *azul* foram formados 9 nominais com o sufixo *-eza*, 6 nominais com o sufixo *-idade*, 5 nominais com os sufixos *-idão* e *-ez* e apenas 1 nominal com o sufixo *-ismo*, contabilizando-se ainda 14 não-respostas.

Quanto ao adjetivo *vazio*, os participantes consideraram que *-idade* seria o mais apto a formar um nome abstracto de adjectival, na medida em que este sufixo surge em 18 ocorrências; contabilizámos 3 ocorrências para os sufixos *-eza* e *-idão*, apenas 1 ocorrência para o sufixo *-ez* e 1 para o sufixo *-ismo*, conforme se verifica na tabela 1.

Assim, depois de analisarmos o total das ocorrências dos produtos não dicionarizados que seguem a RFP ESSIV, os resultados obtidos parecem indicar que:

- a) o sufixo *-idade* se encontra mais disponível no repertório lexical dos aprendentes, facto este que se deve, quanto a nós, ao seu estatuto internacional, por um lado, e à sua disponibilidade na construção de nomes de propriedade, por outro;
- b) do conjunto de sufixos autóctones, o sufixo *-eza* parece estar mais disponível e, acreditamos, é um dos primeiros a ser assimilado. Por este sufixo se juntar preferencialmente a palavras de registo corrente e familiar (Correia: 2004), é de esperar que o repertório linguístico de alunos destes níveis seja constituído por um vasto número de palavras em *-eza*.

Descreveremos e analisaremos em seguida os dados obtidos no exercício 2, também ele exercício de produção.

## **4.2. Exercício 2**

### **4.2.1. Apresentação dos dados**

No que concerne ao segundo exercício implementado junto dos aprendentes, a tarefa consistia em juntar um adjetivo-base da coluna A a um dos sufixos propostos na coluna B e, por fim, registá-lo na coluna C. Tal como a anterior, trata-se de uma tarefa na qual se faz apelo à competência de produção do aluno; esta tarefa difere no entanto da anterior por ser mais controlada, na medida em que o aluno deve restringir-se aos sufixos facultados no exercício.

Deste exercício, resultaram as seguintes palavras:

<b>Adjectivo base</b>	<b>Nomes abstractos dicionarizados que seguem a RFP ESSIV</b>	<b>Nomes abstractos não dicionarizados que seguem a RFP ESSIV</b>	<b>Palavras não dicionarizados que não seguem a RFP ESSIV<sup>32</sup></b>
	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>
AMARELO	Amarelidão (7)	Amarelismo (13) Amarelidade (11) Amarelez (5) Amareleza (14)	Amareza (1)
AVARO	Avareza (13)	Avarismo (17) Avaridade (14) Avarez (3) Avaridão (7)	Avaridez (1)
DELGADO	Delgadeza (12)	Delgadismo (8) Delgadidade (2) Delgadade (1) Delgadidão (2) Delgadez (28)	Delgaldade (1) Delgeza (1) Delgaismo (1)
DELICADO	Delicadeza (34)	Delicadismo (6) Delicadidade (2) Delicadez (15)	Delicidade (1) Deliceza (1)
ETERNO	Eternidade (51)	Eternismo (3) Eterneza (3) Eternidão (4)	
FÁCIL	Facilidade (54)	Facilismo (5) Facilidão (1) Facilez (1)	
FRESCO		Frescismo (6) Fresquismo (1) Frescidade (1) Fresquidade (1) Fresquez (3) Frescez (2) Fresceza (19) Fresqueza (21) Frescidão (1)	Frescibilidade (1) Frescuridão (1)
GENTIL	Gentilismo (8) Gentilidade (10) Gentileza (26)	Gentildade (6) Gentilez (2) Gentilidão (2)	Gentismo (1) Gentidade (1) Gentez (1)

<sup>32</sup> Nesta coluna registámos os produtos que não estão dicionarizados, e não seguem a RFP ESSIV, por não respeitarem a operação derivacional seguinte: [X]<sub>A</sub> ---- [[X]<sub>A</sub> sufixo]<sub>N</sub>.

HONESTO	Honestidade (36)	Honestismo (3) Honestez (5) Honesteza (6) Honestidão (5)	Honestade (2) Honteza (1)
IGUAL	Igualdade (39)	Igualismo (2) Igualidade (16) Igualéz (1) Igualéza (1) Igualidão (1)	
LENTO	Lentidão (15)	Lentismo (11) Lentidade (9) Lentedade (1) Lenteza (18)	Lenidão (1)
POBRE	Pobreza (57)	Pobridade (1) Pobrez (1)	Pobrideza (1)
PRONTO	Prontidão (7)	Prontismo (15) Prontidade (11) Prontez (2) Pronteza (16)	Prontade (1)
SENSATO	Sensatez (21)	Sensatismo (18) Sensatidade (1) Sensateza (10) Sensatidão (2)	Sensacismo (1) Sensidade (1) Sensadeza (1) Senseza (1) Sencieza (1)
SUBTIL	Subtileza (21)	Subtilismo (3) Subtilidade (26) Subtildade (2) Subtilez (4) Subtilidão (2)	Subtez (1) Subtidão (1)
TÍMIDO	Timidez (37)	Timididade (2) Timidez (8) Timidão (1)	Timidade (11)

**Tabela 2** - Lista das ocorrências obtidas no exercício 2 por tipologia de produtos.

Iniciaremos em seguida a análise do desempenho dos participantes. A análise dos dados será feita, tal como no exercício anterior, mediante os nossos objetivos descritos em 2.2. deste capítulo.

#### 4.2.2. Descrição e análise dos dados

A tabela 4 apresenta o total de ocorrências obtidas no presente exercício, classificadas por respostas certas (coluna A, tabela 3) e respostas erradas (colunas B e C, tabela 3) e por base.

Adjectivo-base	Respostas certas	Respostas erradas
Amarelo	7 (0,8%)	43 (4,7%)
Avaro	13 (1,5%)	41 (4,5%)
Delgado	12 (1,3%)	42 (4,6%)
Delicado	34 (3,7%)	25 (2,7%)
Eterno	51 (5,6%)	10 (1,1%)
Fácil	54 (5,9%)	7 (0,8%)
Fresco	0	57 (6,2%)
Gentil	44 (4,8%)	13 (1,5%)
Honesto	36 (3,9%)	22 (2,4%)
Igual	39 (4,3%)	21 (2,3%)
Lento	15 (1,7%)	40 (4,4%)
Pobre	57 (6,2%)	3 (0,3%)
Pronto	7 (0,8%)	45 (4,9%)
Sensato	21 (2,3%)	36 (3,9%)
Subtil	21 (2,3%)	39 (4,3%)
Tímido	37 (4%)	22 (2,4%)
<b>TOTAL</b>	<b>448</b> <b>49%</b>	<b>466</b> <b>51%</b>

**Tabela 3** – Resultados do exercício 2 por número e percentagem de respostas certas e erradas

Uma das primeiras primeiras observações que estes resultados nos sugerem é a taxa de sucesso negativa obtida nesta tarefa. Com efeito, e de acordo com os nossos cálculos, obtivemos apenas 49% de respostas dicionarizadas, contra 51% de respostas possíveis/ erradas. Este facto poderá revelar, quanto a nós, que alunos destes níveis possuem uma competência de produção ainda frágil no que respeita, neste caso, à formação de nomes de propriedade.

Se olharmos para os resultados com mais atenção, verificamos que os participantes tiveram mais dificuldades e, por conseguinte, resultados menos bons, na formação de palavras a partir das bases *amarelo*, *avaro*, *delgado*, *fresco*, *lento*, *pronto*,

*sensato* e *subtil*, para as quais contabilizámos um número de respostas certas inferior a 21 ocorrências.

Por sua vez, os números mais elevados de ocorrências correctas surgem em derivados formados a partir das bases *pobre*, *fácil*, *eterno*, *gentil*, *igual*, *honesto* e *delicado*, com 57, 54, 51, 44, 39, 36 e 34 ocorrências, respectivamente.

Se analisarmos agora estes resultados de acordo com a frequência de ocorrência dos adjectivos-base, verificamos que esta poderá ter sido um critério facilitador para as respostas certas obtidas para as bases *pobre*, *igual* e *fácil* com uma frequência numérica muito alta compreendida entre 1227 e 2246 ocorrências, como também para as bases *delicado* e *eterno*, as quais apresentam uma frequência numérica alta de 469 e 563 ocorrências respectivamente (ver anexo 2). No entanto, seguindo esta mesma ordem de ideias, deveríamos ter obtido resultados semelhantes para as bases *amarelo*, *pronto*, *fresco* e *lento*, para as quais se regista uma frequência numérica igualmente alta, compreendida entre 1358 e 704 ocorrências.

Se prestarmos agora atenção à frequência<sup>33</sup> de ocorrência dos derivados previstos, notamos que os derivados *facilidade*, *igualdade* e *pobreza* são aqueles que apresentam uma frequência numérica mais elevada, com 679, 533 e 483 ocorrências respectivamente. Com uma frequência numérica considerada alta surgem os derivados *eternidade* (202) e *timidez* (128); *delicadeza*, *gentileza*, *honestidade*, *sensatez* e *subtileza* exibem uma frequência média, com ocorrências situadas entre 97 e 33. Os derivados que apresentam a frequência numérica mais baixa são *avareza* e *prontidão*, com 10 e 26 ocorrências, respectivamente.

Assim, e de acordo com o que foi exposto, a frequência numérica quer das bases quer dos derivados poderá ter tido alguma influência, nomeadamente para os resultados elevados obtidos para os derivados *pobreza*, *facilidade*, *igualdade* e os resultados muito baixos para os derivados *prontidão* e *avareza*. Porém, parece-nos que a frequência dos itens lexicais não explica por si só os resultados obtidos neste exercício. Esta questão será retomada um pouco mais à frente.

---

<sup>33</sup> De acordo com a informação que se pode consultar no sítio do CLUL ([www.clul.pt](http://www.clul.pt)), só são considerados na base de dados lemas «cuja frequência é igual ou ultrapassa o nível limiar estabelecido». De acordo com este facto, entende-se que o substantivo *fresquidão* estará abaixo do patamar 1 (6-10), indiciando, portanto, uma frequência de ocorrência praticamente nula.

De acordo com o critério da transparência, notamos que alguns dos resultados mais elevados de respostas certas correspondem, por um lado, a palavras derivadas lexical e semanticamente transparentes como, por exemplo, os derivados *eternidade*, *facilidade*, *honestidade* e *igualdade*; por outro lado, correspondem a adjetivos-base também eles transparentes: *delicado*, *gentil* e *tímido*. Por sua vez, o maior número de respostas erradas foi igualmente obtido para palavras (adjetivos e derivados) não cognatas (*amarelo*, *delgado*, *fresco*, *lento*, *pronto*). A exceção verifica-se, porém, para o adjetivo não cognato *pobre* para o qual obtivemos 57 respostas certas; observação idêntica se pode fazer para o adjetivo *subtil*, tendo existência de cognatos em inglês e francês (*subtle/ subtil*) induzido em erro grande parte dos alunos. Com efeito, as 26 ocorrências da palavra possível mas não atestada, *subtilidade*, evidenciam possivelmente o decalque do inglês (*subtlety*) e do francês (*subtilité*).

No que concerne agora aos operadores sufixais, verifica-se que as palavras derivadas formadas por meio do sufixo *-idade* obtiveram um total de respostas certas elevado; os participantes não parecem ter tido dificuldades em formar os derivados *eternidade*, *facilidade*, *honestidade* e *igualdade*.

Para as palavras formadas com o sufixo *-eza*, os alunos demonstraram ter mais facilidade numas do que noutras. Com efeito, contabiliza-se um número elevado de respostas certas para os derivados *pobreza*, *gentileza* e *delicadeza* ao passo que *avareza*, *delgadeza* e *subtileza* apresentam um número mais elevado de respostas incorrectas (não atestadas e agramaticais).

O número mais baixo de respostas certas verificou-se para os sufixos *-idão*. Quanto a nós, a explicação reside no facto de este sufixo surgir num número reduzido de substantivos derivados (Correia, 2004).

Com base no que foi exposto, os resultados deste segundo exercício sugerem as seguintes observações:

- no caso dos derivados *eternidade*, *facilidade*, *honestidade* e *igualdade*, os alunos parecem ter usado preferencialmente como estratégia a sobreposição semântica e lexical, na medida em que a semelhança entre os equivalentes em inglês e/ou em francês

e a L2 é quase total, quer ao nível da base, quer ao nível do sufixo, ou ainda do derivado;

- para as palavras *timidez* e *pobreza*, a frequência elevada de ocorrência do derivado terá influenciado os valores altos de respostas acertadas; paralelamente, a frequência baixa de ocorrência dos derivados *avareza*, *delgadeza*, *prontidão* e *fresquidão* terá contribuído para resultados negativos;

- a transparência lexical e semântica influencia positiva ou negativamente a formação dos derivados e, mais concretamente, a selecção do sufixo correcto. Exemplo de influência positiva é o derivado *facilidade*; exemplo de influência negativa é, por exemplo, o derivado possível *subtilidade*.

### 4.3. Exercício 3

#### 4.3.1. Apresentação dos dados

Este exercício tinha como objectivo testar a consciência que o aluno tem da estrutura compósita dos produtos apresentados e a sua competência na identificação dos respectivos constituintes. Para tal, a tarefa proposta consistia na decomposição de palavras derivadas (coluna A) e no registo dos seus constituintes, adjectivo e sufixo (colunas B e C). Na coluna A foram ainda introduzidas palavras pseudo-sufixadas que tinham como principal objectivo tirar algumas conclusões sobre a segurança linguística dos informadores perante estes elementos distractores.

A tabela 5 apresenta as respostas obtidas neste exercício contabilizadas por total de ocorrências. De modo a ter um resultado mais exacto da taxa de sucesso desta tarefa de decomposição lexical/ morfológica, excluímos desta tabela as palavras pseudo-sufixadas que introduzimos no exercício, na medida em que não pode existir resposta correcta para a sua decomposição. Este conjunto de palavras (*embriaguez*, *organismo*, *religião*, *sageza*, *vaidade*, *verdade*) será alvo de uma descrição e análise separada a efectuar um pouco mais à frente neste trabalho. Neste exercício, serão apenas consideradas como correctas as respostas em que a decomposição segue o exemplo dado na formulação do exercício (*belo* + *-eza* → *beleza*).

	<b>Decomposições</b>			
<b>Palavra complexa</b>	<b>Forma do adjetivo-base e sufixo correctos</b> <b>A</b>	<b>Forma correcta do adjetivo-base e sufixo incorrecto</b> <b>B</b>	<b>Forma incorrecta do adjetivo-base e sufixo correcto</b> <b>C</b>	<b>Forma do adjetivo-base e sufixo incorrectos</b> <b>D</b>
Bondade	bom + dade (36)	bom + idade (1) bom + ade (1)	bon + dade (7) bondo + dade (1) bonde + dade (1) bonito+ dade (1) bonto + dade (1) bondad+dade (1)	bondado+e (1)
Complexidade	complexo+idade (56)		complex+idade (6)	
Escassez	escasso + ez (44)	escasso+assez (1) escasso+ssez (1)	escass + ez (2) escassar + ez (1) escasse+ez (2) escassado+ez (1)	escasse + z (1)
Franqueza	franco + eza (45)	franco + za (1) franco + queza (4) franco+ueza (1)	franquia + eza (1) franquo+eza (4) franque+eza (3) franquete +eza (1) francismo+eza (1)	fran+queza (1)
Generosidade	generoso + idade (54)		genero+idade (1) general+idade (1)	género + sidade (2) general+osidade (1)
Honradez	honrado + ez (22)		honra + ez (15) honera+ez (1) honroso + ez (2) honrad+ez (1) honesto+ez (1) honor+ez (1) honrar+ez (1)	honro + dez (2) honra + dez (11) honor + adez (1)
Humanidade	humano + idade (55)		humanity + dade (1) humane+idade (1) hunanimosidade (1) human+idade (2)	
Imensidão	imenso + idão(52)	imenso+dão (2) Imenso+ão (3)	imense+idão (2)	imen+sidão (1)

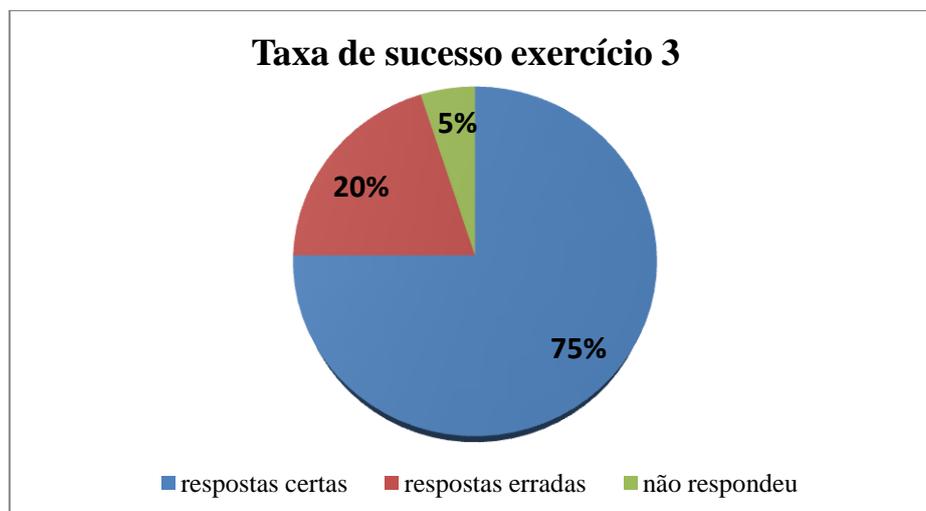
Macieza	macio + eza (45)	macio+ieza (1)	maço+eza (6) maça+eza (1) macizo+eza (1)	maço + ieza (1) mac+ieza (1) mazo+ieza (1)
Madureza	maduro+eza (57)	maduro + reza (1)	madur+eza (1)	
Negridão	negro+ idão (54)	negro + dão (3)	negrar+idão (1)	neg+ridão (1)
Optimismo	óptimo+ ismo (55)		optimista +ismo (4) óptim+ismo (1)	optimisto+nismo (1)
Rapidez	rápido + ez (55)	rápido + dez (1) rápido+idez (4)	rapid + ez (2)	
Rigidez	rígido + ez (52)	rígido + dez (3)	rigid + ez (3) rigidir +ez (1)	
Servidão	servo+ idão (21)		servir + idão (6) serve + idão (2) server + idão (1) servir + dão (3) serviço + (i)dão (6) servil+idão (2) servido + idão (3) servidade+idão (1) sérvio+idão (1) servicial+dão (1) servi+dão (1)	servido + ão (4) servidar+ão (1)

**Tabela 4** – Listas das ocorrências obtidas no exercício 3

### 4.3.2. Descrição e análise dos dados

Atentando nos resultados globais, o gráfico 5 demonstra claramente que a taxa de sucesso para esta tarefa foi bastante elevada, com 75% de respostas certas. Contrariamente às tarefas de produção de palavras complexas, para as quais obtivemos uma taxa de sucesso baixa (exercício 1) ou mesmo inferior a 50% (exercício 2), obtivemos, para a tarefa de decomposição de produtos idênticos resultados bem melhores, o que nos leva a concluir desde já que, para alunos deste nível, exercícios de

reconhecimento dos constituintes de palavras derivadas são de resolução mais fácil do que exercícios de produção.



**Gráfico 3** – Taxa de sucesso registrada no exercício 3

De modo a termos agora uma visão mais clara dos dados, registámos os dados obtidos na tabela seguinte o número de ocorrências por respostas certas e erradas bem como aquelas para as quais não se obteve resposta.

<b>Palavra derivada</b>	<b>Respostas correctas</b>	<b>Respostas erradas</b>	<b>Não respondeu</b>
Bondade	36	20	6
Complexidade	56	6	0
Escassez	44	14	4
Franqueza	45	14	3
Generosidade	54	5	3
Honradez	22	36	4
Humanidade	55	5	2
Imensidão	52	8	2
Macieza	45	12	5
Madureza	57	2	3
Negridão	54	5	3
Optimismo	55	6	1
Rapidez	55	7	0
Rigidez	52	7	3
Servidão	21	32	9
<b>TOTAL</b>	<b>703</b> <b>75%</b>	<b>179</b> <b>20%</b>	<b>48</b> <b>5%</b>

**Tabela 5** - Lista das ocorrências por respostas certas, respostas erradas e sem resposta

Para análise posterior, classificámos os resultados obtidos em três grupos, de acordo com o número de ocorrências de respostas certas:

- grupo 1 (mais de 50 respostas certas): *complexidade, generosidade, humanidade, imensidão, madureza, negridão, optimismo, rapidez, rigidez*;
- grupo 2 (entre 40 e 50 ocorrências certas): *escassez, franqueza, macieza*;
- grupo 3 (menos de 40 ocorrências certas): *bondade, honradez, servidão*.

(i) *FREQUÊNCIA.*

Das palavras que constituem o grupo 1, para o qual obtivemos um número de respostas certas superior a 50 ocorrências, observámos que os adjectivos base bem como as palavras derivadas, têm um índice de frequência muito variável (ver anexo 2).

No que respeita aos adjectivos, verificam-se as frequências numéricas seguintes, apresentadas por ordem decrescente: *humano e rápido* (3747 e 1805), *complexo, negro, óptimo e imenso* (787, 489, 419 e 371), *generoso, rígido e maduro* (258, 237 e 173). Quanto às palavras complexas, a frequência numérica é a seguinte, também ela apresentada por ordem decrescente: *humanidade* (474), *complexidade, rapidez, optimismo e generosidade* (262, 258, 242 e 129), *rigidez e imensidão* (99 e 59), *negridão* (6); não se conhece a frequência numérica do nome *madureza*<sup>34</sup>.

Quanto ao grupo 2, constituído pelos derivados *escassez, franqueza e macieza* e para os quais obtivemos entre as 40 e 50 respostas certas, a frequência numérica para é de 136, 79 e 7 ocorrências, respectivamente. Para os adjectivos que constituem as suas bases, *escasso, franco e macio*, contabilizam-se respectivamente 554, 218 e 273 ocorrências.

Passemos agora ao grupo 3, constituído pelos derivados *bondade, honradez e servidão*, que contabilizaram o número de respostas certas menos elevado. A frequência numérica de cada um destes derivados é de 145, 9 e 55 ocorrências, respectivamente. Já os adjectivos de base (*bom, honrado e servo*) apresentam uma frequência numérica de 10285, 20 e 10 respectivamente. Notamos desde já que quer os derivados, *honradez e*

---

<sup>34</sup> Deparamo-nos, aqui, com a situação descrita na nota 33, para o nome *fresquidão*

*servidão*, quer os adjectivos base, *honrado* e *servo*, se encontram em patamares de frequência baixos; por serem provavelmente vocábulos desconhecidos pela maioria dos inquiridos, poderia este motivo explicar o facto de se ter obtido para ambos um número mais elevado de respostas erradas do que respostas certas, tal como se pode verificar na tabela 7. Assim, a hipótese de que a frequência de ocorrência baixa dos itens foi relevante, neste caso, pode ser avançada.

Se olharmos agora para o derivado *bondade*, notamos que contrariamente aos dois outros derivados, obtivemos um número superior de respostas certas (36) do que respostas erradas (20), pelo que concluímos que a dificuldade na segmentação deste derivado foi menor dos que nos dois outros. O adjectivo-base *bom* possui a frequência muito alta relativamente aos restantes adjectivos do exercício (10285 ocorrências), pelo que seriam de esperar valores mais elevados. No entanto, não podemos deixar de considerar as 7 ocorrências contabilizadas para a decomposição parcialmente correcta *bon+dade*, onde se verifica apenas um erro de ordem ortográfica na base.

(ii) *TRANSPARÊNCIA.*

Do ponto de vista semântico, e no que diz respeito às palavras que constituem o exercício, consideramos a relação que liga a palavra complexa à sua base perfeitamente transparente, na medida em que o sentido do derivado é facilmente identificável a partir da base.

Do ponto de vista da forma, considerámos opaca a relação entre base e derivado para os pares *bom>bondade* e *franco>franqueza*, na medida em que se operam para cada um deles alterações de ordem ortográfica necessárias.

No que respeita à transparência lexical, o conjunto de palavras complexas do grupo 1 é constituído por palavras maioritariamente transparentes. De facto, para cada uma delas verifica-se que existe um cognato em inglês ou em francês (*complexidade/complexity/complexité*, *generosidade/generosity/generosité*, *humanidade/humanity/humanité*, *imensidão/immensity/immensité*, *negridão/negrity/négrité*, *optimismo/optimism/optimisme*, *rapidez/rapidity/rapidité*, *rigidez/rigidity/rigidité*) cujo decalque se verifica ao nível da base apenas (*rapidez/rapidity/rapidité*) ou ao nível da base e do sufixo (*generosidade/generosity/generosité*). À palavra *madureza*, porém, não

corresponde nenhum cognato em inglês ou em francês, mas verificámos que existe *madurez/ madurezza* em castelhano. Poder-se-ia, então, colocar a hipótese de que os aprendentes teriam recorrido ao espanhol para reconhecer a base e sufixo; porém, havendo apenas 11 informantes espanhóis e apenas uma minoria dos aprendentes tendo indicado falar ou entender este idioma, acreditamos que o recurso ao castelhano não terá sido a estratégia preferencial usada neste caso. No que respeita aos restantes derivados, a transparência lexical que os caracteriza, quer ao nível da base (*imensidão*, *negridão*, *rapidez* e *rigidez*), quer ao nível do derivado (*complexidade*, *generosidade*, *humanidade* e *optimismo*) foi, quanto a nós, usada como estratégia na decomposição em constituintes menores, i.e. base e sufixo.

Para os derivados dos grupos 2 e 3, para os quais não existem palavras cognatas no inglês e no francês, os resultados foram efectivamente mais baixos do que aqueles registados para o grupo 1. Porém, este facto não foi impeditivo para a obtenção de resultados correctos altos para derivados tais como *franqueza*, *macieza* ou ainda *escassez*. Assim, ainda que se trate de palavras não cognatas, a decomposição não pareceu problemática.

Assim, as observações feitas anteriormente parecem indicar que a frequência e essencialmente a transparência dos itens lexicais foram factores importantes na decomposição correcta do derivado.

Acreditamos, ainda, que o conhecimento da estrutura morfológica prototípica dos adjectivos e da regra mais comum de marcação de género, levou a maioria dos alunos a resolver esta tarefa sem dificuldades, independentemente do grau de transparência e da frequência numérica dos adjectivos e/ ou derivados. Prova disso são, por exemplo, derivados como *madureza* e *macieza* (não cognatos e com frequência numérica baixa), para os quais grande parte dos aprendentes não demonstrou dificuldades em identificar os constituintes menores, adjectivo-base e sufixo.

Se olharmos agora para as respostas erradas, que correspondem a 20% das respostas totais e nas quais se enquadram decomposições cuja base e/ ou sufixo estão incorrectos, notamos que os informantes tiveram mais dificuldades no reconhecimento da base do que do próprio sufixo. Este facto é muito mais visível em palavras complexas cuja frequência de ocorrência apresenta valores baixos, tal como *servidão*, para a qual foram propostas onze bases diferentes. Embora seja uma palavra

transparente do ponto de vista formal e semântico, a dificuldade de decomposição residiu, quanto a nós, essencialmente no desconhecimento do adjectivo-base *servo*; de facto, propostas de bases como *servir*, *serviço*, *servil*, *servido* demonstram que o aluno apreendeu de alguma forma o sentido do derivado. Este facto verifica-se para a grande maioria dos derivados.

Vejamos agora as palavras pseudo-sufixadas apresentadas na tabela seguinte:

Palavra pseudo-derivada	Estrutura de base aparente <sup>35</sup> e sufixo correcto	Estrutura de base aparente e sufixo incorrecto
	A	B
Embriaguez  NR: 8	embriago+ez (28) embrigar + ez (1) embriagu + ez (4) embriagar + ez (3) embrigo+ez (2) embriague+ez (4) embriagado+ez (4) embrio+ez (1) embrigua+ez (1)	embria + guez (1) embriago+uez (2) embiguo+aguez (1) ebrio+guez (1)
Organismo  NR: 3	organo + ismo (37) órgão + ismo (18) orgânico+ismo (1) organ+ismo (2)	organize + nismo (1)
Religião  NR: 21		religioso+ião (13) religio + ão (9) religião + ão (1) religir+ão (1) relig+ião (1) religio+ião (1)
Sageza  NR: 12	sagaz + eza (3) sage + eza (8) sago + eza (22) sajoso + eza (1) saga + eza (6) sábio+eza (3) sagio+eza (2) sagacioso+eza (1) sagre+eza (1) sag+eza (1)	sage + za (1) savio+geza (1)

<sup>35</sup> Dado que os produtos apresentados não são derivados, não pode existir uma base; optámos pela designação estrutura de base aparente para nos referirmos à base identificada pelo aprendente.

Vaidade  NR: 20	vaidoso+ (i)dade (5) vaido + (i)dade (9) vaio + (i)dade (6) vaida + dade (1) vaidero+dade (1) valido+idade (1) vazio+dade (2) vair+dade (1) vaioso+dade (1) vai+dade (3) vai+idade (1) vão+idade (1) variado+dade (1)	vaidoso+ade (3) vaido + ade (6)
Verdade  NR: 15	verídico + dade (2) ver + dade (4) verdadeiro +dade (17) verdo+idade (1) verdez+dade (1) ver+dade (1) vrai+dade (1) verdad+dade (1) verdict+dade (1) Vero + dade (14)	verdadeiro+ade (3)

**Tabela 6** – Apresentação das decomposições dos pseudo-derivados

Como seria expectável e sendo palavras pseudo-sufixadas, a dificuldade de segmentação residiu no reconhecimento da pretensa base, na medida em que um número significativo de pseudo-sufixos foi reconhecido e correctamente identificado, como se verifica na coluna A.

Alguma propostas de base evidenciam, no entanto, que o aprendente apreendeu as suas características semânticas; exemplos disso são: *religioso+ão*, *verdadeiro + dade* ou ainda *vaidoso + (i)dade*.

Assim, com base nos dados obtidos no exercício 3, concluímos que alunos deste nível demonstram ter consciência da estrutura simples ou compósita de alguns produtos em L2, mas que a decomposição parece ser facilitada quando se trata de produtos transparentes.

#### 4.4. Exercício 4

Este exercício de “plausibilidade lexical” que tinha como objectivo testar a consciência dos informantes perante as possibilidades de combinação “adjectivo e sufixo nominalizador”, é constituído por dois itens: num primeiro momento, o aluno tinha de relacionar os adjectivos da coluna A com os derivados possíveis da coluna B; num segundo momento, tinha de justificar a razão que o levou a excluir determinadas palavras. A todos os adjectivos listados na coluna A correspondia uma palavra derivada e uma palavra derivada possível, mas não atestada (ex: *bonito* > *boniteza/ \*bonitidão*); exceptua-se o adjectivo simples, ao qual correspondem duas palavras complexas correctas (*simplicidade, simplismo*) e nenhuma incorrectamente derivada.

A tabela seguinte apresenta os dados recolhidos no primeiro item do exercício, estando as palavras registadas por número de ocorrências.

<b>Adjectivo base</b>	<b>Palavras correctas seleccionadas A</b>	<b>Palavras correctas excluídas B</b>	<b>Palavras não atestadas seleccionadas C</b>	<b>Palavras não atestadas excluídas D</b>
Bonito	Boniteza (53)	Boniteza (9)	Bonitidão (36)	Bonitidão (26)
Branco	Brancura (56)	Brancura (6)	Branquidão (47)	Branquidão (15)
Cego	Cegueira (52)	Cegueira (10)	Ceguidão (44)	Ceguidão (18)
Certo	Certeza (62)		Certidade (45)	Certidade (17)
Emotivo	Emotividade (58)	Emotividade (4)	Emotiveza (41)	Emotiveza (21)
Estúpido	Estupidez (62)		Estupidade (39)	Estupidade (23)
Rude	Rudeza (59)	Rudeza (3)	Rudismo (50)	Rudismo (12)
Simple	Simplicidade (62) Simplismo (51)	Simplismo (11)		
<b>TOTAL</b>	<b>515</b>	<b>43</b>	<b>302</b>	<b>132</b>

**Tabela 7** – Recolha dos dados do exercício 4, por ocorrências

Antes de passarmos à análise da tabela 8, achamos importante salientar que embora se explicita de forma clara na formulação do exercício que o aluno deve relacionar as palavras de ambas as colunas sempre que possível, 23 inquiridos, num total de 62, o que corresponde a 37% dos informantes, relacionaram todas as palavras, considerando os derivados e os derivados incorrectos palavras existentes do português.

Atentando agora nos dados obtidos na coluna A, notamos que grande parte dos alunos seleccionou o derivado correcto na medida em que se obtiveram, para cada um deles, ocorrências superiores a 51. As palavras *certeza*, *estupidez* e *simplicidade* obtiveram 62 ocorrências cada, significando que a totalidade dos informantes reconheceu estes derivados como correctos. Os derivados *brancura*, *emotividade* e *rudeza* surgem também com valores elevados, com 56, 58 e 59 ocorrências respectivamente, registando-se os valores mais baixos para *boniteza* e *simplismo*.

No que respeita agora à coluna B, a dos derivados excluídos, i.e., considerados pelos aprendentes como palavras não possíveis do português, contabilizam-se apenas 43 ocorrências, sendo este um valor baixo relativamente aos resultados obtidos, nomeadamente nas colunas A e C.

Os valores obtidos nas colunas A e B parecem demonstrar que grande parte dos informantes reconheceu sem dificuldade os derivados correctos. Porém, se atentarmos agora nas colunas C e D, notamos que obtivemos 302 ocorrências para os derivados não atestados mas considerados acertados e apenas 132 ocorrências foram contabilizadas para os derivados incorrectos excluídos.

Assim, ainda que a grande maioria dos informantes reconheça as palavras complexas derivadas dos adjectivos da coluna A, uma grande parte também viu nos derivados não atestados uma palavra possível. Por exemplo, para o adjectivo *rude*, obtivemos 59 ocorrências para a palavra *rudeza* mas também contabilizamos 50 ocorrências para a forma *rudismo*.

Perante estas observações, podemos concluir que alunos deste nível ainda não têm consciência das regras de combinação base-sufixo. Como foi dito no primeiro capítulo deste trabalho, o valor semântico das bases e dos sufixos apresenta uma relação de dependência mútua que condiciona a interpretação do derivado, e deste modo, não permite a escolha aleatória de um ou outro sufixo. Os dados desta primeira tarefa

demonstra que grande parte dos aprendentes não distingue e/ou desconhece ainda as regras de combinação “base-sufixo”.

No que respeita ao item b. deste exercício, no qual se pedia aos alunos que justificassem o motivo que os levou a excluir determinada palavra, não considerando os 23 que assinalaram como correctas todas as palavras da coluna B, obtivemos 30 respostas (9 não justificaram), apresentadas no gráfico abaixo:



**Gráfico 4** - Exercício 4: respostas do item b. por tipologia

Observando o conjunto de respostas obtidas, percebe-se que o motivo que levou à exclusão das palavras foi em grande parte a percepção de que não existem ou o facto de nunca se ter estado em contacto com a mesma, causando assim alguma estranheza no aluno o seu aparecimento. Das respostas obtidas, os quatro alunos, que responderam que os afixos ou derivados estavam incorrectos, demonstraram possuir já alguma consciência morfológica.

A resposta «não consigo traduzi-la na minha língua, não vejo nenhum equivalente», pareceu-nos bastante interessante na medida em que revela que o aluno em causa recorreu à L1 como estratégia para descodificar uma palavra desconhecida.

Esta tarefa, por implicar um conhecimento explícito das regras morfológicas que regem o emprego de determinado sufixo e não de outro, não só do ponto de vista formal mas também semântico, revela ser ainda complexa para aprendentes de L2 do nível indicado. Assim, o *conhecimento distribucional* (Tyler e Nagy, 1989), restringido neste caso à formação de nomes abstractos de adjectivais, aparenta ser também em L2 de aquisição mais tardia.

## 5. Síntese

O teste submetido aos participantes era constituído por tarefas diversificadas que procuravam testar várias competências: produção, produção controlada, decomposição e aceitabilidade lexical.

Tendo em conta os resultados obtidos em cada um dos exercícios, verificámos que os alunos demonstraram comportamentos diferenciados e, por conseguinte, apresentaram resultados também eles diferenciados. Deste modo, verificou-se que os inquiridos tiveram menos dificuldade na tarefa de decomposição lexical para a qual contabilizámos um número elevado de respostas correctas, do que nas tarefas de produção relativas aos exercícios 1 e 2, nas quais os aprendentes deste nível revelaram ainda algumas fragilidades; o mesmo se verifica para a tarefa de aceitabilidade lexical.

Assim, de acordo com o desempenho dos alunos em cada uma das tarefas, podemos concluir que a competência de produção de produtos morfológicamente complexos em L2 é de aprendizagem mais tardia, à semelhança do que se verifica na aquisição de uma L1 (ver capítulo 2, secção 6.). O desempenho do exercício 4, de aceitabilidade lexical, demonstrou igualmente que alunos deste nível ainda não desenvolveram uma consciência segura das regras de combinação entre uma base e um determinado sufixo; este facto indicia, portanto, que grande parte dos participantes desconhece as combinatórias entre uma mesma base e sufixos da mesma RFP fixadas

pela língua portuguesa, levando-os, assim, a assinalar como certos diferentes produtos construídos sobre a mesma base.

Tal como era expectável, os dados obtidos nos diferentes exercícios demonstraram que factores tais como a transparência lexical e/ou semântica, a frequência numérica das bases e dos derivados bem como a disponibilidade dos sufixos intervieram na resolução das diferentes tarefas.

Nos exercícios 1 e 2, ambos tarefas de produção, obtivemos resultados acertados mais altos para palavras que apresentavam um grau de superposição lexical e/ou semântica elevado tais como *facilidade*, *fatalidade*, *igualdade*, entre outras. Já no caso das palavras não cognatas, a frequência numérica explicará os resultados obtidos. Assim, palavras tais como *alegria* e *pobreza*, que apresentam uma frequência alta, foram produzidas sem dificuldades, ao passo que para os derivados *fresquidão* e *delgadez*, que apresentam uma frequência muito baixa, se registou um número reduzido de respostas certas. Estes dois exercícios permitiram apurar igualmente que o sufixo internacional *-idade* surge como o mais disponível no repertório linguístico dos aprendentes; dos sufixos autóctones, *-eza* aparenta ser o mais disponível enquanto as palavras construídas por meio do sufixos *-idão* obtiveram resultados muito baixos.

No exercício 3, que consistia na decomposição de palavras morfológicamente complexas, os aprendentes demonstraram ter menos dificuldades na execução da tarefa. A transparência lexical e semântica de derivados tais como *complexidade*, *generosidade*, *humanidade* contribui para o número elevado de respostas certas contabilizadas. No caso de palavras não cognatas, a alta frequência numérica terá possivelmente auxiliado na decomposição de algumas palavras como é o caso de *madureza* e *escassez*; a correcta identificação do sufixo e o conhecimento das regras de género dos adjectivos terá também contribuído para a correcta decomposição das palavras não cognatas como *macieza* e *franqueza*, as quais apresentam igualmente uma frequência média ou baixa.

Com o quarto exercício, de aceitabilidade lexical, verificámos que grande parte das respostas foi dada de forma aleatória, resultando, essencialmente, do reconhecimento da base no derivado, na medida em que a maioria dos participantes assinalou como certos não só os derivados correctos como também os derivados não

atestados; assim, pares tais como *boniteza*/\**bonitidão*, *cegueira*/\**ceguidão* foram aceites como correctos por grande parte dos alunos. Assim, ainda que estes tenham reconhecido os derivados correctos, também viram nos derivados incorrectos, nomes de propriedade possíveis.

No caso de línguas tipologicamente próximas, e como os dados recolhidos nesta investigação indiciam, o aprendente parece usar preferencialmente como estratégia a sobreposição lexical e semântica quando os itens lexicais assim o possibilitam. No caso de palavras não cognatas, a frequência de ocorrência elevada parece auxiliar na compreensão e produção de palavras derivadas, na medida em que, quanto mais frequentes são as palavras, maior será a exposição às mesmas.

## **CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO FINAL**

Motivados pelo facto de poucos estudos ainda se terem debruçado sobre a morfologia derivacional do português como L2, e constatando igualmente a falta de dados disponíveis sobre as competências morfológicas dos alunos de língua portuguesa, quer em L1 quer em L2, levámos a cabo esta dissertação que agora se conclui.

Assim, com base no nosso objectivo principal - perceber de que forma estes alunos aprendem, compreendem e produzem nomes abstractos deadjectivais - levámos a cabo uma investigação empírica baseada num conjunto de informações de ordem linguística (capítulo 1) e de índole psicolinguística (capítulo 2).

Nos dois primeiros capítulos desta dissertação, dedicados a questões de índole teórica e metodológica, foram esclarecidos conceitos e questões fundamentais relacionados com o nosso objecto de estudo.

No primeiro capítulo, vimos que os nomes abstractos deadjectivais, gerados por um processo de sufixação heterocategorial e parafraseáveis por “o facto de ser X”, “propriedade/qualidade de ser X” (Rio-Torto, 1998:122) são produtos da RFP ESSIV, cuja operação derivacional pode ser representada do seguinte modo:

$$[X]_A \longrightarrow [[X]_A \text{ sufixo}]_N.$$

Em seguida, no subcapítulo 2., procurámos definir o conceito de nome abstracto, começando por reflectir sobre a inadequação da dicotomia tradicional abstracto/concreto. Vimos também que ao nome abstracto deadjectival correspondem duas subclasses – o “nome de qualidade” e o “nome de estado”. Reflectimos sobre as características inerentes a cada um destes produtos e sobre o que os distingue, quer do ponto de vista sintáctico, quer do ponto de vista semântico, destacámos que uma das distinções destes dois tipos de produto se apoia na dimensão “tempo”, na medida em que o nome de qualidade assenta numa duração permanente ou indeterminada (*a beleza*) ao passo que o nome de estado apresenta um carácter temporário (*a exaustão*). Cientes das diferenças como também das similitudes entre ambos, concluímos que, por serem estruturalmente idênticos e produtos de uma mesma RFP, não faríamos distinção, no âmbito deste estudo, entre os nomes de qualidade e os nomes de estado, que passámos a designar por nomes de “propriedade”.

Depois de esclarecida a natureza dos nomes abstractos deadjectivais, apresentamos os sufixos passíveis de construir estes produtos. Assim, com base em diversos autores (J. Piel, 1940; J.J. Nunes, 1989; G. Rio-Torto, 1992; Correia, 2004; Cunha e Cintra, 1994), recenseámos o conjunto seguinte de sufixos passíveis de construir nomes de propriedade: *-(i)dade*, *-(i)dão*, *-eza*, *-ez*, *-ia*, *-ice*, *-tude*, *-or* e *-ura*.

Importou-nos igualmente abordar algumas das propriedades semânticas destes operadores sufixais. Assim, vimos que para além de seleccionarem a mesma classe categorial e formarem produtos com a mesma classe categorial e semântica, cada sufixo apresenta ainda propriedades semânticas inerentes (Rio-Torto, 2005b: 220). Vimos, por exemplo, que o sufixo *-ismo*, ainda muito disponível no português actual, bem como noutras línguas, forma preferencialmente substantivos denominadores de doutrinas e sistemas filosóficos (*fascismo*) ou ainda termos científicos (*reumatismo*); o sufixo *-idão* junta-se predominantemente a adjetivos de cor (*amarelidão*); se atentarmos ainda no par *modernidade/ modernice*, notamos que *modernice* é marcado negativamente, ao passo que o primeiro nome denota a propriedade objectiva do adjetivo-base *moderno*.

No subcapítulo 3.3., demos conta ainda de algumas relações interlexicais. Vimos que o contexto em que estes produtos ocorrem condiciona a sua interpretação, quer a nível frásico, quer a nível do discurso e, deste modo, promovem uma leitura mais ou menos abstracta ou mais ou menos concreta dos nomes de propriedade. Vimos, por exemplo, que um nome é tanto mais abstracto quanto mais se verifica uma dependência ontológica em relação ao sujeito; salientámos também que têm uma leitura mais abstracta os nomes que são refractários à pluralização e à quantificação.

Por fim, demos conta de algumas “rivalidades sufixais”. Demonstrámos, por meio de exemplos, que existem vários nomes abstractos deadjectivais construídos sobre a mesma base e que, por isso, apresentam sufixos formais distintos. Concluímos que, embora algumas formas nominais tenham sido suplantadas por outras idênticas, construídas sobre a mesma base (*crueza/ crueldade*), outras formas concorrentes que ainda hoje subsistem apresentam-se parcialmente idênticas apenas do ponto de vista estrutural mas não semântico, na medida em que os sufixos, ditos concorrentes, possuem propriedades semânticas próprias. Assim, esses sufixos, ao juntarem-se a uma mesma base, irão formar nominais com carga semântica distinta: *fatalidade/ fatalismo*, *modernidade/ modernice*, etc.

No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre questões relativas do âmbito da psicolinguística descrevendo as coordenadas fundamentais da aprendizagem do léxico e, mais concretamente, da morfologia derivacional, quer de uma L1, quer de uma L2.

Apresentámos alguns dos modelos mais divulgados de organização mental do léxico em sujeitos bilingues. Os *modelos hierárquicos* caracterizam-se por partilharem uma arquitectura comum, constituída por dois *armazéns* distintos a nível lexical e um *armazém* comum a nível conceptual; a diferença nestes modelos verifica-se ao nível das ligações entre os dois léxicos e entre o nível conceptual e os dois léxicos. O *BIA model*, por sua vez, propõe um léxico integrado para a L1 e para a L2 e é constituído por quatro níveis organizados de forma hierárquica. A principal característica deste modelo reside na activação em paralelo de cada um dos níveis e sub-níveis; a activação dos itens lexicais realizar-se-ia, portanto, por um processo de inibição lateral. O *modelo distributivo de traços conceptuais e lexicais*, baseado fundamentalmente na natureza das representações conceptuais e lexicais, prevê que é o número de elementos conceptuais que determina a activação de uma palavra; assim, quanto mais semelhantes forem dois conceitos, mais fácil e rapidamente será efectuado o acesso a esses conceitos.

No que concerne à morfologia derivacional propriamente dita, ao mecanismo de acesso às palavras morfologicamente complexas e ao seu modo de representação na memória, foi demonstrado que não existe consenso na análise desta questão. De facto, alguns autores defendem que cada palavra, simples ou complexa, tem a sua própria entrada lexical (Manelis e Tharp, 1977; Bybee, 1985, 1995); outros postulam que as palavras complexas estão representadas no léxico mental sob forma decomposta (Taft e Forster, 1975; Taft, 1979); outros, ainda, propõem modelos híbridos nos quais o acesso às palavras complexas se realiza quer por decomposição lexical, quer por acesso directo (Camarazza, Laudani e Romani, 1988; Shreuder e Baayen, 1995).

Apesar de estes autores sustentarem várias hipóteses quanto ao acesso mental das palavras complexas, constatámos que todos estes modelos integram um conjunto de factores susceptíveis de intervir na (des)codificação dessas mesmas palavras. Assim, ficou demonstrado que factores tais como a frequência, a transparência estrutural e semântica ou ainda a produtividade dos afixos são determinantes no reconhecimento das palavras derivadas.

De acordo com investigações levadas a cabo no âmbito da aquisição da morfologia derivacional em L1, é por volta dos três anos que uma criança começa a produzir, de forma sistemática, afixos derivacionais (Clark, 2001). O conhecimento morfológico nas crianças, que surge a partir da sua exposição repetida a palavras complexas, é essencialmente de natureza implícita até ao segundo ano de escolaridade, momento a partir do qual a criança começa a desenvolver uma “consciência morfológica” (Carlisle, 1995). Tyler e Nagy (1989), distinguiram ainda três aspectos da competência derivacional de um falante – o *conhecimento relacional*, o *conhecimento sintáctico* e o *conhecimento distribucional* – e concluíram ainda que estes três tipos de conhecimento não seriam adquiridos de forma simultânea, mas pela ordem indicada.

Dos poucos estudos a que tivemos acesso no domínio da morfologia derivacional em L2, destacámos essencialmente duas investigações. A primeira, realizada por W. Lowie (1998), demonstrou, por meio de uma investigação levada junto de aprendentes alemães de inglês L2, que uma das estratégias preferencial é a *translation equivalence*. Com efeito, os alunos demonstraram recorrer de forma quase sistemática à L1 como auxiliar no reconhecimento dos afixos usados. O autor concluiu, portanto, que a transparência lexical e semântica é uma condição fundamental para a compreensão e produção de palavras morfológicamente complexas. Outro estudo realizado por R. Morin (2003) sobre espanhol L2 sugere que, à semelhança do que ocorre na aquisição de uma L1 (ver subcapítulo 6.), a competência de produção, bem como as regras de combinação base-afixo (*o conhecimento distribucional*), são competências de aquisição mais tardia.

Apesar de estes estudos sustentarem a existência de semelhanças na aquisição/aprendizagem entre uma L1 e uma L2, verifica-se, porém, que por já possuir um repertório lexical e conceptual em L1, o aprendente recorrerá frequentemente à transposição lexical e semântica entre a L1 e a L2, nomeadamente no caso de línguas tipologicamente próximas (Jiang, 2000).

Para a realização desta investigação, seleccionámos informantes aprendentes de português L2 que frequentavam aulas de Língua Portuguesa III ao abrigo do programa ERASMUS bem como alunos que frequentavam o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Estes participantes foram submetidos a um inquérito constituído por quatro exercícios:

os dois primeiros requeriam o uso da competência de produção, o terceiro consistia numa tarefa de decomposição lexical e, por fim, o quarto exercício consistia numa tarefa de aceitabilidade lexical.

A análise dos dados assim recolhidos permitiu cumprir alguns dos objectivos que nos propusemos nesta investigação, bem como fundamentar algumas das hipóteses equacionadas.

Os resultados disponibilizados pelo inquérito permitiram-nos verificar que, à semelhança de outros estudos realizados em L1 e em L2, factores como a frequência, a transparência lexical e semântica e a maior ou menor disponibilidade dos afixos têm um papel fundamental na compreensão e na produção das palavras morfologicamente complexas.

Assim, verificou-se que as palavras lexical e semanticamente transparentes são mais facilmente produzidas e decompostas. De facto, apurámos que quanto maior for a sobreposição semântica e lexical entre uma L1 e uma L2, mais facilmente será reconhecida a palavra complexa.

Do mesmo modo, uma frequência numérica alta ou muito alta em palavras simples ou derivadas, também se mostrou facilitadora na realização das tarefas. Verificámos que, na maior parte dos casos, as respostas erradas correspondiam a bases ou derivados cuja frequência numérica se apresentava baixa.

De acordo com a disponibilidade/ produtividade dos sufixos (Correia, 2004), apurámos que o sufixo “internacional” *-idade* se encontra mais disponível no repertório lexical dos aprendentes, facto este que se deve, quanto a nós, ao seu estatuto internacional, por um lado, e à sua disponibilidade na construção de nomes de propriedade, por outro. Do conjunto de sufixos autóctones, o sufixo *-eza* parece estar mais disponível e é um dos primeiros a ser assimilado, na medida em que este sufixo se junta preferencialmente a palavras de registo corrente e familiar (Correia, 2004).

Assim, o teste submetido aos 62 participantes permitiu-nos verificar e validar as hipóteses prévias colocadas no capítulo 2, a saber:

- a transparência lexical e/ou semântica, quer das bases quer dos derivados, é facilitadora nas tarefas de produção e ou decomposição na medida em que obtivemos

resultados melhores em palavras cuja superposição lexical e/ ou semântica é parcial ou total;

- a frequência numérica alta dos derivados e das bases auxiliou nas diferentes tarefas, nomeadamente no caso de palavras não cognatas;

- do conjunto de sufixos seleccionados, o sufixo *-idade* apresenta-se mais disponível no repertório linguístico dos alunos e, portanto, surge como preferencial nas construção de nomes de propriedade.

Esta dissertação, que agora se conclui, pretende contribuir para a realização de trabalhos futuros inseridos na mesma área de investigação. Dada a escassez de trabalhos desenvolvidos na área da morfologia derivacional em L2, e mais especificamente em PL2, seria pertinente realizar um estudo mais alargado, nomeadamente junto de participantes de outros níveis, ou ainda com outro tipo de produtos derivacionais. Com base nas características da competência morfológica descrita por Tyler e Nagy (1989) seria igualmente interessante desenvolver um estudo semelhante, no qual se testaria a capacidade dos aprendentes em manipular os três diferentes tipos de conhecimento morfológico – *relacional, sintáctico e distribucional*.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, José Matias (dir.) (2002) – *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, aprendizagens, ensino, avaliação*. Lisboa: ASA.

ANASTÁCIO, Maria da Conceição Freitas (1997) - *Para uma Leitura dos Nomes Depredicativos*. Dissertação de Mestrado em Linguística Geral. Coimbra: Faculdade de Letras. Disponível online (<http://www.uc.pt/celga>) (último acesso: 16 de Outubro de 2009)

ANASTÁCIO, Maria da Conceição Freitas (1999) – *Grau de Abstracção nos Nomes Depredicativos*. In: Actas do XIV encontro de APL (Aveiro, 28-30 Setembro 1998). Braga: Associação Portuguesa de Linguística, Vol.I, pp73-84.

ALVES, Ieda Maria (1990) - *Neologismos, Criação Lexical*. São Paulo : Ática.

ARONOFF, Mark e ANSHEN, Frank (2001) – *Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity*. In: Andrew Spencer e Arnold M. Zwicky (ed.s), *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, pp.237-247.

BAUER, Laurie e NATION, Paul (1993) – *Word Families*. In: *International Journal of Lexicography*, vol.6, pp.253-279.

BELLOMO, Tom S. (2009) – *Morphological Analysis and Vocabulary Development: Critical Criteria*. In: *the Reading Matrix*, vol.9, nº1, pp.44-55. Disponível em linha ([www.readingmatrix.com/articles/bellomo/article.pdf](http://www.readingmatrix.com/articles/bellomo/article.pdf)) (último acesso: 7 de Agosto de 2010)

BIRDSOING, David (2006) – *Age and Second Language Acquisition and Processing: A Selective Overview*. In: Marianne Gullberg e Peter Indefrey (ed.s), *The Cognitive Neuroscience of Second Language Acquisition*. Malden: Blackwell Publishing, pp.9-49.

BLOOM, Paul (1994) – *Possible names: The Role of Syntax-semantics Mappings in the Acquisition of Nominals*. In: Lila Gleitman e Barbara Landau (ed.s), *The Acquisition of the Lexicon*. Londres: MIT press, pp.297-329.

BURANI, Cristina, SALMASO, Dario e CARAMAZZA, Alfonso (1984) – *Morphological Structure and Lexical Access*. In: *Visible Language XVIII*, pp.343-353. Disponível em linha [http \(www.ds3web.it/VL\\_198418342.pdf\)](http://www.ds3web.it/VL_198418342.pdf). (último acesso: 7 de Junho de 2010)

BUTTERWORTH, Brian (1989) – *Lexical Access in Speech Production*. In: William Marslen-Wilson (ed.), *Lexical Representation and Process*. Cambridge: MIT press, pp.108-135.

BYBEE, Joan (1985) – *Morphology: a Study of the Relation Between Meaning and Form*. Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins.

BYBEE, Joan (1995) – *Diachronic and Typological Properties of Morphology and their Implications of Representation*. In: Laurie B. Feldman (ed.), *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, pp.225-246.

BYBEE, Joan (2008) – *Usage-based Grammar and Second Language Acquisition*. In: Peter Robinson e Nick C. Ellis (ed.s), *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*. Nova York: Routledge, pp.216-236.

CAETANO, Maria C. (1988) - *Neologia Formal por Sufixação - Alguns Aspectos*. In: Actas do IV Encontro da APL (Lisboa, 12-14 Outubro 1988). Lisboa: Associação Portuguesa de linguística, pp.195-210.

CAETANO, Maria C. (2008) - *Rivalidade Sufixal e Polissemia*. Lisboa: CLUNL. In Correia, Clara Nunes (org.) *Cadernos WGT – Polissemia*, pp. 23-35. Disponível em linha (<http://www.clunl.edu.pt>)

CARAMAZZA, Alfonso (1997) – *How Many Levels of Processing are There in Lexical Access?*. In: *Cognitive Neuropsychology*, nº14. pp.177-208. Disponível em linha ([www.wjh.harvard.edu/~caram/PDFs/1997\\_Caramazza.pdf](http://www.wjh.harvard.edu/~caram/PDFs/1997_Caramazza.pdf)) (último acesso : 21 de Junho de 2010)

CARAMAZZA, Alfonso, LAUDANNA, A e ROMANI, Cristina (1988) – *Lexical Access and Inflectional Morphology*. In: *Cognition*, nº28, pp.297-332.

CARLISLE, Joanne F. (1995) – *Morphological Awareness and Early Reading Achievement*. In: Laurie B. Feldman (ed.), *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, pp.189-210.

CARLISLE, Joanne F. e FLEMING, Jane (2003) – *Lexical Processing of Morphologically Complex Word in the Elementary Years*. In: *Scientific Studies of Reading*, vol. 7, pp.239-253.

CLARK, Eve (2001) – *Morphology in Language Acquisition*. In: Andrew Spencer e Arnold M. Zwicky (ed.s), *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, pp.374-389.

COLÉ, Pascale, BEAUVILLAIN, Cécile, PAVARD, Bernard e SEGUI, Juan (1986) – *Organisation Morphologique et Accès au Lexique*. In : *L'Année Psychologique*, vol. 86, nº3, pp.349-365.

COLÉ, Pascale, SEGUI, Juan e TAFT, Marcus (1997) – *Words and Morphemes as Units for Lexical Access*. In: *Journal of Memory and Language*, nº37, pp. 312-330.

COLÉ, Pascale, ROYER, Carine, LEUWERS, Christel e CASALIS, Séverine (2004) – *Les Connaissances Morphologiques Dérivationnelles et L'apprentissage de la Lecture chez L'apprenti-lecteur Français du CP au CE2*. In : *L'Année Psychologique*, vol.104, 4, pp.701-750.

COLÉ, Pascale (1988) – *Le Traitement des Mots Dérivés: une Analyse Morphologique Sélective*. In : L'Année Psychologique, vol.88, nº3, pp. 405-418.

CORBIN, Danielle (1987) - *Morphologie Dérivationnelle et Structuration du Lexique*. 2 vols. Tubinga: Max Niemeyer Verlag.

CORREIA, Margarita (1998a) – *Neologia e Terminologia*. In: *Terminologia: Questões Teóricas, Métodos e Projectos*. Lisboa: Publicações Europa-América, pp. 59-74. Disponível em linha (<http://www.iltec.pt>) (último acesso: 31 de Outubro de 2009)

CORREIA, Margarita (1998b) – *A Denominação da Qualidade em Português - Aspectos Morfossemânticos*. In: Actas do VII Encontro da AULP (Macau, Abril de 1998). Disponível em linha (<http://www.iltec.pt>) (último acesso: 26 de Setembro de 2008)

CORREIA, Margarita (2003) - *Regras e Restrições: a Propósito dos Nomes de Qualidade*. In: Castro & Duarte (orgs.) *Razões e Emoção – Miscelânea de Estudos em homenagem a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Disponível em linha ([www.iltec.pt](http://www.iltec.pt)) (último acesso: 26 de Setembro de 2008)

CORREIA, Margarita (2004) - *Denominação e Construção de Palavras. O Caso dos Nomes de Qualidade em Português*. Lisboa: Colibri. Versão publicada de *A Denominação das Qualidades – Contributos para a Compreensão da Estrutura do Léxico do Português*. Dissertação de Doutoramento em linguística. Universidade de Lisboa, 1999.

CUNHA, Celso e CINTRA Lindley (1984) - *Nova Gramática do Português Contemporâneo* [2005]. 18ª edição. Lisboa: Sá da Costa.

DE GROOT, Annette M.B. (1993) – *Word-type Effects in Bilingual Processing Tasks: Support for a Mixed-Representational System*. In: Robert Shreuder e Bert Weltrens (ed.s), *The Bilingual Lexicon*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp.27-51.

DUARTE, Inês e OLIVEIRA, Fátima (2003) - *Referência Nominal*. In: Mateus, M. Helena Mira et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 205-242.

FESTAS, Isabel, MARTINS, Cristina e LEITÃO, José Augusto (2007) – *Avaliação da Compreensão Escrita e da Leitura de Palavras na PAL-PORT (Bateria de Avaliação Psicolinguística das Afasias e de outras Perturbações da Linguagem para a População Portuguesa)*. In: Revista Educação: Temas e Problemas, 4 (2), pp.1-19. Disponível em linha ([www.fpce.uc.pt/pessoais/ifestas/ArtigoRevEducTemasProble.pdf](http://www.fpce.uc.pt/pessoais/ifestas/ArtigoRevEducTemasProble.pdf)) (último acesso: 13 de Setembro de 2010)

FRENCH, M. Robert e JACQUET, Maud (2004) – *Understanding Bilingual Memory: Models and Data*. In: Trends in Cognitive Science, nº8, pp. 87-93.

FORSTER, Kenneth I. (1989) – *Basic Issue in Lexical Processing*. In: William Marslen-Wilson (ed.), *Lexical Representation and Process*. Cambridge: MIT press, pp.75-107.

GALLISSON, Robert e COSTE, Daniel (coord.) (1983) – *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra : Almedina.

GIRAUDO, Hélène (2005) – *Un Modèle Supralexicale de Représentation de la Morphologie Dérivationale en Français*. In : L'Année Psychologique, vol.105, , pp.171-195.

GRAINGER, Jonathan (1987) – *L'Accès au Lexique Bilingue: vers une nouvelle orientation de recherche*. In : L'Année Psychologique, n°57, pp.553-566.

GROSJEAN, François (1984) – *Le Bilinguisme: Vivre avec deux Langues*. In : *Travaux Neuchâtelois de Linguistique*. Neuchâtel (Université de Neuchâtel), pp.15-41.

GROSJEAN, François (1994) – *Individual Bilingualism*. In: The Encyclopedia of Language and Linguistics. Oxford: Pergamon Press, pp.1-9. Disponível em linha ([www.bilingualfamiliesconnect.com/Individual%20Bilingualism\\_Francois%20Grosjean.pdf](http://www.bilingualfamiliesconnect.com/Individual%20Bilingualism_Francois%20Grosjean.pdf)) (último acesso: 4 de Julho de 2010)

HEREDIA, Roberto R. e BROWN, Jeffrey M. (2004) – *Bilingual Memory*. In: Tej K. Bhatia e William C. Ritchie (ed.s), *The Handbook of Bilingualism*. Oxford: Blackwell publishers, pp.225-249.

HUDSON, Richard (2008) – *Word Grammar as a Basis for Language Instruction*. In: Peter Robinson e Nick C. Ellis (ed.s), *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*. Nova York: Routledge, pp.89-113.

IJALBA, Elizabeth, OBLER Loraine K e CHENGAPPA, Shymayala (2004) – *Bilingual Aphasia*. In: Tej K. Bhatia e William C. Ritchie (ed.s), *The Handbook of Bilingualism*. Oxford: Blackwell publishers, pp.71-89.

JIANG, Nan (2000) - *Lexical Representation and Development in a Second Language*. In: Applied Linguistics, 21/1, pp.47-77. Disponível em linha ([http://biblioteca.uqroo.mx/hemeroteca/applied\\_linguistics/full\\_text/volume-21-01-march-2000/210047.pdf](http://biblioteca.uqroo.mx/hemeroteca/applied_linguistics/full_text/volume-21-01-march-2000/210047.pdf)) (último acesso: 7 de Agosto de 2010)

KROLL, Judite F. (1993) – *Assessing Conceptual Representation for Words in a Second Language*. In: Robert Shreuder e Bert Weltrens (ed.s), *The Bilingual Lexicon*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp.54-81.

LAUFER, Bastia e NATION, Paul (2001) – *Passive Vocabulary Size and Speed of Meaning Recognition*. In: EUROSLA Yearbook 1, pp.7-28. Disponível em linha (<http://www.victoria.ac.nz/lals/staff/Publications/paul-nation/2001-Laufer-Speed.pdf>)

LEIRIA, Isabel (2004) – *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira*. In: Idiográfico. Revista Digital de Didáctica de PNM, nº3. Centro Virtual Camões. Disponível em linha ([www.instituto-camoes.pt/cvc/idiografico/03/portuguesLSeLE.pdf](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/idiografico/03/portuguesLSeLE.pdf)) (último acesso: 28 de Outubro de 2009)

LEIRIA, Isabel (2006) – *Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua não Materna*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Aplicada, Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia, Fundação Calouste Gulbenkian (FCT-FCG).

LIEVEN, Elena e TOMASELLO, Michael (2008) – *Children's First Language Acquisition from Usage-Based Perspective*. In: Peter Robinson e Nick C. Ellis (ed.s), *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*. Nova York: Routledge, pp.168-196.

LOWIE, Wander (1998) – *The Acquisition of Interlanguage Morphology: a Study into the Role of Morphology in the L2 learner's Mental Lexicon*. Dissertação de doutoramento, Amsterdão, Universidade de Groningen.

Mac WHINNEY, Brian (2008) – *A Unified Model*. In: Peter Robinson e Nick C. Ellis (ed.s), *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*. Nova York: Routledge, pp.341-371.

McLAUGHLIN, Barry (1984) – *Second-Language Acquisition in Childhood*. In: *Preschool Children Second Edition*, volume 1. Londres: LEA (ed.).

MACOIR, Joel e FOSSARD, Marion (2008) – *Mémoire à Long Terme et Langage : Différenciation entre l'Accès aux Mots en Mémoire Déclarative et l'Application de Règles en Mémoire Procédurale*. In : *Spectrum*, volume 1, Université de Montréal, pp.1-9. Disponível em linha ([www.eoa.umontreal.ca/spectrum](http://www.eoa.umontreal.ca/spectrum)) (último acesso : 7 de Julho de 2010)

MANELIS, Leon e THARP, David A. (1977) – *The Processing of Affixed Words*. In : *Memory and Cognition*, 5, pp.690-695.

MAREC-BRETON, Nathalie, GOMBERT, Jean-Émile e COLÉ, Pascale (2005) – *Traitements Morphologiques lors de la Reconnaissance des Mots Écrits chez des Apprentis Lecteurs*. In : *L'année psychologique*, vol.105, nº1, pp. 9-45.

MARKMAN, Ellen M. (1994) – *Constraints on Word Meaning in Early Language Acquisition*. In: Lila Gleitman e Barbara Landau (ed.s), *The Acquisition of the Lexicon*. Cambridge: MIT press, pp.199-227.

MARTINS, Cristina dos Santos Pereira (1997) – *Bilinguismo e Manifestações Verbais Bilingues. Uma breve Sinopse Teórica*. Separata da revista Portuguesa de Filologia. Coimbra (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), pp.63-125.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii (1989) - *Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª edição, Lisboa: editorial Caminho.

MEUNIER, Fanny e SEGUI, Juan (1999) – *Morphological Priming Effect: the Role of Surface Frequency*. In: *Brain and Language*, nº68, pp.54-60. Disponível em linha ([www.idealibrary.com](http://www.idealibrary.com)) (último acesso: 16 de Julho de 2010)

MORIN, Regina (2003) – *Derivational Morphological Analysis as a Strategy for Vocabulary Acquisition in Spanish*. In: *The Modern Language Journal*, nº87, pp.200-220.

NATION, Paul (1993) – *Vocabulary Size, Growth, and Use*. In: Robert Schreuder e Bert Weltens (ed.s), *The Bilingual Lexicon*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp.115-134.

NATION, Paul (2006) – *Vocabulary: Second Language*. In K. Brown (ed.), *Encyclopaedia of Language and Linguistics*, vol.13, 2ª ed. Oxford: Elsevier, pp.448-454. Disponível em linha (<http://www.victoria.ac.nz/lals/staff/Publications/paul-nation/2006-Vocabulary-second-language.pdf>) (último acesso: 16 de Junho de 2010)

NUNES, José Joaquim (1989) – *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – Fonética e Morfologia*. 9ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

PARADIS, Michel (2004) - *A Neurolinguistic Theory of Bilingualism*. Amsterdam : John Benjamins.

PAVARD, Bernard (1983) – *Traitement Perceptif des Mots Affixés : Mise en évidence d'un Contrôle Cognitif*. In : *L'Année Psychologique*, volume 83, nº2, pp. 443-464.

PIEL, Joseph M. (1940) - *A Formação dos Substantivos Abstractos em Português*. In: *Biblos*, XVI, 1, pp. 1-28.

RIO-TORTO, Graça Maria (1992) - *Do Ser à Acção: "o facto de ser X", "condição (estatuto) de X" e "atitude de (quem é) X"*. Separata da *Revista da Univ. de Coimbra*. vol. XXXVII, pp. 427-456.

RIO-TORTO, Graça Maria (1998) - *Morfologia Derivacional: Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora, colecção “Linguística” nº12.

RIO-TORTO, Graça Maria (2002) - *Morfossintaxe e Semântica dos Nominiais Derivados*. In: Maria Helena Mira Mateus e Clara Nunes (org.s), *Saberes do tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Colibri, pp.457-470.

RIO-TORTO, Graça Maria e Conceição Anastácio (2004) - *Estrutura e Interpretação dos Nomes Depredicativos em Português*. In: Graça Rio-Torto (org.), *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Almedina, pp.187-220.

RIO-TORTO, Graça Maria (2005a) – *Nomes Concretos e Nomes Abstractos: Propriedades Semânticas e Gramaticais*. In: Cristina Martins (coord.), *Os Programas de Português dos Ensinos Básico e Secundário*. Actas das III jornadas científico-

pedagógicas de português. Instituto de língua e literatura portuguesas, Universidade de Coimbra.

RIO-TORTO, Graça Maria (2005b) – *Organização de Redes Estruturais em Morfologia*. Disponível em linha (<http://ler.letras.up.pt>).

SANCHEZ-CASAS, Rosa e GARCÍA-ALBEA, José F. (2005) – *The Representation of Cognate and Noncognate Words in Bilingual Memory*. In: Judith F. Kroll e Annette M. B. de Groot, *Handbook of Bilingualism: Psycholinguistic Approaches*. Oxford: Oxford University Press, pp.226-250.

SEGUI, Juan (1992) – *Le Lexique Mental et l'Identification des Mots Écrits: Code d'Accès et Rôle du Contexte*. In: *Langue Française*. Vol.95, nº1, pp.69-79.

SHERKINA-LIEBER, Marina (2004) – *The Cognate Facilitation Effect in Bilingual Speech Processing: The Case of Russian-English Bilingualism*. In: *Cahiers Linguistiques d'Ottawa*, vol.32, pp.108-121. Disponível em linha ([http://clo.canadatoyou.com/32/Sherkina-Lieber\(2004\)CLO32\\_108-127.pdf](http://clo.canadatoyou.com/32/Sherkina-Lieber(2004)CLO32_108-127.pdf))

SCHREUDEUR, Robert e BAAYEN, R. Harald (1995) – *Modeling Morphological Processing*. In: Laurie B. Feldman (ed.), *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, pp.131-154.

STOWE, Laurie E. (2006) – *When Does the Neurological Basis of First and Second Language Processing differ? Commentary on Indefrey*. In: Marianne Gullberg e Peter Indefrey (ed.s), *The Cognitive Neuroscience of Second Language Acquisition*. Malden: Blackwell Publishing, pp. 305-311.

TAFT, Marcus (1979) – *Recognition of Affixed Words and the Frequency effect*. In: *Memory and Cognition*, nº 7, pp. 263 – 272.

TAFT, Marcus (2004) – *Morphological Decomposition and the Reverse Base Frequency*. In: *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, vol.54, pp. 745-765.

TAFT, Marcus (1994) – *Interactive-activation as a Framework for Understanding Morphological Processing*. In: *Language and Cognitive Processes* 9, pp.271-294.

TAFT, Marcus e FORSTER, Kenneth (1975) – *Lexical Storage and Retrieval of Prefixed Words*. In: *Journal of Verbal learning and Verbal Behavior*, nº14, pp. 638-647.

TYLER, Andrea (2008) – *Cognitive Linguistics and Second Language Instruction*. In: Peter Robinson e Nick C. Ellis (ed.s), *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*. Nova York: Routledge, pp.456-488.

TYLER, Andrea e NAGY, William (1989) – *The Acquisition of English Derivational morphology*. In: *Journal of Memory and Language*, nº28, pp. 649 – 667.

VILLALVA, Alina (2003) - *Estrutura Morfológica Básica*. In: Mateus, M. Helena Mira et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 917-938.

VILELA, Mário (1995) - *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da Palavra, Gramática da Frase, Gramática de Texto*. Coimbra: Livraria Almedina.

WHITE, Lydia (2000) – *Second Language Acquisition: From Initial to Final State*. In: Joan Archibald (ed.), *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. Londres: Blackwell Publishers, pp.130-155.

WILLIAMS, Edwin (1994) – *Remarks on Lexical Knowledge*. In: Lila Gleitman e Barbara Landau (ed.s), *The Acquisition of the Lexicon*. Londres: MIT press, pp.7-34.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1 – O INQUÉRITO**

## QUESTIONÁRIO

### 1. DADOS DO INFORMANTE:

Nome \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

Nacionalidade \_\_\_\_\_ sexo: M  F

Há quanto tempo está em Portugal? \_\_\_\_\_

Que nível de língua portuguesa frequenta? \_\_\_\_\_

Quantos semestres de português já frequentou? \_\_\_\_\_

Já falava/ compreendia o português antes de chegar a Portugal? Sim  Não

Se sim, onde e como aprendeu o português? Durante quanto tempo? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Língua (s) materna (s) \_\_\_\_\_

Que outras línguas fala? \_\_\_\_\_

Que outras línguas compreende? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### **EXERCÍCIO 1**

Para cada palavra da coluna **A**, encontra um substantivo correspondente e transcreve-o na coluna **B** (várias soluções podem ser possíveis).

**Ex: claro** → **(a) claridade/ (a) clareza**

A	B		
<i>claro</i>	<i>claridade</i>	<i>clareza</i>	
alegre	_____	_____	_____
azul	_____	_____	_____
certo	_____	_____	_____
escuro	_____	_____	_____
fatal	_____	_____	_____
firme	_____	_____	_____
leve	_____	_____	_____
magro	_____	_____	_____
moderno	_____	_____	_____
nu	_____	_____	_____
rápido	_____	_____	_____
vago	_____	_____	_____
vazio	_____	_____	_____



### **EXERCÍCIO 3**

Identifica e transcreve a palavra que se encontra na base daquela que te é dada na coluna **A**; transcreve nas colunas **B** e **C**, de acordo com o modelo abaixo.

Ex: *suavidade* → *suave + -idade*

<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>
<i>suavidade</i>	<i>suave</i>	<i>-idade</i>
bondade	_____	_____
complexidade	_____	_____
embriaguez	_____	_____
escassez	_____	_____
franqueza	_____	_____
generosidade	_____	_____
honradez	_____	_____
humanidade	_____	_____
imensidão	_____	_____
macieza	_____	_____
madureza	_____	_____
negridão	_____	_____
optimismo	_____	_____
organismo	_____	_____
rapidez	_____	_____
religião	_____	_____
rigidez	_____	_____
sageza	_____	_____
servidão	_____	_____
vaidade	_____	_____
verdade	_____	_____

#### EXERCÍCIO 4

- a. Relaciona, sempre que possível, as palavras da coluna **A** com as palavras da coluna **B**. À coluna **A** pode corresponder mais do que uma palavra da coluna **B**.

Ex: *largo* → *largura/ largueza (4 e 8)*

A	B
bonito _____	1. cegueira
branco _____	2. boniteza
cego _____	3. certeza
certo _____	<b>4. largura</b>
emotivo _____	5. branquidão
estúpido _____	6. emotiveza
<b>largo</b> <b>4 e 8</b>	7. estupidez
rude _____	<b>8. largueza</b>
simples _____	9. brancura
	10. simplicidade
	11. rudeza
	12. ceguidão
	13. emotividade
	14. certitude
	15. estupidade
	16. rudismo
	17. simplismo
	18. bonitidão

- b. Transcreve as palavras da coluna **B** que não seleccionaste; Justifica a razão das tuas escolhas.

---

---

---

---

---

## **ANEXO 2 – FREQUÊNCIA NÚMERICA DOS ITENS LEXICAIS**

## Frequência numérica dos adjetivos segundo os dados do CORLEX

<b>1. Adjetivos</b>	<b>Frequência numérica</b>
Alegre	325
Amarelo	1105
Avaro	22
Azul	432
Bom	10285
Bonito	1389
Branco	2935
Cego	285
Certo	2197
Complexo	787
Delgado	88
Delicado	469
Emotivo	91
Escasso	554
Escuro	1121
Estúpido	257
Eterno	563
Fácil	2246
Fatal	350
Firme	534
Fresco	704
Franco	218
Generoso	258
Gentil	81
Honesto	221
Honrado	20
Humano	3747
Igual	2197
Imenso	371
Lento	864
Leve	1133
Magro	488
Macio	273
Maduro	173
Moderno	1354
Negro	489
Nu	471
Ótimo	419
Pobre	1227
Pronto	1358
Rápido	1805
Rígido	237
Rude	181
Sensato	102

Servo	10
Simples	2633
Subtil	236
Tímido	239
Vago	713
Vazio	547

## Frequência numérica dos derivados segundo os dados do CORLEX

<b>2. Nomes abstractos deadjectivos</b>	<b>Frequência numérica</b>
Alegria	1142
Amarelidão	—
Avareza	10
Bondade	145
Boniteza	—
Brancura	92
Cegueira	110
Certeza	1924
Complexidão	—
Complexidade	262
Delgadeza	—
Delicadeza	90
Emotividade	33
Escassez	136
Ecuridão	222
Ecuridade	9
Estupidez	102
Eternidade	202
Facilidade	679
Fatalidade	89
Fatalismo	34
Firmeza	172
Fresquidão	—
Franqueza	79
Generosidade	129
Gentileza	36
Honestidade	97
Honradez	9
Humanidade	474
Humanismo	41
Igualdade	533
Imensidão	59
Lentidão	137
Leveza	82
Magreza	33
Macieza	7
Madureza	—
Modernidade	127
Modernismo	51
Negridão	6
Nudez	93
Nudismo	—

Optimismo	242
Pobreza	483
Prontidão	26
Rapidez	258
Rigidez	99
Rudeza	41
Sensatez	33
Servidão	55
Simplicidade	255
Subtileza	91
Timidez	128
Vagueza	—

**ANEXO 3 – TABELA DAS COMBINATÓRIAS OBTIDAS NO  
EXERCÍCIO 1**

## Combinatórias – Exercício 1

Adjectivo-base	Combinatórias
Alegre	alegria + alegridade (7 (+ alegreza 1)) alegria + alegrismo (3) alegria + alegreza (6) alegridade + alegreza (1)
Azul	azulidade + azuleza (4) azuldade + azuleza (1) azulejo + azulez (2) azulejo + azulidão (1) azulejo + azulidade (1)
Certo	certeza + certidade (12) certura + certeza (1) certidão + certeza (3) certicidade + certeza (1) certidade + certeza + certidão (1)
Escuro	escuridade + escuridão (7) escuridade + escureza (11) escuridão + escureza (1) escuridade + escureza + escuridão (1)
Fatal	fatalidade + fataleza (9) fatalidade + fatalismo (12) fatalidade + fatalismo + fataleza (1)
Firme	firmedade + firmeza (3) firmidade + firmeza (6) firmeza + firmismo (1) firmidade + firmidão (1)
Leve	levedade + leveza (4) levidade + leveza (8)

Magro	<p>magreza + magrismo (1)  magridade + magreza (8)  magreza + magredade (1)  magritude + magrismo (1)  magritude + magreza (1)  magrez + magrismo (1)</p>
Moderno	<p>modernidade + modernez (1)  modernidade + moderneza (8)  modernidade + modernismo (11)  modernização + modernidade (1)  modernização + modernismo (1)</p>
Nu	<p>nudez + nudismo (4)  nuidade + nueza (1)  nuidade + nudeza (3)  nudeza + nudismo (1)  nuedade + nudismo (1)  nueza + nuismo (1)  nudade + nudeza (1)</p>
Rápido	<p>rapidez + rapidez (8)  rapidismo + rapidez (1)  rapidez + rapidezza (1)  rapidez + rapidezza (2)</p>
Vago	<p>vagidade + vageza (1)  vaguedade + vagueza (1)  vaguidade + vagueza (1)</p>
Vazio	<p>vazidade + vazieza (1)</p>